REVISTA DA ACADEMIA

NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS

VOLUME 35 NÚMERO 68 NATAL/RN SETEMBRO/1984

REVISTA DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS

VOLUME 35 - NÚMERO 23 - NATAL/RN - SETEMBRO/1991

SUMÁRIO

Esta Revista

Páginas

I — O pensamento acadêmico sobre vários temas 11
— Reflexões - Mário Moacir Porto 13
— Três notas sobre Otávio Paz 15
— Pensamento universitário no semi-árido nordestino João Wilson Mendes Melo 19
— Quando medicina é assunto de literatura-Alvamar Furtado de Mendonça 27
II — Nossos Poetas 35
— Poema principalmente em homenagem ao Baoba - Dorian Gray Caldas 37
III — Ética 39
— Ética para hoje - Nestor dos Santos Lima 41
IV — História 47
— A casa de pedra do Rio Potengi-Olavo de Medeiros Filho 49
V — Memória 53
— Da Alemanha ao Brasil no maior dirigível-Raul Fernandes 55
VI — Contos 59
— Os mini-contos de Maria Eugênia Montenegro 61
VII — Posse de Acadêmicos 67
— Discurso de posse de Sanderson Negreiros 69
— Discurso de Nilo Pereira em saudação a Sanderson Negreiros 75
VIII — Necrológico e declaração de vaga 83
— Discurso de Grácio Barbalho no necrológico de Ascendino de Almeida 85
— Ascendino, Grácio e a oração fúnebre-José Melquíades 88
IX — Ensaio 91
— Música, divina música - Pe. Jorge O'Grady de Paiva 93
X — O pensamento de amigos da Academia 101
— Produções literárias de escritores potiguares-José Nazareno Moreira de Aguiar 103
— Relembrando João Medeiros Filho-Jomar Medeiros 108
— Pensamentos evadidos de Jorge Fernandes-Marcos Antonio de Morais 112

I

PENSAMENTO ACADÊMICO SOBRE VÁRIOS TEMAS

às notas, são instrumentistas para ser escutados e não intérpretes para serem entendidos. Padecem da mediocridade da perfeição aparente. O mesmo acontece com a exegese da lei jurídica. Aplicá-la é exprimi-la, não como uma disciplina limitada em si mesma, mas como uma direção que se flexiona às sugestões da vida.

I

PENSAMENTO ACADÊMICO SOBRE VÁRIOS TEMAS

REFLEXÕES

Mário Moacyr Porto

1. Não sabe muito quem sabe apenas aquilo que aprendeu.
2. Tudo que se paga com dinheiro é barato.
3. Um amigo é um irmão que a gente escolhe.
4. A fantasia é a imaginação em dia de folga.
5. É inutil esticar o pescoço de um ganso para transformá-lo em um cisne. Quem nasceu ganso de quintal jamais alcançará o desempenho e a beleza de um cisne do lago.
6. A linha reta não tem graça nenhuma. Tudo que é belo neste mundo é curvo ou sinuoso: O arco-íris, o vôo dos pássaros, a anatomia das mulheres, a desconcertante aventura de viver.
7. A verdade, no plano do chamado conhecimento científico, é o último equívoco bem sucedido.
8. O real não é o verdadeiro. Se o verdadeiro fosse o real, o artesanato da fotografia teria liquidado a arte dos pintores.
9. É próprio do homem lutar mais pelos seus interesses materiais do que pelas suas prerrogativas jurídicas, mas todo ele percebe, por instinto ou intuição salvadora, que somente na disciplina das suas ambições é que se assegura a preservação da sua dignidade. E é por isto que o Direito é imortal.
10. Pior do que ser ateu é ser a toa.
11. Ao homem só se chega pela emoção e não pelo raciocínio. Para o trabalho de restauração do Direito na confiança e na estima dos homens mais vale o arrojo dos insurgentes do que a prudência dos glosadores, mas frutifica o idealismo temerário de D. Quixote do que o algido bom senso de Sancho Pança.
12. A casa do Direito como a casa de Deus tem muitas moradas, mas não há lugar, em nenhuma delas, para os débeis de vontade e fracos de coração.
13. A lei não esgota o Direito, como a partitura não esgota a música, pois as notas musicais, como os textos de leis, são processos técnicos de expressão e não meios inextensíveis de exprimir. Há "virtuoses" do piano que são, na verdade, datilógrafos do teclado. Infiéis a música por excessiva fidelidade

às notas, são instrumentistas para ser escutados e não intérpretes para serem entendidos. Padecem da mediocridade da perfeição aparente. O mesmo acontece com a exegese da lei jurídica. Aplicá-la é exprimi-la, não como uma disciplina limitada em si mesma, mas como uma direção que se flexiona às sugestões da vida.

TRÊS NOTAS SOBRE OCTÁVIO PAZ

Veríssimo de Melo

OCTÁVIO PAZ E A DEMOCRACIA

Octávio Paz - o pensador político, ensaista, poeta e diplomata mexicamo foi agora distinguido com o prêmio Nobel de Literatura 1990. Em 1984, recebeu o prêmio da Paz do Comércio Livreiro Alemão, a mais significativa láurea cultural da ex-Alemanha Ocidental. Justificando a entrega daquele prêmio, disse o então presidente alemão, Rixchard Von Weizsacker - conforme lemos na revista "HUMBOLDT", 49, Munique, 1984: "Ninguém meditou mais a fundo sobre os problemas sociais, econômicos, políticos e culturais da América Latina do que Octavio Paz. A ela é voltada a sua grande obra crítica, sua enorme produtividade intelectual". Lembrando a experiência de Cervantes com a liberdade, citou o próprio agraciado: "Com Cervantes inicia-se a crítica ao absoluto e começa a liberdade. E ela começa com um sorriso, não de alegria, mas do saber. A pessoa é um ser precário, complexo, duplo ou triplo, assolado por fantasmas, atropelado pela avidez, removido pela ansiedade; um espetáculo deslumbrante e lastimável. Cada pessoa é única, e cada pessoa é muitas pessoas, que ele não conhece; o eu é pluralista. Cervantes sorri; aprender a ser livre significa aprender a sorrir".

Agradecendo a distinção do governo alemão, Octávio Paz autocriticou-se, discorrendo sobre a sua vocação de escritor: "Tenho escrito e escrevo porque compreendo a literatura como um diálogo com o mundo, com o leitor e comigo mesmo - e o diálogo é o contrário tanto da algazarra que nos nega, quanto do silêncio que nos ignora". "Ser poeta não é só aquele que fala, mas também aquele que escuta".

Fora essas passagens filosóficas ou literárias, o discurso de Octavio Paz foi, naquela ocasião, quase todo político. Analisou o momento político na América Central e criticou duramente os EE.UU. pelo posicionamento histórico em favor das oligarquias daqueles países. Abandonando-os, surgiu então o levante popular. Derrubada a ditadura na Nicarágua, repetiu-se o caso de Cuba. "...uma elite de líderes revolucionários reclamou só para si a revolução. Com estímulo de Cuba e auxílio técnico e militar da União Soviética, foi desvirtuado o sentido original da revolução popular. Instituiu-se ali uma ditadura militar-burocrática. "Nesse ponto, Octavio Paz criticou os escritores que justificaram a antiga situação do governo ditatorial na Nicarágua: "Por que - perguntou - aprovaram a introdução

na Nicarágua de um sistema de governo que em seu próprio país haveriam de desclassificar como insuportável? Por que razão o que aqui seria odiado, lá é digno de admiração?"

A solução do conflito na Nicarágua, para Octavio Paz, estava na democracia. Só ela poderia trazer a paz para aquele povo ou qualquer outro subjugado por uma ditadura. Embora não visse relação de causa e efeito entre Democracia e Paz - já houve democracias belicosas - afirmava que "a forma democrática de Estado nos abre espaço propício à discussão das coisas públicas, portanto, também aos temas da paz e da guerra. Acrescentou: "Só se defendermos a democracia ser-nos-á possível preservar e consolidar a paz". Mostrou que desse princípio se poderão aduzir três outros: buscar constantemente o diálogo com o adversário, com perserverança, condescendência, flexibilidade e firmeza; não sucumbir à chantagem do militarismo e nem se aterrorizar com o terror; reconhecer que a defesa da democracia em nosso próprio país é inseparável da solidariedade com os que lutam por ela nos países totalitários, ou sob a violência de ditaduras militares em qualquer lugar". Concluiu. "Enquanto os dissidentes lutam pela democracia, eles lutam pela paz - lutam por todos nós. "Terminou sua oração voltando ao tema do diálogo, que,, para ele, "é apenas uma das forma, talvez a mais sublime, da harmonia cósmica".

A LIBERDADE SÃO OS OUTROS

Em debate recente, promovido pelo jornal "La Nación" e televisão argentina, dois notáveis escritores latino-americanos, Octávio Paz, mexicano, e Mário Vargas Llosa, peruano, se pronunciaram sobre problemas da atualidade política no continente e no mundo.

A entrevista foi aberta com o conceito de Octávio Paz, relembrado por um dos presentes: **"A liberdade são os outros."** Claro que todos entendemos o sentido da concepção do escritor e diplomata mexicano: se não há liberdade para os outros, não haverá também para nós. Dita de outra forma, é a mesma concepção que está contida na Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, de 1789: **"A liberdade consiste em poder fazer o que não prejudica a outrem".**

Na oportunidade, Octávio Paz esclareceu o seu ponto de vista: "...a liberdade é uma noção, um conceito, uma idéia que não se pode definir sozinha, sempre se define frente a algo. Em termos filosóficos, define-se frente à necessidade ou à determinação. Traduzido em termos históricos e sociais, quer dizer simplesmente que minha liberdade tem um limite e que é a liberdade dos outros. Todo o problema político é o problema de encontrar o espaço comum à liberdade. Porque, depois de tudo, a liberdade não somente é a de cada um, sempre a liberdade é algo compartido com os outros. Em consequência, a sociedade pode criar espaços nos quais se enlacem as distintas liberdades, sem ofender-se". Acrescentou: "É um problema político, moral da nossa época o de encontrar os limites da liberdade. Porém, seria muito perigoso deixar ao Governo, deixar aos poderosos, ao Estado, a prerrogativa de limitar ou determinar o campo da liberdade".

Eis problema crucial do nosso tempo: os limites da liberdade a cargo do Estado. Vargas Llosa interviu no debate, afirmando: "A grande limitação para a liberdade em nosso tempo provém do Estado. Disso que justamente Octávio Paz chamou de "ogro filantrópico", essa instituição cada vez mais gigante, elefantiásica em realidade, tanto no mundo ocidental como em outros mundos, que se arroga a todas as prerrogativas: fazer o bem, trazer a felicidade, impor a justiça, e o resultado é quase sempre o mesmo em todas as culturas: a diminuição da liberdade dos indivíduos. Creio que é este o perigo maior para a liberdade entendida em termos políticos e sociais de nosso tempo: o Estado".

O debate prosseguiu com outros temas igualmente relevantes e merecedores de reflexão. O nacionalismo cultural, por exemplo, foi condenado veementemente por Vargas Llosa, quando disse: "A cultura de um país se cimenta e consolida abrindo suas portas e janelas ao contacto de outras culturas em um intercâmbio, um comércio no qual cada país toma o que lhe importa e lhe serve melhor, e a partir disso cria sua própria personalidade". Octávio Paz condenou o outro extremo: o excessivo cosmopolitismo, que também tem seus perigos, pois ninguém pode ser genuíno se depende apenas das modas de fora, concluindo: "Talvez a cultura consista numa sorte de equilíbrio muito difícil de medir pelos demais, entre o aprendido e o nativo". Quando indagaram se o Estado deveria dosá-lo, Octávio Paz exclamou, exaltado: "Não, de maneira nenhuma. O Estado não tem nada que fazer com a cultura, sobretudo com a criação cultural. O único que tem que fazer é respeitá-la, estimulá-la, porém, protegê-la de outro modo, não, porque, em geral, o Estado pretende dirigir a cultura". Concluiu: "O Estado convertido em gramático ou convertido em artista é fatal.

Quando se falou na possibilidade da criação de um Ministério da Cultura no seu país, Vargas Llosa protestou energicamente: "...é uma das grandes aberrações que pode cometer um país, como se realmente a cultura pudesse ser obra de burocratas". Octávio Paz relembrou que em França um ministério dessa natureza foi inventado por Malraux, "homem muito culto", porém a instituição teve origem na Rússia Soviética ou na Itália — "um erro enorme".

Aí estão posicionamentos sobre problemas políticos e filosóficos na palavra de dois dos maiores escritores latino-americanos dos nossos dias.

OCTÁVIO PAZ NO JAPÃO

Pronunciamentos de Octávio Paz são sempre admiráveis e surpreendentes pela profundidade dos conceitos e clareza de forma. Não é sem razão que ele é justamente considerado uma das vozes mais respeitáveis da intelectulidade latino-americana contemporânea.

Revisitando o Japão, que já conhecia logo depois da guerra, impressionou-o o ar civilizado da nação, apesar do seu explosivo desenvolvimento tecnológico. À imprensa, disse ele: "Os japoneses conseguiram algo maravilhoso: ser modernos e ser corteses. A cortesia é muito importante, porque significa domínio do egoísmo e das paixões, respeito pelo vizinho, pelo próximo". Disse mais que "a verdadeira civilização está fundada na cortesia e no respeito aos outros. A cortesia em política — acrescentou — se chama democracia, e, em estética, se chama amor pela forma".

Na conferência pronunciada na Universidade de Sofia, declarou que "a novidade histórica dos povos japonês e latino-americanos reside não nas agitações e tiranias, mas num conjunto reduzido porém excepcional de poemas, novelas e contos. A literatura mundial é mais rica e diversa graças a esse punhado de obras literárias".

Importante, para nós, brasileiros, foi a afirmação de Octávio Paz separando nitidamente as três literaturas americanas: a latino-americana, a dos Estados Unidos e a do Brasil. Apesar das diferenças fundamentais entre as três sociedades americanas, há um traço comum entre as suas literaturas: o uso de uma língua européia transplantada ao continente americano. Essas literaturas — disse com outras palavras — se propuseram sempre a romper as relações de dependência com a Europa por um duplo movimento: por uma parte, buscaram apropriar-se das formas e maneiras prevalecentes na Europa e, por outra, trataram de expressar a natureza americana e os homens que viviam no nosso solo.Por isso, adiantou que "os nossos grandes autores foram, simultaneamente, cosmopolitas e americanos, com os pés em terra e a cabeça nas nuvens. Ou o inverso: uns praticaram o vôo até acima e outros até abaixo, uns foram mineiros nas alturas e outros aviadores das profundidades. As duas atitudes devem ver-se não como tendências separadas e inimigas, senão como linhas que se entrecruzam, se bifurcam, se enlaçam e tornam a separar-se, formando um tecido vivo. Este tecido é a nossa literatura". Em resumo, frisou "que a literatura americana é uma arte de exploração, não é uma poesia que mostra um caminho, senão que o busca."

PENSAMENTO UNIVERSITÁRIO NO SEMI-ÁRIDO NORDESTINO

João Wilson Mendes Melo

Neste mesmo lugar, há quase trinta anos passados, (21/03/59) vivemos as emoções de um fato fundamental na vida do Estado: a instalação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, criada em 25/06/58.

Os sonhos de gerações de estudiosos se realizaram, numa conquista que abriria para muitos uma frente de trabalho intelectual para formar a essência espiritual e sensitiva desse novo e máximo organismo, enquanto uma fonte de atividade surgia, como meio de promoção para toda uma comunidade.

Era o sétimo dia da criação, num processo que vinha ocorrendo com o interesse geral e a liderança de alguns que as testemunhas vivas e a história não esquecerão. Foi o ato oficial, sob a presidência do governo de então, chefiado por Dinarte de Medeiros Mariz, com o esforço heróico do Prof. Onofre Lopes da Silva, seu verdadeiro fundador, e a palavra de consagração na aula inaugural de Luis da Câmara Cascudo.

Os dias seguintes seriam, como foram, os de uma região engrandecida pelo instrumento que vinha às suas mãos, como uma imposição, mais do que um convite, para que lutasse e desse ao grande corpo jurídico educacional que nasceu, a substância material que o faria sobreviver e a alma que o faria racional.

Como uma comunidade de professores e alunos, propósito das origens medievais das grandes instituições universitárias, a do Rio Grande do Norte surgiu também com uma finalidade nova, de aquisição moderna, que foi a de extensão universitária. Com a limitação de apenas assistencialista, de início, mas com todo um programa de tornar-se promocional, atendidos os primeiros reclamos da pobreza e da miséria reinantes. O Brasil inteiro seguiu este exemplo em atos oficiais posteriores.

A tarefa de sua consolidação não teve descontinuidade, desde a importação de alguns professores de disciplinas especializadas até a autosuficiência docente. Da construção do espaço físico próprio e adequadamente arquitetado; do crescimento do seu órgão vital que é a biblioteca; da aquisição dos instrumentos de motivação e de trabalho experimental; do enriquecimento de um corpo discente pela mentalidade consciente e crítica, chegou-se à consciência universitária que deverá atentar para a fisionomia da região, com o pensamento e o olhar na conjuntura nacional e em todos os aspectos da vida.

Na continuidade do seu desenvolvimento e aperfeiçoamento, os reitorados de Onofre Lopes da Silva, Genário Alves da Fonseca, Domingos Gomes de Lima, Diógenes da Cunha Lima, Genibaldo Barros e Daladier Pessoa Cunha Lima, nos trouxeram daqueles dias até hoje.

E além dos que figuram no campo especificamente executivo, muitos são os homens e mulheres do estudo aprofundado e intenso que lhe forneceram e estão fornecendo a razão de ser de sua existência como entidade intelectual e de cultura, de ensino e pesquisa. Esse trabalho tem chegado em parte à luz da publicidade, em forma de teses, ensaios, críticas e todo gênero de literatura; e outros existem, constatados no brilho das aulas, na conclusão das pesquisas de campo e de laboratório. Possuimos valores, entre professores e professoras de várias tendências, que honram a instituição e projetam seu nome.

Consolidada no aspecto da graduação, com os seus cursos reconhecidos, partiu a Universidade para o estágio posterior da pós-graduação, contando hoje com uma dezena de cursos de mestrado e número apreciável de especializações e aperfeiçoamentos; expandiu-se ao interior nos núcleos avançados e cercou-se de organizações e fundações com finalidades específicas.

Para comprovarmos o acerto da iniciativa e sua utilidade, basta interrogar os que tiveram que fazer curso superior antes da existência de graduação em Natal, quando apenas se experimentava a grandeza de um estabelecimento como o Atheneu Norte Riograndense, matriz de todas as organizações culturais do Estado.

Quase tudo mudou no Rio Grande do Norte depois da Universidade. Passou a haver oportunidades de promoção de uma mocidade pobre e estímulo à renovação e crescimento de um professorado inteligente que queria também engrandecer em conhecimentos.

Comparem-se os títulos expostos nas livrarias da cidade e de suas bibliotecas públicas e particulares; como eram e como passaram a ser, para atender à elevação de conteúdo dos currículos acadêmicos e dos curriculum vitae em caminhada ascendente de mestres e discípulos.

O ambiente intelectual do Estado agitou-se, sepultando o conformismo que ainda existia, na efervescência da vontade coletiva de mais um grau na inteligência e na sabedoria.

A Universidade proporcionou essa ascensão, engrandeceu o Rio Grande do Norte e, talvez, o seu valor maior esteja naquilo que ainda haverá de proporcionar, pelo efeito multiplicador, se carrear suas atenções, mais e mais para a conjuntura local.

Sua federalização, posterior, aumentou seus horizontes, pelos recursos materiais atraídos para a ex-província e o intercâmbio nacional e internacional mais intenso.

Nesta data, assinalando três décadas de trabalho, ela bem merece o reconhecimento e o louvor do Estado a que serve e de todos a quem aperfeiçoa e eleva.

E eis que, como tem feito em assembléias anteriores, quer homenagear alguns daqueles que se destacaram na atividade do ensino e deixaram as salas de aulas com marcas muito vivas de sua contribuição, e ainda os que se destacaram nas atividades-meios essenciais.

Em nome da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, cumpre-nos fazer a todos estes a merecida saudação.

Inspiramo-nos, de início, em palavras do poeta americano Ezra Pound, também crítico e ensaísta, quando diz — "O mau crítico se indentifica facilmente quando começa a discutir o poeta e não o poema".

Por isso, mais do que as figuras individuais de cada um dos homenageados, de qualidades reconhecidas pela sociedade e pelos setores universitários que os apontaram, divisamos seus trabalhos na instituição, seus poemas em forma de aula, de demonstrações científicas, de indagações e de lutas.

São eles, com o título de Professor Emérito: Max Cunha de Azevedo, Joaquim Luz Cunha, José Aribaldo de Carvalho, José Bonifácio de Carvalho, e, numa homenagem póstuma, Edilson Pereira Pinto.

Se a distinção de professor emérito lhes é conferida por decisão dos colegiados superiores, significa que, ao tempo de suas atividades, foram daqueles professores que exerceram sua missão, alguns desde os tempos pioneiros da implantação, de forma digna e exemplar e não se extinguem como tais pelo afastamento legal, porém continuam, mais elevados, na categoria dos que não serão esquecidos.

Cada um deles tem sua história de sacrifícios e vitórias, captada na crônica do quotidiano, nas lições brilhantes porque bem aprendidas nos livros e na prática da vida profissional. Trouxeram para a Universidade o produto da colheita de anos de estudos e experiência nas ciências sociais, na ciência da saúde, na biociência, nas ciências humanas e nas ciências exatas.

Igualmente, os que compõem e mantêm a estrutura dessa superestrutura intelectual, recebem, por sua vez, na figura dos escolhidos, o reconhecimento do valor do seu trabalho.

A Medalha do Mérito coube, agora, a Maria do Carmo Nascimento, Delza Teixeira Leal, Francisca Matias de Sousa, Benedito Lima dos Santos, Ivanosca Magalhães de Noronha, Manuel Justino Filho e Francisco Xavier de Oliveira.

Consagra-se, assim, simbolicamente, o cumprimento do dever funcional. Suas biografias registram a contribuição peculiar no esforço da transmissão do conhecimento ou na tarefa de apoiar as funções relevantes para que a instituição chegada à maturidade, possa contar, com orgulho, realizações de grande ou relativo valor.

A Universidade saúda a todos eles e agradece o ensinamento que proporcionaram, de um desempenho eficiente, por tantos anos de dedicados serviços.

* * * * *

Numa reflexão oportuna, neste grande e significativo encontro, hoje para comemorar, podemos dizer que é incontestável a nossa presença no terreno da moderna ciência e tecnologia.

Para as ciências físicas, naturais e humanas, a contribuição brasileira, na sua quase totalidade, é nascida na Universidade ou foi por ela fortemente influenciada. Tem sido apreciável na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, considerando-se a jovialidade das nossas instituições acadêmicas e o número apreciável de pesquisas e de teses, já divulgadas para sua maior utilidade.

Os catálogos ultimamente editados atestam à saciedade esta afirmação. Poucos são os campos do conhecimento a que não tenha sido dada alguma contribuição de valor.

Nas pesquisas, muitas que têm merecido o apoio de agências nacionais e internacionais, e nas teses de mestrado, nas áreas de saúde, da biociência, das ciências exatas, da tecnologia, das ciências sociais aplicadas, como a Economia e a Política, das ciências humanas, como a História e a Geografia, nas letras e nas artes, têm sido revolvidos temas considerados vitais, com a revelação conseqüente de conclusões objetivas ou apresentação de grandes questionamentos.

A pesquisa se acha, dessa forma, regular e sistematizada ao lado do ensino, em muitas das áreas do conhecimento, acompanhando-se a tendência em voga e o exemplo dos maiores centros educacionais.

Todas essas realizações, no entanto, não fizeram nossa Universidade esquecer daqueles que constituem o objeto princípal de suas atividades: os estudantes. Criou uma gama de serviços de assistência e promoção a eles destinados, e que são, além dos tradicionais, o serviço social; o aconselhamento psicológico; as bolsas de esporte e de arte; o Atelier de pintura e cerâmica; a permuta de livros usados que deu lugar à criação da Cooperativa Cultural que é uma lição do sistema cooperativista triunfante; o ensino auxiliar em família, que ajuda financeiramente e tem sido em alguns casos a única fonte orçamentária particular. Sem exigirem grandes recursos, esses Serviços são mais um atestado de propósitos sociais definidos. Por isso, foram imitados por outras Universidades do país e alguns adotados oficialmente pelo Ministério da Educação, depois de discutidos em encontros nacionais. Também foi em favor do estudante que se empenhou a Universidade Federal do Rio Grande do Norte na formação de mestres e doutores. Tudo num esforço incessante que sabemos não ser maior pela limitação dos meios.

Na atualidade, no âmbito das ciências sociais, a Universidade brasileira, com a nossa participação, tem levado ao conjunto do seu próprio acervo cultural, alguns estudos válidos pela vivência nos sistemas do colonialismo, do escravismo, do capitalismo e das lutas pela liberdade, contribuindo, mais recentemente, com indicações sobre populismo, autoritarismo, transição para regimes melhores, e sobre os problemas políticos e econômicos que vêm desafiando os homens e o tempo.

Colaboramos, até, para a constatação, renovada e atualizada, de que todos os princípios e regras políticas de convívio social e os mais diversos preceitos ideológicos, são insuficientes para inspirar à sociedade uma prática comportamental de respeito, sobretudo ao direito coletivo e ao procedimento de posições honestas; que são insuficientes para evitar a generalização da violência e das corrupções, como as de agora, não superadas em nenhuma fase da história.

Contribuimos, via de conseqüência, para o ressurgimento dos axiomas morais, postergados como velharias, numa atitude impensada e aleatória que resultou na situação lastimável que presenciamos e que transforma figuras humanas em caricaturas amorais, com o perigo de uma imitação negativa geral, que começa de cima e jorra em cascata nos degraus das várias hierarquias. Ganhamos força ao observar que o mundo inteiro confessa, inclusive pela palavra dos seus maiores líderes e reformadores, que sem essa moral, nem os códigos e leis, nem os órgãos de informação e repressão, nem as prisões, os pelotões de fuzilamento, os campos de concentração, os internamentos psiquiátricos ou as torturas, conse-

guem dar ao homem o comportamento social mais elementar, indispensável à convivência feliz.

E, certamente, a Universidade brasileira não chega a contribuir mais ainda para catalogação dessas e de outras observações ou lições, porque, algumas vezes, se tem particularizado, se tem encastelado em pontos de vista ingeridos prévia e dogmaticamente esquecendo, por isso, o conjunto ou a globalidade das idéias já adquiridas com suor e lágrimas; não vendo, conseqüentemente, com a isenção necessária, os resultados para o bem ou para o mal do homem.

Sobre esse procedimento, temos indicadores eloqüentes: alguns programas elaborados para cumprimento nos períodos letivos. Demasiadamente subordinados a uma única direção ideológica, destanciam-se do próprio título da disciplina. Seus preceitos são tidos como verdades indiscutíveis. Nas aulas, nas exposições e palestras, as mesmas idéias, as mesmas conclusões, os mesmo e únicos autores, os mesmo e únicos líderes. Um conteúdo, uma forma e um estilo que lembram as circulares administrativas, taxativas e ordenadoras.

Todo aquele método que se condenou no passado e por sua causa se chamou uma época inteira de obscurantista, porque não permitia a indagação e a dúvida, quase sempre construtivas.

Vários ópios, em novas cores, e novos sabores, galgam prestígio para além do povo, mas não perdem, por isso, as características patológicas das drogas que limitam ou embotam as inteligências.

Não se percebe que restringir o ensino aos temas e à correntes ideológicas únicas, excludentes de outras, é discriminação e intolerância que deveriam ter ficado no passado de outra idade da História, pois não deixarão de ser negativos porque são contrários aos da intolerância antiga. Antes as fogueiras, hoje, e por outras formas de pensar, meios mais apurados e técnicos de submissão humana, pelo pecado-crime de não crer em mitos modernos que ocupam, por sua vez, a evidência fugaz dos modismos.

Essa maneira de agir não despertará o estudante para pensar e refletir por si, com independência e autenticidade, como é da finalidade da educação, mas jogá-lo-á entre os que lutaram e talvez morreram por nada, quando não para piorar a vida dos sobreviventes, causando a ascensão de tiranos.

Cabe ressaltar como constatamos e lastimamos hoje, numa clarividência histórica notável, que muitas teorias que exaltamos na vida política, como salvadoras de tantas nações, não tenham sido mais do que algozes que iludiram gerações e arrastaram à morte coletiva as juventudes do seu tempo, por refletirem errado ou não refletirem. Sob suas bandeiras e ao som dos seus hinos nada construiram, mas seus líderes exigiram estátuas.

Certamente, porém, não caminhamos para repetir, embora sob outras cores e outras canções, o mesmo jogo de interesses político-sociais, mais substanciosos ou mais vazios, na ótica esclarecida da mocidade que está galgando os campos universitários.

Indubitavelmente, em sensível maioria, professores e alunos possuem, por natureza, o espírito aberto e receptivo a todos os meandros, indagações, fracassos e conquistas do pensamento e da ciência, sem exclusividades, ensinando e aprendendo tudo, mesmo que algo não seja da escolha pessoal, mas pelo fato de terem existido ou existirem.

Todas as disciplinas, atualmente, compreendendo a vulnerabilidade e em alguns casos a transitoriedade das suas afirmativas, fazem grandes interrogações. Assim, pelo menos, a História. Com isso, as tarefas da inteligência aumentam de muito. Não é fácil responder, sobretudo com a responsabilidade que tem o cientista no momento, o cientista social por excelência; não é fácil dar respostas que orientem indivíduos, governos, grupos, partidos políticos e coletividades.

O que se diz científico, tem dois pontos vulneráveis: às vezes não é científico como se proclama, pois muitos o contestam; e, sendo científico, não significa que possui a verdade inteira e imutável.

O que ontem fornecia a última palavra, já pode estar superado. A pesquisa incessante torna muito dinâmico esse processo. Passou o tempo em que a procura do conhecimento novo e não apenas repetição das aquisições anteriores, pertencia a poucos. A Universidade expandiu essa conquista formidável, quase vulgarizou, pelo menos generalizou a atividade de procurar novas forças da natureza, novas forças do espírito, novo encanto na verdade ainda escondida nas matérias e nas funções superiores das inteligências individuais e das consciências coletivas.

Por isso, não dizemos nenhuma novidade ao afirmar que quase nada temos de difinitivo, que tudo está em franca e acelerada mutação.

O ofício da Universidade é óbvio. Ela é do homem e para o homem.

No intrincado das concepções, das hipóteses e das teorias, do consuetudinário, e do positivo, ela deve informar tudo, mas realmente tudo que possa contribuir para formar as mentalidades e estas sim, decidirem-se, orientarem-se e agirem com o pleno conhecimento de todos os caminhos, direcionando-se, afinal.

Não é exagero dizer que muita coisa dependerá da qualidade do homem que a Universidade formará. Se ela alimentar ódios e confrontos, seu produto será de líderes da violência sob as suas várias espécies; mas se ela formar, na química da conciliação, no encontro independente e diversificado de idéas não intolerantes, mas que se querem aprimorar ou somar, ela produzirá indivíduos que saberão viver na diversidade de suas concepções, combatendo as injustiças que causam revolta e miséria, realizando o desenvolvimento coletivo, sua promoção pessoal e construindo os alicerces da paz. Acrescentemos: mesmo que para isso tenham que correr os riscos experimentados pelos verdadeiros condutores ou construtores de um real e duradouro bem-estar.

***

Há que surgir um novo Iluminismo, corrigido no irracionalismo de muitos aspectos do seu apregoado racionalismo e da sua dúvida de então, mas que abra as janelas e deixe o sol entrar, como recomendam hoje as canções da juventude livre.

Há lugar na Universidade, daí o seu nome, para tudo o que o universo abriga e que ela ofertará, na abundância do seu universal patrimônio cultural, com o objetivo sincero da verdade que é ponto altamente positivo na Universidade moderna e na nossa Universidade.

Eça de Queiroz consagrou-se no bronze, em Portugal, por uma frase que diz: "sob a nudez forte da verdade, o manto diáfano da fantasia". Na luta atual, talvez dispensemos o manto da fantasia, mas não é possível dispensar e, ao contrário, se exige a nudez forte da verdade.

Temos que louvar os propósitos que consideramos unânimes em nossos professores, alunos e servidores, no sentido de corrigir as injustiças sociais e estabelecer o convívio feliz da maioria, invertendo a situação presente, uma vez que o bem da totalidade seria um sonho que, embora legítimo, parece a curto prazo uma utopia, e esta está condenada no nosso tempo realista.

A Universidade será sempre a formadora dos homens que assumirão o poder pela via partidária e pelo voto universal. Sendo laboratório, no experimento das ideologias, inclusive, ela pode, física, química, matemática e filosoficamente, procurar fornecer a fórmula simples de um divisor comum que resulte na incógnita procurada, que é a paz, presente nos nossos melhores sonhos.

Se antes, ao nascer das escolas diocesanos de séculos atrás e na sua tragetória de liberalização, a Universidade trabalhou no terreno político e social diante de teorias, agora tem sobre a mesa de seus estudos, o resultado, a prática viva, de tudo anteriormente teorizado no campo da política, da sociologia e da economia, principalmente.

O mundo de nosso dias e a Europa em particular e principalmente - não nos libertamos ainda de um eurocentrismo - apresentam todos os exemplos, ao simples observador, quanto mais ao espírito curioso e perscrutador dos mestres e dos alunos.

Vemos, na prática, a ação do imenso desenvolver das Nações. Vemos os engenhos fantásticos e universais funcionando em vários modelos e tecnologias e constatamos o mérito ou demérito no seu produto final: a alegria ou a tristeza de cada povo.

Que nos falta, então, para conceber, aprender e ensinar um novo procedimento pragmático e científico, enquanto não ultrapassado, nascido da soma dos valores que não estão apenas em um dos lados do Muro, com alguns homens ou com alguns princípios? Por que não apontar soluções, inclusive e prioritariamente, para os problemas imediatos da região, que são os mais próximos e que mais esperam de nós?

Temos bem presente ser uma das nossas tarefas colaborar nas soluções para eliminar, antes de tudo, a miséria e o sofrimento, perfeitamente evitáveis, aqui e em todos os recantos da terra, sem esperar a queda sobre a lona do ringue da competição atômica e o gesto de vitória de nenhum dos lados, se houver vitória.

O entendimento maior para isso afigura-se presente na cúpula do mundo que governa, se mais uma vez não nos querem enganar. Se desativam as armas que nos podem exterminar, de perto e de longe, vamos nós eliminar o fio da navalha das palavras que agridem e ferem, no alcance mínimo de homem para homem, colegas universitários, os que ensinam e os que aprendem.

A ação indispensável será exercida nas salas de aula, daqui e de todos os estabelecimentos do mundo. É verossímil desejar fazer com que os dois ou três, os quatro ou cinco grandes, de aquém e de além Atlântico, multiplicados, sejamos nós, professores e alunos e o homem universal que agora pensa e assim deseja.

***

Para nossa satisfação, trinta anos decorridos, estamos neste excepcional contexto, na encruzilhada de dois séculos e de subtanciais transfomações, o

que é uma exaltação à comunidade universitária do Rio Grande do Norte e aos homenageados desta noite.

Esta, como as outras Universidades, não pode perder-se simplesmente na discussão dos extremos: os princípios e fórmulas teóricas e gerais ou as questões mínimas, corriqueiras e internas, sem repercussão no essencial.

Urge ocupar os dias velozes e decisivos em que vivemos, vendo e ouvindo o meio e o tempo mais próximos, para neles influir, sem perder, como é indispensável frisar, a visão do mundo.

E contribuir para tirar a pedra do meio do caminho, de que falou Carlos Drumond de Andrade e que bem poderá ser identificada com a ignorância, a intolerância, o egoísmo e o individualismo, a ganância dos economicamente poderosos, a indisciplina e o desrespeito, o uso criminoso da liberdade, a ausência de fraternidade, a ausência de Deus; e dar solução racional aos problemas que afligem.

O nosso discurso universitário, preparado nos fundamentos lógicos, científicos e experimentais, será apregoado com veemência, para que cessem as causas dos gritos de revolta e angústia dos injustiçados do Brasil e do mundo e dos torturados das universais repressões; contribuindo, sobretudo e em resumo, para não mais se ouvir o clamor de milhares e milhares de crianças, que se deitam de noite e não dormem, com fome.

Universidade é tradição, é atualidade e é visão do futuro, é universal e regional. Seu patrimônio é de cultura e a cultura haverá de ser sempre, para ela, uma busca incessante.

Esta é uma tarefa de excepcional seriedade, cheia de sacrifícios, renúncias e vigílias de estudo e meditação.

Há trinta anos que pensamos nesse grande ideal e chegaremos, um dia, à plenitude de sua realização, utilizados os propósitos dos pioneiros e a força das novas gerações.

Discurso proferido na solenidade oficial de comemoração dos trinta anos da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em assembléia universitária, no Teatro Alberto Maranhão, em Natal, na noite de 30 de junho de 1988.

QUANDO MEDICINA É ASSUNTO DE LITERATURA

Alvamar Furtado de Mendonça

Há certos estados de espírito que permanecem pela existência a fora. Por exemplo, não tiro de minha memória a imagem do médico antigo, quando eu era ainda menino, naquele estado febril que me fazia cairem as pálpebras numa sonolência que era interrompida pela presença do profissional bem posto, o ligeiro perfume de alfazema que meus parentes espargiam pela casa toda. Fazia - se o ambiente para a visita que se misturava com amizade de família. Conversas sobre os assuntos da cidade pequena e as recomendações profiláticas para debelar o estado gripal, que muitas vezes se esvaía com o abrir das janelas e a prescrição dos xaropes que atenuava a violência das tosses.

Médico para mim estava na moldura desse quadro que permaneceria na minha mente, por tempos, como a fixação dos negativos fotográficos. Médico existia no meu entender para curar febre e escrever receitas de difícil leitura. Havia uma atmosfera de quase liturgia e um ritmo de mágica que, pelo espanto, ajudavam a abrir os olhos pesados.

Não sei bem precisar quando a identidade desse personagem se ausentou desses espaços silenciosos e respeitáveis da memória, nesses distantes tempos. O famoso médico de família nem sempre comparecia para resolver um problema de saúde e compartilhava dos assuntos íntimos da casa sob imposições de amizade aproximada pela pequena área urbana, que estimulava as relações e humanizava a convivência comunitária.

Às vezes, fico a procurar o instante em que esse personagem escapou desse quadro de outrora e se embarafustou na realidade social. Foi aos poucos perdendo aquele comportamento quase ritualístico que o distinguiu dos seres comuns, e se envolveu na competição mediocrizada de uma universidade sem alma e sem preocupações éticas.

Durante muito tempo, no meu entender, médico era para curar febre, e nada mais. Quando um dia me deparei com um que acrescentava ao seu curriculum a condição de escritor e os conceitos foram se modificando. É bem verdade que se tratava de um escocês, filho de aristocratas irlandeses decadentes, nascido

em Edimburgo. Oftalmologista sem clientes. Viajou pelo mundo como médico de bordo. Andou pela guerra dos "boers" na África do Sul.

Foi exatamente nas suas costumeiras tardes sem clientes, em seu consultório, que começou a escrever. Chamava-se Sir Arthur Conan Doyle e o personagem que ele idealizou, Sherlock Holmes. Traduzido em todas as línguas do mundo. Escreveu alguns romances históricos sem grande projeção. Mas, quem empolgou a atenção de milhões de leitores foi a figura do policial, com seu raciocínio dedutivo. Criou-se, então, uma estranha situação — o personagem imaginado superou a fama do autor. E assumiu uma realidade de proporções inacreditáveis. Saiu da ficção e personalizou-se numa figura que criou raízes na crença dos leitores fascinados.

Eu estava certa vez em Londres, quando me deparei com um "Pub" exibindo recordações dessa figura literária como se realmente ela tivesse vivido. Lá estava seu cachimbo, sua capa escocesa, seu chapéu de duas palas, seu velho violino que o ajudava a concatenar o raciocínio, que o conduzia certamente à solução dos intricados casos que preocupavam a velha Londres do século dezenove. O nome de Conan Doyle, como médico, está nos seus dados biográficos. Ninguém se lembra dele quando Sherlock Holmes está presente, o que constantamente sucede na visão e no interesse de seus leitores em todas as partes do mundo. E só nos resta concluir: "Elementar, meu caro Watson!".

E não seria possível admitir que só os profissionais frustrados obtivessem sucesso como escritor. Não poderia sua medicina, se competente, misturar-se com os seus sucessos literários? Sua vocação de escritor superou sua condição de médico. Não se pode menosprezar a larga experiência que o mundo lhe deu. As aventuras que viveu. A visão humana que a profissão lhe permitiu em contato com gente de todas as procedências e o desvendar dos mundos íntimos das pessoas no recinto de seu consultório. Tudo serviu e foi bem aproveitado por outros caminhos, que lhe cruzaram o destino que ele, certamente, julgava o principal.

Andava pela Faculdade de Direito, quando adquiri a Medicina Legal de Afrânio Peixoto, em dois volumes de capa cinza, na Casa Ramires, velha livraria do Recife, na esquina da rua do Imperador e a Primeiro de Março, defronte ao Café Lafaiete, ponto de longas e quase intermináveis conversas nas tardes e noites de convívio estudantil.

Havia qualquer diferença no texto desse tratado, um estilo agradável para um compêndio científico, fácil de ler e elegante na forma de expor e concluir. Surpreendeu-me exatamente isso, gostar de ler um livro de ciência.

Não há dúvida que dois fatores concorreram para isso: o texto em sí pela sua forma leve, num bom estilo literário, e o professor da disciplina, Edgar Altino. Alto, elegante, de dicção clara e bem posta, envolvente no relacionamento com o estudante e operava o milagre de fazer de um assunto nem sempre agradável e algumas vezes dramáticos, algo para ser ouvido e aprendido.

Foi um encontro com o escritor que tivera sua época de esplendor. Já o descobri defasado no gosto literário do tempo. Nos primeiros anos do século fora um poeta simbolista. Já vivera sua via crucis com o Movimento Modernista de 1922. Cometera a leviandade de definir a literatura como o "sorriso da sociedade", conceito bem ao gosto da sociedade mundana para que escrevia. Seus romances, seus artigos de jornal eram discutidos nas alta rodas de veraneio

de Petrópolis. Provocava encantamento quando descrevia delicadas silhuetas femininas. Fora glorificado e exaltado com sua entrada para a Academia Brasileira de Letras. Andou pela Grécia e pelo Egito de onde trouxe para editar, no Rio de Janeiro, o romance "A Esfinge", que fez sucesso na crônica literária de João do Rio.

Porém, quando a minha curiosidade o alcançou a sua fama estava em recesso. Escrevera muitos trabalhos literários e científicos e já passara pela Presidência da Academia Brasileira de Letras.

Observa-se um contraste entre a sua fama como homem de letras, autor de obras lançadas sob os aplausos da fina flor da Capital Federal, e o desinteresse pelo romance de um mulato humilde editado na mesma época — "Recordação do Escrivão Isaias Caminha", que só mais tarde teria o reconhecimento de seu valor literário. Lima Barreto era esse autor, esquecido, humilde e alcoolizado para atenuar sua amarga posição no panorama intelectual brasileiro.

Recordo-me de um episódio que mexe com minha vaidade, onde entra como componentes a Medicina Legal de Afrânio Peixoto e a figura do saudoso Professor Edgar Altino, de comportamento diferente na condução das aulas. Reagia contra a mediocridade do meio e procurava despertar no estudante, no seu relacionamento e na sua forma de dizer e interrogar, a imaginação e a originalidade nos momentos de avaliação.

No dia da prova de Medicina Legal, o ponto sorteado foi "Aborto". Eu não estudara o assunto. Não levara a Medicina legal para me permitir uma solução de emergência. Não havia outro jeito. Fora lançado recentemente um romance de Érico Veríssimo, que eu acabara de ler. Não tive dúvida. O romance envolvia um problema de aborto e todas as suas consequências sociais. O escritor gaúcho focalizara toda tessitura preconceituosa do drama. E nela me inspirei para cumprir minha missão. Não abordei o tema pelo lado técnico-científico, mas pelo lado social. Esse romance de Érico Veríssimo — "Olhai os Lírios dos Campos", ocupava as axilas dos leitores de todas as classes sociais.

Isso me valeu uma referência elogiosa em classe feita pelo Professor Altino, em prejuízo dos que se apegaram "servilmente" ao texto de Afrânio Peixoto. A originalidade da abordagem vencera o texto vulgarizado pela obediência esterilizante da repetição. A preocupação do Professor Edgar Altino revelava, assim, a preocupação da modernidade no confronto com a "sebenta" que permanecia na mentalidade esteriotipada das gerações. Foi uma lição de vanguarda, de atalhos intelectuais que deixavam a velha via do pragmatismo à procura de novas afirmações na área da visão social.

Claro que serei perdoado por essa incursão vaidosa e sem conseqüências, mas dois médicos estavam envolvidos na história e eu não poderia esquecê-los. Uma forma de homenageá-los na minha gratidão e na minha lembrança dos caminhos percorridos, Afrânio Peixoto e Edgar Altino.

Eu andava pelas imediações do vestibular de Direito, quando caiu-me nas mãos um romance autobiográfico — "A Cidadela", da autoria de outro médico escocês, Archibald Joseph Cronin, membro do Royal College of Physicians. Clinicou no País de Gales até 1930.

Sobre esse romance o Sunday Express, de Londres, trombeteou: "É um livro notável, uma das mais severas críticas a uma classe profissional. O autor

não perdoa os mercenários, desnuda os especialistas revelando suas deformações, e ridicularizando os incompetentes".

O personagem principal, o médico Andrew Manson, convivia dentro dos tradicionais valores que normatizavam, sob o ponto de vista ético, a profissão de medicina na Londres dos primeiros anos do século. Pela síntese do jornal londrino sente-se que os problemas são de todas as épocas. A incidência dos aspectos éticos são de ontem ou de hoje e nem daqui apenas, mas de todo um sistema que funciona em qualquer parte do mundo. Somente as reações diferem. O personagem de Cronin não acreditava em remédios de pura mistificação, se indispõe e luta contra o corporativismo profissional, que já no seu entender levaria a classe médica a se constituir numa pequena sociedade protetora de negócios. Cria-se uma consciência de que tudo dentro da classe está certo e fora dela errado. Aborda os mais sérios problemas que atropelam os médicos e comprometem a saúde do paciente, especialmente do homem comum sem meios bastantes de se defender das doenças. Omitem-se as virtudes profissionais, desumaniza-se o objetivo comum da profissão e a área de ação se transforma numa ambiciosa luta onde não se identificam os nobres propósitos de Hipócrates. Um belo livro, humano, sincero, corajoso e que enobrece a profissão quando bem exercida.

A leitura desse romance coincidiu com o meu preparo para o vestibular de Direito, deixando-me indeciso. Cheguei a pensar em mudar de caminho. Mas, a inexperiência e o preço de uma Anatomia de Testut me demoveu desses propósitos. Era um curso caro e eu não podia. Não conhecia ainda a forma de chegar lá sem me deixar intimidar pelos obstáculos aparentes. Nunca uma obra literária influiu tanto na minha vontade como essa. Outra de forte influência foi "O Drama de Jeans Barrois", de Roger Martin de Gard, deixando-me um agnosticismo que ainda não consegui afastar.

A deterioração dos valores morais e, sobretudo, a ausência dos critérios éticos da profissão nos dias de hoje, descaracterizam e desumanizam o médico. A primasia do social e humano cede lugar ao efêmero e material. O profissional se movimenta numa estreita área de preocupações. O afastamento da dor, o alívio das sofridas mazelas humanas ficam a depender das recompensas imediatas, com honrosas exceções.

Há um mundo paradoxal e chocante que se situa no raciocínio de um personagem de Geovanni Papini, que nos deixa atordoado entre uma estranha filosofia de frustrações e uma conclusão de quase deboche.

Há um capítulo em "GOG", denominado "A Doença como Remédio" que nos deixa perplexo em seus contactos com a nossa realidade de hoje. Houve quem o definisse como um autêntico panfleto contra a cultura contemporânea.

"GOG" tinha fascínio pelos vulcões e quando nas alturas olhava o Hekla, na Islândia, adoeceu e precisou de médico, mas que falasse inglês. Apareceu-lhe o Dr. Haroldo Olafsen, de ventre redondo, rosto redondo, olhos redondos, no olho direito um monóculo redondo-nariz curto, pernas curtas, braços curtos, mãos gordas e móveis.

Ao examiná-lo faz a inevitável pergunta sobre seus sintomas. E pergunta se ele quer ficar bom. Claro. Se eu o curasse cometeria uma indignidade afirma o dr. Haroldo. Ninguém costuma me chamar, diz o Médico. Preferem os outros, que com sua intervenção matam usando sua medicina vulgar. Se o Senhor quer

viver, pondera o médico, não combata sua doença. Ela é providencial e benéfica. Continua o facultativo, o meu sistema de tratamento funda-se em observação da escola hipocrática, que os médicos não souberam aprofundar e revelar.

Assegura o personagem papiniano, para Hipócrates a saúde é um equilíbrio entre os opostos, e o excesso de saúde é perigoso. Está em "Agamenon" de Ésquilo, no verso 1001-3. O poeta faz o coro repetir a grande verdade: "Uma saúde boa demais é preocupante, pois sua vizinha, a doença, está sempre pronta a abatê-la".

"Quem passar bem tem um mal escondido. Se o mal aparece é preciso respeitá-lo e não prejudicar seu curso". Se o mal se excede e ameaça comprometer o seu equilíbrio é indicado inocular o germem de outra doença para estabelecer a harmonia do organismo.

Hahneman, o homem da homeopatia, atingiu parte da verdade quando concluiu que só a doença pode combater a doença. Mas, como os alopatas, deixou-se cair nos velhos preconceitos que a doença deve ser eliminada, combatida, sarada.

Preconceitua: as doenças nada mais são do que os medicamentos. Devem ser acariciadas, cultivadas e quando necessário provocadas".

Afirma ainda que se alguém persiste durante muito tempo em ter saúde torna-se inquietante. Se impõe uma medida enérgica, incutir-lhe uma doença que melhor corresponda ao desequilíbrio de seu organismo. E exemplifica: um acesso de febre cuida da salvação dos linfáticos e uma boa crise de anemia é necessária aos pletóricos.

"Pobre do homem que nunca adoece!" exclama o personagem de Papini.

Para ele, paradoxalmente, o verdadeiro médico deve ser um "Nosóforo", ou seja, um portador de doenças. Somente dessa forma poderá tutelar a vida dos homens. A obstinada preocupação de erradicar as doenças pertence a fase bárbara da patologia. A dor física é tão necessária ao homem como o prazer, bem como a doença é tão necessária quanto a saúde. Então, o médico só intervém para colocar uma nova doença que se oponha a que já se instalou no organismo doente. E continua seu raciocínio: lembro que alguns psiquiatras combatem a paralisia progressiva inoculando a malária, porém com a absurda intenção de curar. Lamenta que poucos se convenceram dessa verdade, embora não sejam médicos. O princípio da doença como remédio pertence ao futuro. Proclama o doutor Olafsen: "Comigo começa a época da medicina realista e sintética".

Orienta ainda: dê livre curso as suas dores, talvez excitando-as com pequenas doses de cafeína. Se daqui a dois dias não cederem, será aconselhável a hipertermia até alcançar uma boa febre entre 37 e 40 graus.

Em face disso, não houve outro jeito senão concordar com a orientação do médico irlandês, que se retirou plenamente satisfeito com o sucesso de seu convencimento. Quando ele se ausentou o personagem não teve outra solução, tomou dois comprimidos de aspirina e, quando melhorou, tratou de voltar para a Dinamarca.

O inteligente contra-senso desse personagem de Giovanni Papini nos lembra a filosofia médica da previdência social quando deixa os doentes nas filas, sem cuidados necessários, procurando, no melhor estilo do dr. Harold Olafsen, manter o equilíbrio entre a doença e a saúde.

O manifesto panfletário de Papini, através de "GOG" agride a cultura contemporânea com sua irreverência e contrastes que, espantosamente, se assemelham a realidade dos fatos dos nossos loucos dias.

Sai-se da presença paradoxal do famoso escritor italiano, nascido na harmoniosa Florença, com sua irreverência e sua lógica contundentes e nos defrontamos com a poesia e a realidade do sueco Axel Munthe. Médico de reis e homens do povo. Personagem de estranhas aventuras na sua longa e rica vida, vivendo em Paris, Londres ou Capri, percorrendo os caminhos da Lapônia e se misturando com as lendas e as realidades, entre heróis e camponeses humildes. Convivendo com belas mulheres e atendendo as mazelas da Rainha Vitória. Entregue a nobre missão de salvar vidas no terremoto de Messina e numa luta sem glória, obstinada e indormida, no combate à cólera de Nápoles desarrumada e agredida pelos ratos.

Sem deixar de freqüentar os cursos da Salpêtrière para ouvir as aulas de Charcot, às terças feiras.

Amigo e companheiro de Gui de Maupassant. Assistiu a sua glória e a sua precoce decadência física até a morte. Viajou no seu famoso iate "Bel Ami", participando da vida mundana do fim do século. O Livro de San Michele, uma autobiografia que encanta pela mescla da fantasia e realidade. Dedicou esse livro "a S. M. a rainha da Suécia, protetora dos animais maltratados e amiga de todos os cães".

Ainda tenho presente o deslumbramento ao conhecer Anacapri, olhando a velha mansão onde viveu e escreveu Axel Munthe, hoje uma fundação frequentada por turistas de todas as partes do mundo. Uma paisagem marinha e um encantamento que nos envolve olhando o claro, acidentado e amplo círculo que a vista alcança. Os setecentos e setenta e sete degraus construídos pelos fenícios isolavam o escritor e médico sueco nos seus sonhos, reflexões e memória de sua rica e humana vida, enobrecendo sua profissão em proveito dos humildes e poderosos de seu tempo, sem distinção de qualquer espécie. Em frente dessa visão inesquecível está os restos do castelo de Tibério simbolizando os confrontos da vida e dos homens, nas suas formas de viver, agir, pensar e sentir.

É uma digressão sem profundidade em torno de pessoas e fatos, que encontramos nos caminhos da vida.

Imaginem que até aquele personagem do romance "Os Maias" de Eça de Queiroz me passou pela cabeça. Médico de Coimbra chegou a Lisboa para exercer sua profissão e montar um laboratório para suas investigações científicas e, ainda por cima, criar uma revista médica. E residindo no "Ramalhete", a velha mansão da família, envolve-se num amor incestuoso e lá se vão seus sonhos. Perdeu-se numa sociedade oitocentista e diletante, vista sob o crivo crítico do notável Eça, que é a admiração de todas as gerações pela sua modernidade irremovível.

Não há dúvida que este arremedo de tema, a que eu me proponho, na sua dispersão, é rico em sugestões e prende pelo seu itinerário próximo do homem, de seu destino e dos consertos necessários à sua felicidade. Há poucos dias surpreendi na estante de um amigo obsequioso um velho exemplar de "Namoros com a Medicina" de Mário Andrade, o maestro do Movimento Modernista de 1922. Conferências envolvendo deliciosas pesquisas sobre o efeito terapêutico da música, através da visão de um escritor, folclorista, poeta e musicólogo.

É nessas conferências que Mário de Andrade nos chama a atenção para o fato de que os discursos escutados não nos levam pelos ouvidos a essência das palavras. Um discurso ouvido é uma coisa e lido é outra.

Diz o notável escritor que "é incontestável que a oratória tem o poder de eletrizar o indivíduo, principalmente a coletividade". Continua na sua análise: por mais inteligente que seja um discurso, cheio de ciência, de raciocínios elevados e imagens raras, jamais não eletrizará ninguém. Quantas vezes a leitura procedida no dia seguinte nos jornais nos decepciona, nos espanta como foi possível nos empolgar quando pronunciado no dia anterior num salão de conferências ou na praça pública. O som das palavras e a movimentação do orador chegam primeiro aos sentidos, o que nem sempre sucede com o essencial do discurso.

Nos batuques primitivo dos povos incultos estava a terapêutica primária. Mário de Andrade continuando na sua conversa nos conta do efeito psicológico do ritmo num carnaval do Recife. Fora ver as danças de Maracatu do Leão Coroado, entre negros e pretas velhas. Procurou gravar a linha melódica, mas apesar dos ouvidos quase na boca dos cantadores, não escutava nada diante da predominância do ritmo. Esqueci-me de mim, continua ele, nesse trabalho de escrever quando senti um mal estar doloroso. A respiração opressa, o sangue batendo na cabeça como um martelo, e fui acometido de uma tontura tão violenta que vacilei. A respiração começava a faltar e, certamente, cairia se não me retirasse com urgência daquele "círculo de inferno".

Nesse estado, conclui Mário de Andrade: "A música provoca em nós verdadeiro estado ativo de assombramento, estados ativos de milagres e de mistério, estados de uma disponibilidade incomparável, não apenas propício a qualquer aceitação, mas exigindo ativamente qualquer aceitação".

E continua: é por esse mistério que com unanimidade quase sem exceção, os povos primitivos atribuem a música uma origem divina e não se preocupam com a origem das outras artes.

O autor de "Macunaíma" procura em sua tese provar a força biológica absolutamente excepcional da música entre as artes.

A música é veneno, um estupefaciente legítimo e por outro aspecto, como verdadeiro remédio, provoca idiossincrasias. Como exemplo, cita Napoleão Bonaparte que considerava a música o mais agradável dos ruídos, entretanto, Teofilo Gautier e a Imperatriz Catarina a repudiavam. Por isso, toda medicina, desde a mais remota antiguidade, olhava a música como um fator terapêutico.

Na idade contemporânea, Pinel, Charcot, Ball ou Rodrigues Mendez se serviram da música como processo terapêutico nos hospitais de alienados. A História da Medicina conta as tentativas de usá-la tanto nas moléstias nervosas como em quaisquer outras. E cita o caso bíblico de Davi que serenou com canto admirável as excitações de Saul e que o músico grego Timóteo que tanto levou Alexandre Magno a fúrias incontroláveis como ao pranto tranqüilizador. Há ainda o naufrágio do "Titanic", o serviço de salvamento louco de pavor, se tornou relativamente fácil graças às ordens do capitão para que a orquestra de bordo tocasse na cobertura do navio sinistrado. A terapêutica grega lançava mão da música para serenar a fúria erótica das mulheres quando seus maridos estavam na guerra.

Embora cite numerosos casos de curas de doenças nervosas e mentais sob o efeito da música, Mário de Andrade conclui de forma bem humorada: coisa falsa na vida comum, pois da experiência clínica que tenho dos musicistas

meus manos, nunca vi gente mais brigona e mais alienada por egoismos e rivalidades.

Mas também ninguém desconhece o caso do dentista Laborde que substituiu o protóxido de azoto pelo uso do fonógrafo aproveitando o som agradável da música, com excelentes resultados. Fala da função digestiva da música. Voltaire, um Barão Rodino, que não se sabe quem é, e um militar, segundo observação de La Torre, eram incapazes de digerir bem sem o auxílio da música.

Afora a conhecida citação do dr. Gordon y Arosta, no século XVIII, que se preocupou com a farmacopéia dos instrumentos, no que o autor de "Amar, Verbo Intransitivo" sente a presença de charlatanismo, vincula essas observações às do Dr. Varbur, de New Orleans, que pelas suas experiências clínicas diz que o violencelo cura a hipocondria, o violino cura o esgotamento nervoso, a viola a monomania religiosa, a Harpa o histerismo, o piano as afecções visuais, a corneta a obesidade, embora conheça vários cornetistas gorduchos.

E por aí iríamos sem parar numa conversa sem fim, pois o estudo de Mário de Andrade é de um pitoresco delicioso. Precisamos parar. Ele diz sentir que já começa a objeção de todos e não haver mais lugar para concertos.

Pelo menos vamos aproveitar o seu "Namoros Com a Medicina" e recomendar o que ele lembra como digestivo e conversável, reativar nossos tonus diante dessa longa digressão sem rumo certo.

Pelas suas prescrições, vamos ouvir quando chegar em casa um "La Donna É Mobile, uma meditação de "Thais", um "Sento una Forza Indomita", para conciliarmos o nosso sono e voltar ao nosso tranqüilo estado de espírito atropelado por essas informações desconexas".

* Conferência realizada na Academia de Medicina do Rio Grande do Norte, em 6-11-1990.

II

NOSSOS POETAS

POEMA EM HOMENAGEM AO BAOBÁ

Para Diógenes da Cunha Lima

Dá-me uma só semente
que eu farei um jardim de baobás.
Aqui Pequeno Príncipe
neste planeta enorme
tão diferente do seu asteróide
Os Baobás são bem-vindos.
Nasceram das mãos negras
da África. Dormiram na terra
em ciclos de anos
como "grandes igrejas desertas"
de pássaros. Hoje é fronde
que guarda segredos escravos
que se espreguiçaram em suas
longas sombras: e "nem um rebanho
de elefantes pode derrubá-los".
És forte porque te sabiam forte
os negros escravos que te trouxeram
da negra África.
És forte como o leite das negras
que amamentaram os filhos dos brancos.
És forte como a seiva e sangue
que conduzes nas veias dentro da terra.
Es forte como o continente Africano
que se abriu como um leque a milênios
e fez nascer outro continente.
Dá-me uma só semente
que eu farei um jardim de baobás; um jardim
diante do mar. Enorme e solitário
aos solistícios quentes
desta costa atlântica.
E daqui, quem sabe possa
ser o vôo de Saint-Exupéry
como um asteróide ou um satélite
na noite solitária de um homem.

DORIAN GRAY CALDAS

III

ÉTICA

ÉTICA PARA HOJE

Nestor Luiz dos Santos Lima

À medida em que a gente envelhece, os horizontes se vão alargando para a compreensão dos problemas maiores que nos escapam enquanto estamos envolvidos na luta pela ascensão a mais altos patamares da vida social. Eu creio que porisso, só agora, beirando aos setenta, é que me estou dando conta da importância da ética para uma sociedade como a nossa, sem ethos nem lei, onde domina a mais completa irresponsabilidade social, acobertada pela cumplicidade familiar e corporativa, justificadas pela dita lei de Gerson, regra concebida para legitimar todas as nossas debilidades morais. Esquecida está a memória da mensagem clássica e esfumada vai desaparecendo a autoridade divina nestes tempos pós cristãos em que vivemos.

Paremos para refletir. Que pertinência, teria para o mundo atual a ética elitista dos pensadores gregos, concebida para dirigir o trânsito social em uma sociedade restrita aos estratos do patriciado?

A sociedade grega clássica era democrática, mas apenas para a classe patrícia. Suas formas de cultura, que ainda hoje nos influenciam passados mais de 2.000 anos, eram de molde exclusivista, porque visavam um limitado intercâmbio entre gente nobre e de elevado padrão cultural com absoluta exclusão das gentes comuns. E não se buscava alargar o círculo estreito dos privilegiados, para acolher os estrangeiros, os "metecos",nem o povo em geral. Para êsses haveria uma ética própria.

Ora, no mundo de hoje, refiro-me ao mundo ocidental a que pertencemos, e particularmente ao Brasil e muito especialmente o Nordeste subdesenvolvido econômica e culturalmente, as elites em geral aferram-se em manter os padrões de comportamento e de ética individual e social inspirados inconscientemente na experiência grega de mais de 2.000 anos. Lutam em favor de exclusivismos, de torres de marfim, de tratamento privilegiado para as elites intelectuais, políticas e econômicas, com exclusão da massa maior, dos menos instruídos, dos menos competentes nas artes de enriquecer a de sair dos níveis mais baixos de cultura.

Será adequada aos novos tempos uma ética exclusivista num mundo em explosão demográfica, empenhado na ascensão cultural das maiorias, aberto à aspiração dos muitos em participar do que se reserva aos poucos? A lei de Gerson não seria um sinal dos tempos?

Estas questões nos levam em cheio ao tema da urgente necessidade de uma profunda reflexão sobre o que deveria ser uma ética para os nossos tempos, em que não será possível buscar a exclusão das maiorias periféricas. Ademais, nossas sociedades de hoje, contêm no mesmo lugar e no mesmo tempo, todos os estados de cultura já percorridos pela humanidade nos últimos 6.000 anos, desde a barbaria completa à sofisticação mais desenfreada. E agora, nem o marxismo, nem as igrejas, nem a cultura ocidental dos últimos 2.000 anos nos poderão ajudar.

É que, no devenir histórico, há épocas cruciais em que convergem tendências e se revelam novos horizontes impondo uma revisão profunda de valores e um redimensionamento de perspectivas, conducentes a formulações novas de visão do mundo, consentâneas com essa urgência em aceitar e assimilar o novo em substituição do rotineiro e velho, não importa quão longas e brancas sejam as barbas dos mitos a destruir. Foi assim no final da Idade Média quando a atmosfera intelectual na Europa passou a ser dominada pelas rivalidades entre os cristãos, que levariam à Reforma, pelo nascer da nação-estado, que preparava a geografia política do mundo até os nossos dias, e pelo iniciar-se da era científica, que projetaria seus tempestuosos ventos pelos tempos a fora e poria em perigo a civilização e a própria existência do homem, nos dias que correm. Precisava-se então de estabelecer os lineamentos de uma ética moderna que levasse em conta aquelas transformações. E foi feito por Grotius Hobbes, Hume, Spinoza, Kant, Hegel, Nietzsche e Marx. Mas o espantoso desenvolvimento da ciência e da tecnologia no século XX tornou obsoletas as visões que nos legaram os pensadores da modernidade até à debacle do mito marxista já na última década do presente século, abrindo o enorme vazio, ideológico e político que nos cumpre preencher. E não sabemos como, até agora. Chegamos assim, de novo, a uma época excitante, aberta à criatividade, exigindo da imaginação dos homens novas visões do mundo, capazes de atender a nossa angústia ante os vazios criados nos espaços intelectuais,abertos agora aos infinitos siderais até agora também incapazes de responder às nossas interrogações.

O impasse atual para mim nunca foi melhor resumido do que pelo filósofo e biologista Jacques Monod, em seu denso ensaio "O azar e a necessidade" (Ed. Seuil 1970); pg. 214: em tradução nossa:

"As sociedades modernas aceitaram as riquezas e os poderes que a ciência lhes revelou. Mas elas não aceitaram, apenas elas ouviram vagamente, a mensagem profunda da ciência: a definição de uma nova e única fonte da verdade, a exigência de uma revisão total dos fundamentos da ética, e de uma ruptura radical com a tradição animista, o abandono definitivo da "antiga aliança" e a necessidade de forjar uma nova. Armadas de todos os poderes, gozando de todas as riquezas que elas devem à ciência, nossas sociedades tentam ainda viver e ensinar sistemas de valores já arruinados, na própria raiz, por essa mesma ciência." "O mal da alma moderna é a mentira, na raiz do ser moral e social." "O divórcio é tão enorme, a mentira tão flagrante que ela obcessiona e faz em pedaços a consciência de todo homem provido de alguma cultura, dotado de alguma inteligência e habitado por esta ansiedade moral que é a fonte de toda criação."

Por sua vez, o velho e sábio Albert Schweitzer, no seu magistral estudo sobre "Civilização e Ética" (Adam and Charles Black, London W 1 — 1949)

propõe uma nova ética, a ética da reverência pela vida, em nome da qual ele se fora internar nas selvas de Lambarené para salvar negros doentes do Gabon. Nessa angústia atual causada pela ruína de uma ética fundamentada em valores superados, nos encontramos todos naqueles intervalos de que fala Hannah Arendt, em que tudo passa a ser "inteiramente determinado pelas coisas que não mais existem e pelas coisas que ainda estão por existir." Na história, esses intervalos mostraram mais uma vez, que podem conter o momento da verdade. (La crise de la culture 1972).

Acredito que nós hoje no Brasil, estamos num desses momentos pejados de oportunidades para fazer brotar uma nova realidade. Mas nada poderá surgir de novo se não tentarmos recuperar as diferentes éticas que desapareceram na confusão criada pelo confronto direto entre as forças do atraso e as pressões do desenvolvimento. Aliás, as éticas já estavam suspensas no Brasil há muito tempo pelo desmoronamento de seus fundamentos e de suas bases religiosas animistas, ancoradas fragilmente na tradição judeu - cristã sustentada pela Igreja, corroida pelos eventos de mais de 2.000 anos e finalmente pelo choque demolidor da experiência científica. A desmontagem dos mitos marxistas com a derrubada simbólica do muro de Berlim lançou a confusão em escala universal. Onde amarrar o barco da ética? Há propostas diversas que merecerão exame e meditação. As vias são variadas e inconclusivas todas, sobretudo porque nada até agora substituiu o mito judeu-cristão de um Deus único, exterior ao mundo mais consubstancial ao homem, que por sua vez continua sofrendo ataques da ciência sem consciência, desenfreada pela pesquisa pura e aplicada em todo mundo, a serviço da tecnologia que pretende acabar com a biosfera em troca de uma tecnosfera na qual todos virariamos robots.

Jacques Monod, no seu ensaio ja citado sobre a filosofia natural da biologia moderna, desenvolve toda uma fortíssima e documentada argumentação para levarnos a aceitar uma nova ética que seria a do "conhecimento", baseada nos dados que nos fornecem a evidência científica, subordinadas exclusivamente ao postulado da objetividade, caminho a que a era científica e pós moderna dificilmente poderá fugir, nós tampouco.

Já Jurgens Habermas, o filósofo neo-marxista alemão dos dias que correm, quer fazer a moral, e consequentemente a ética, passarem a ser função da intensidade da comunicação, um novo fator que se agiganta diante da humanidade e poderá transformá-la ao ponto de a própria ética só poder se fundamentar em conceitos ou normas que passem pelo crivo da comunicação, em nível universal, para serem aceitas no cosmos e na aldeia de cada um.

Mas não buscaríamos uma ética de validade universal, como os 10 mandamentos. Porque agora, na virada deste milênio, a convivência de níveis de cultura os mais díspares como temos no Brasil e pode ser visto quando índios semi nus descem as escadas do Palácio do Planalto é preciso muito mais do que uma ética individual. O que se precisa para lidar com este momento, de encontro de culturas, que começou entre nós em 1500 e se arrasta em todas as cidades do Brasil no diálogo mudo entre o arranha céu e a favela, o que se impõe é a formulação também de uma ética de cultura, como propõe o Reitor Geraldo Defois, no seu livro "Pour une othique de la culture" (Centurion-Paris, 1988) para lidarmos com os duros conflitos intraespecíficos que a raça humana já começou a enfrentar.

Embora aqui no Brasil e no Nordeste especialmente o problema da ética esteja muito longe de qualquer cogitação nos meios interlectuais, na Universidade e na sociedade em geral, a ausência de padrões éticos mínimos já se expresa na curva ascendente da delinquência em todos os níveis da sociedade brasileira, o que já começa a inquietar.

Não é por outra razão que na parte mais desenvolvida do país, em São Paulo, recentemente o filósofo Adauto Novais organizou um curso livre de Ética patrocinado pela Prefeitura Municipal daquela Capital para o qual convocou nomes como Antonio Houaiss e Sergio Rouanet, ambos embaixadores de carreira e este Ministro da Cultura, desde pouco, além de Marilena Chaui e Antonio Candido, intelectuais de projeção no meio paulistano. Um exemplo a seguir!

Na Europa, recentemente um livro reuniu entrevistas concedida por eminentes intelectuais franceses entre os quais o conhecido Abade Pierre e o pensador político Jacques Delors entre outros, o todo editado por Frederic Lenoir sob o título "Tempo de Responsabilidade" que se inspira numa nova constelação de valores avançada pelo menos Jacques Delors, a ÉTICA DA RESPONSABILIDADE" que se vem juntar a outras sugestões já citadas para substituir a ética vigente cujas bases foram tremendamente afetadas pela modernidade do pensamento - Mais um livro a ler! (Le Temps de la Reponsabilité, Favard 1991 Paris).

O assunto é pois não só de alta relevância como de inteira atualidade em qualquer parte do dito primeiro mundo. Não podemos portanto ficar inertes, vendo a maré montante do aeticismo forçando para cima os níveis de violência, de desrespeito às normas mínimas que nos restam dos velhos sistemas éticos que sustentam a convivência civilizada, e a corrupção larvada e descoberta na sociedade e nas esferas governamentais até que cheguemos ao ponto de que não se passa sem catástrofes sociais inimagináveis.

DA NECESSIDADE DE CONVOCAR UM FORUM CHAMADO "ÉTICA PARA HOJE"

Diante do que precede,

Alguns membros da Academia Norteriograndense de Letras, conscientes da responsabilidade dos intelectuais no crescente e lamentável aprofundamento da crise educacional, cultural e moral a que estão sendo submetidas as atuais gerações de brasileiros, identificam na falta de ética, quer nas elites, quer no povo, nos governantes e nos governados, a raiz desse processo nefasto de apodrecimento das bases morais do país e da região, sem as quais não há programa cultural possível, restando somente o atrazo, a violência social e a decadência de um povo.

A irresponsalibidade dos intelectuais se configura na passividade com que vêem aumentar a distância entre eles próprios, pelo fato de terem adquirido cultura, e as cegas massas de ignorantes do país, em aumento acelerado e armadas com indefinidas pretensões fácilmente aprisionáveis esquemas políticos simplificados e simplistas, dos quais o marximo foi o mais recente e ilustrador dos exemplos.

O pior é que sem Deus, sem elites inspiradoras (que falta fazem os Ulisses de Góis!) sem Marx, sem tradições, sem "ethos" a não ser o restinho das luzes

dos 10 Mandamentos que a Igreja nos trouxe mas os deixou na praia, o homem brasileiro está hoje disponível a todas as influências que lhe pretendam dominar o espírito, como se vê pelo êxito das seitas asiáticas entre nós. Falta-nos religião e ética. Tudo agora é possível; e se chegou aos nossos dias o que se convencionou chamar a Lei de Gerson, um novo ingrediente nauseabundo para toldar ainda mais as relações humanas no nosso país.

Parece-nos imperativo recuperar a ética desse abismo, ou o que resta dela, desde as formulações clássicas dos gregos até os utilitarismos e empirismos trazidos até aos nossos dias, marcados por uma componente social até então inexistente nas épocas históricas precendentes que porisso não se assemelham à nossa.

Para tanto, está sendo proposta, na Academina Norteriograndense de Letras, o forum "ÉTICA PARA HOJE" que se honraria em ter sua participação, seja como expositor, seja como debatedor.

Caso o assunto acima desperte suas angústias intelectuais junte-se ao grupo, comunicando-nos o tema que gostaria de trazer ao futuro forum.

Natal, em 13.3.91.

Coordenador - Nestor dos Santos Lima - 221.3797

IV

HISTÓRIA

A CASA DE PEDRA DO RIO PIRANGI

Olavo de Medeiros Filho

No ano de 1564, João de Barros, um dos donatários da Capitania do Rio Grande do Norte, através de um procurador, arrendava trechos de terras, sitas naquela Capitania, para a exploração do pau-brasil e colheita de búzios. Tal atividade econômica era desenvolvida na barra do rio Pirangi, no chamado Porto de Búzios.

Falecido aquele donatário da capitania em 1570, seu filho Jerônimo de Barros, em requerimento formulado à Coroa, fazia referência ao fato de que os franceses, "todos os anos vão a ela a carregar brasil por ser o melhor de toda a costa. E fazem já casas de pedra em que entram em terra fazendo comércio com o gentio" (1).

GABRIEL SOARES DE SOUZA também menciona aquele Porto de Búzios, em 1587, possivelmente o mais importante entreposto comercial da Capitania do Rio Grande, onde "entram caravelões da costa num riacho que neste lugar se vem meter no mar" (2).

Frei VICENTE DO SALVADOR, ao descrever um ataque desfechado pelos potiguares, contra as tropas portuguesas que principiavam o levantamento da Fortaleza dos Santos Reis Magos, em janeiro de 1598, informava também da presença francesa no Porto de Búzios: "... não tardaram muitos dias que não viessem (os potiguares) uma madrugada infinitos, acompanhados de cinqüenta franceses, que haviam ficado das naus do porto de Búzios, e outros que ali estavam casados com potiguares" (3).

Todo aquele intenso movimento comercial, desenvolvido pelos franceses no litoral potiguar, exigia a edificação de estabelecimentos destinados à guarda das mercadorias e dos armamentos, bem como ao aquartelamento das tropas em terra, como é óbvio. Será que ainda encontram-se vestígios de tais feitorias francesas?...

À margem direita e à pequena distância da barra do Pirangi, no sítio denominado Coqueiros, pertencente ao dr. Silvino Lamartine de Faria, encontram-se as ruínas de uma misteriosa construção. Fica a mesma na latitude da praia de Cotovelo, a cerca de um quilômetro da rodovia que demanda a praia de Pirangi do Norte.

Trata-se de uma antiquíssima casa de pedra, cujas paredes edificadas de pedras negras, rejuntadas com uma argamassa de cal e areia, elevam-se à altura de 3 metros do solo, ostentando uma espessura de 66 cm (3 palmos).

A casa de pedra apresenta um comprimento de 23 m, com uma largura de 14,69. A área coberta, de cerca de 338 m2, era outrora recoberta por um telhado de quatro águas. A disposição dos cômodos, que compõem o prédio, é representada por um amplo salão dianteiro, que mede internamente 13,37 m de frente, com 5,13 m de fundos; segue-se-lhe uma outra área, também com 13,37 m de frente, apresentando 10,15 m de fundos. O segundo salão é dividido ao meio por um corredor central. O terceiro salão, também com 13,37 m de frente, possui 5,10 m de fundos.

As portas da misteriosa edificação, já desaparecidas, apresentavam larguras variáveis, entre 1,00 e 1,10 m. Também existiam várias janelas. Constatamos, ainda, a presença de nichos nas paredes, em que também vêem-se fendas estreitas (seteiras), destinadas à defesa do prédio (paredes broqueadas).

Há mais de 30 anos, grande parte das pedras que formavam as paredes do edifício, foi carregada para os serviços de ereção de uma capela, no local Alcaçuz, próximo dali. O então adquirente do sítio Coqueiros, o dr. Silvino Lamartine de Faria, obstou a destruição, a que vinha sendo submetida a vetusta edificação.

Compulsando-se os registros de doação de datas e sesmarias da antiga capitania do Rio Grande, encontramos referência à data nº 17, concedida aos 23 de abril de 1601, a João Soromenho:

"Ha data dezasete foi dada a joão seremenho por o capitão João Rodrigues Colaço em vinte e três de Abril de seis sentos e hu, he de mil quinhentas braças ao longuo do mar quinhentas para o norte do ryo Pirangy para o norte quinhentas, e do dito ryo pera o sul mil e pera ho sertão mil e quinhentas, na qual praya ha dous portos de pescarias, hu em que sempre se pescou, que he o da banda do sul, e ho outro da banda do norte avera dois annos que o que deixou joão seremenho" (4).

A data nº 47, cujo beneficiário foi o mesmo João Soromenho, compreendia novas terras concedidas, ao sul daquela que tomou o nº 17:

"Ha data corenta e sete deu joão rodrigues colaço ha joão seremenho em trinta e hu de março de seis sentos e tres, são huas quinhentas braças de costa que comessão de outra data do dito joão seremenho para ho sul, e pera o sertão, como a outra data no qual porto pescaua e continuaua o dito joão seremenho da outra data DONDE TINHA A CAZA, não serue de nais q' para a pescaria" (5).

É possível que a casa, de que trata o histórico da data nº 47, encravada nas terras abrangidas pela data nº 17, fosse aquela casa de pedra, já mencionada no ano de 1570.

Através da data nº 168, Antônio Machado recebeu, a título de data e sesmaria, aquelas mesmas terras anteriormente concedidas a João Soromenho:

"Há data sento e sesenta e oito deu Lourenço Peixoto a Antônio Machado, os portos q' forão dados a João Seremenho, além disso hua legoa mais para o sertão, tudo ysto fica a aquem ho tinha e a leguoa por deuolutas". (6).

Tudo nos leva a crer que o levantamento daquela casa de pedra, teria ocorrido na 2a. metade do século XVI, em pleno período econômico do pau-brasil. Com o desaparecimento deste, a região perdeu a sua expressão econômica, não mais fazendo sentido construir-se um prédio de tal gabarito, sem o respectivo retorno lucrativo.

Ademais, a disposição dos cômodos que formam a edificação, indica que a sua finalidade seria, mesmo, a de servir como um aquartelamento e armazém e mercadorias (penas de avestruz, âmbar, algodão, fios de algodão, peles, pedras preciosas, etc.). O pau-brasil ficaria armazenado em galpões cobertos de palha, no pátio da casa de pedra.

Assim, somos de opinião de que naquela casa de pedra eram guardadas as mercadorias, objeto das trocas procedidas entre os franceses e os seus amigos potiguares.

O exame comparativo a ser procedido, entre aquela edificação e outras construções comprovadamente levantadas pelos franceses, no século XVI, poderia esclarecer, em definitivo, a origem daquela relíquia arquitetônica. Confirmando-se tal procedência, talvez mesmo com o auxílio da arqueologia, aquela construção do rio Pirangi tornar-se-á reconhecida como a mais importante, e talvez a única lembrança palpável, nos dias atuais, da presença dos traficantes franceses na nossa Capitania do Rio Grande.

FONTES: (1) BAIÃO, Antônio — **Documentos Inéditos sobre João de Barros**, p.154. Coimbra, 1917.
(2) SOARES DE SOUZA, Gabriel — **Tratado Descritivo do Brasil em 1587**, p.26. **In** Rev. do Inst. Histórico Brasileiro, tomo XIV, ano 1851.
(3) SALVADOR, Frei Vicente do — **História do Brasil 1500-1627**. p.268. B. Horizonte, Edit. Itatiaia. S. Paulo, Edit. da USP. 1982.
(4) TRANSLADO DO AUTO DA REPARTIÇÃO DAS TERRAS DO RIO GRANDE, AOS 21 DIAS DO MÊS DE FEVEREIRO DE 1614. **In** Rev. do Inst. Hist. e Geogr. do R.G. do Norte, vol. VII, n°s. 1 e 2, ano 1909, pp.23-24.
(5) IBIDEM, pp.32-33.
(6) IBIDEM, p.69.

V

MEMÓRIA

DA ALEMANHA AO BRASIL, NO MAIOR DIRIGÍVEL (1936)

Raul Fernandes

Em 1929, o Graf Zeppelin deu a primeira volta ao mundo. Façanha memorável. Iniciava suas viagens, conduzindo 25 passageiros.

Em 1936, contruíram o superdirigível Hindenburg. Jamais superado até nossos dias. Além da tripulação transportava de 50 a 100 passageiros. Capacidade para 20 toneladas de carga. Navegava entre 200 e 600 metros de altitude, numa velocidade média de 130 quilômetros por hora. Parado, flutuava no ar quase indefinidamente. Parecia um charuto prateado com 246 metros de comprimento.

Estava em Berlim e trabalhava no Hospital Universitário. Em 21.10.1936, em Frankfurt-am-Main, tomei o superdirigível, que num vôo direto alcançaria o Rio em três dias. Para decolar, abriram uma grande torneira, que lançava água no solo. A medida que perdia peso o balão elevava-se na vertical, em silêncio. Através das janelas de vidro, observávamos as pessoas em terra, diminuindo de tamanho. Todos à bordo sentiam mal estar, devido a vertigem das alturas. Ouviu-se um grande estrondo seguido de outros, com estremecimentos. Eram os motores a óleo Diesel funcionando, dos lados, girando enormes hélices. Sobrevoou o Reno em direção a Holanda e ao canal da Mancha. A França não permitia vôos em seu território.

Maravilhado, eu observava fazendas e campos bem tratados. Pilhas de feno. Castelos da Idade Média. Florestas de altos pinheiros. Gado leiteiro pastando. Cães a ladrar. Patos, gansos e galináceos corriam assustados. Famílias de alegres camponeses agitavam as mãos.

Dois andares da nave serviam de alojamento aos passageiros. No primeiro, havia camarotes para duas pessoas. Paredes decoradas, mesa, espelho, armário, campainha, lavatório, água corrente e luz elétrica. Lençóis de linho. Banheiro completo.

Viajavam 56 passageiros, sendo 5 brasileiros, 13 tripulantes e o comandante Capitão Max Pruss.

Ainda, nesse andar, ampla sala de refeições. Mesas para duas e quatro pessoas. À direita, espaçosa sala-de-estar, com mesas e poltronas. Saleta de leitura, biblioteca, serviço de correio postal e outro convés de passeio. No andar inferior, além da cozinha, a sala de música, com piano e serviço de bar, único local onde era permitido fumar.

O Hindenburg voava a uns duzentos metros, devagar e serenamente. Viagem agradável e emocionante. Oferecia o conforto de um navio.

Durante o jantar, todos vestidos a rigor. Nas mesas além do cardápio havia um cartão com o nome do ocupante. Folheto dava a lista dos passageiros e tripulantes.

A estrutura da nave era de dura-alumínio sendo todo o bojo revestido de linho, pintado à base de prata, que refletia a luz e reduzia o calor solar. Grandes lemes verticais e horizontais controlavam a estabilidade e a direção.

No dia 22 de outubro, passamos pela Espanha e o estreito de Gibraltar, a pouca altura. Visão perfeita, inesquecível. Alcançamos Marrocos, onde a paisagem mudou. Cidades e aldeias brancas. Tamareiras, jericos, camelos e solo arenoso, desnudo, amarelado. Gente de túnica e turbante. Voando perto do litoral, avistamos o inconfundível deserto de Saara. Sol a pino. Calor intenso. Núvens de poeira alcançavam o dirigível. Embaixo, dunas a perder de vista. Longa caravana, em fila, cortava o mar de areias candentes. Camelos a passos lentos conduziam cargas desmedidas, enfrentando aquele mundo hostil. Soprava vento quente. A distância, outras caravanas e acampamentos de beduínos. Céu amarelo-avermelhado. A nave jogava, lentamente, como se fosse um barco. Balanço corrigido pelos estabilizadores.

À tardinha, lobrigamos o verde limitante do deserto. Vegetação rala. Arbustos, poucas árvores, palmeiras. Inúmeras clareiras, próximas umas das outras. Nelas, quatro a seis choupanas redondas, cobertas de palha, em torno do pátio limpo. Perambulavam porcos, vacas, cabras e aves domésticas. Nativos imobilizados olhavam em direção à nave.

Anoitecia. Chegamos a Bathust, logo abaixo de Dakar. O Hindenburg soltava o gás, perdendo altura. Parou por cima de um caminhão de carga. Iluminou-o com holofotes. Lançou um cabo fino, de aço. Homens, em terra, engataram grandes pacotes, de pronto, recolhidos. Mas, o zeppelim tangido à deriva pelo vento, desviara-se. Ligados os motores, deu volta e repetiu a operação. Tratava-se de bagagens, malas-postais e provisões.

No dia entrante, sobrevoamos um transatlântico alemão. Saudava-nos com prolongados apitos. Viajantes, deslumbrados, de rostos voltados para o alto, agitavam os braços.

Penetramos, à frente, em núvens carregadas. Desabou o temporal. A chuva fustigava o revestimento da nave, fazendo um barulho ensurdecedor. Descíamos, com o peso d'água. Parecia que íamos tocar as ondas. Mas, ganhando velocidade, fugimos da borrasca.

Olhei o mapa na parede. O alfinete com bandeirinha vermelha indicava nossa posição. Cruzamos o Rochedo de São Paulo — pedra negra, vulcânica. Fernando Noronha, à tardinha. À noite, jantar festivo, regado a vinho do Reno. Entrega de certificados aos passageiros, que atravessaram o Equador, pela primeira vez. Guardei a lembrança do "Deus AEOLUS", datado, Hindenburg, 23.10.1936. Saí do refeitório para ver Natal.

O zepelim flutuava, de faróis acesos, diante do Forte dos Reis Magos. Lançou de pára-quedas, na Praia da Limpa, a mala-postal. Uma coroa de flores na estátua de Augusto Severo, aeronauta, norteriograndense, morto no desastre do seu dirigível, 1902. Natalenses nas ruas, apreciavam o espetáculo, deslumbrados. Conheciam o Graf Zeppelim e o Hindenburg, da viagem anterior.

Visita rápida. Com os motores acelerados, aproou para a costa, rumo ao sul. Às 22 horas, Berlim irradiava minha conferência para a América do Sul. Lá, embaixo, as areias limpas das praias separavam o mar do coqueiral verde-escuro, dentro da noite azulada. Panorama imutável. Queimadas clareavam a floresta. Aglomerados cintilantes denunciavam cidades e vilarejos. No mar, pontos de luz baça dos candeeiros das jangadas. Passageiros, na sala-de-estar, conversavam, jogavam cartas e bebiam cerveja. Na sala dos fumantes, as músicas melódica teuto-vienenses. Alguns passeavam no convés. Pessoas de várias nacionalidades. Tripulantes atentos em bem servir.

Fomos nos deitar. O dirigível jogava.

Viajamos no último dia, com tempo bom, apreciando a costa brasileira. Estrangeiros maravilhavam-se ante a exuberância da flora tropical. Matas fechadas, ao sul da Bahia. Rebanhos em vastas campinas. Fazendas de café, fumo e cacau. Vaqueiros tangendo boiadas. Abundantes terras incultas e despovoadas. o Estado de Espírito Santo, Salinas de Cabo Frio, no Estado do Rio. Viajantes, a bordo, prontos para o desembarque junto às janelas, admiravam a natureza arrebatadora do Rio de Janeiro — o Corcovado e o Pão de Açucar. Às cinco da tarde, estávamos ao longo da Avenida Rio Branco. O tráfego parou. Motoristas e passageiros saíam dos carros, a fim de olhar o aeróstato. Ruas, praças, janelas e terraços apinhados de gente. Gritaria e o buzinar dos automóveis. O entusiasmo não se arrefecia, dado o impacto produzido pelo objeto voador.

O Hindenburg aguardava a hora mais conveniente para baixar. Volteou a cidade, com lentidão. Vagueou pelo litoral. Às onze da noite, pousou no Rio, na base de Santa Cruz.

EM 1937, o Hindenburg fazia a linha dos Estados Unidos. A seis de maio, em uma noite tempestuosa, aterrissava em Lakehust, quando se incendiou com 97 pessoas a bordo. 37 morreram. Atribuiu-se a catástrofe ao santelmo.

Cerca de 1.200 pessoas tiveram o privilégio de viajar no Hindenburg. No Graf umas 18.000, em mais de 650 vôos normais, durante oito anos. Após esse desastre, deixaram de navegar, sendo desmontados em 1940.

Terminaram, assim, as viagens de luxo, conforto e romantismo. Encerrou-se o ciclo dos dirigíveis.

VI

CONTOS

"Conto é tudo aquilo que denominamos conto"

Mário de Andrade

OS MINI-CONTOS DE MARIA EUGÊNIA MONTENEGRO

A BORBOLETA AZUL

Ela sobressaia dentre as demais, no mostruário da exposição.

Centenas de borboletas, das mais variadas espécies, ali estavam prisioneiras de alfinetes assassinos. Todas catalogadas com seus nomes populares e científicos. Os nomes eram lindos: Urania, Papilia, Thysania Agripina, Agrias, Morpho laertes, e ela, a sua linda borboleta-azul, a Morpho anaxalia. E onde estava a Inocência do Visconde de Taunay? Não a achava. A Caligo beltrão lembrava uma coruja. Maravilhas da natureza. Ficou longo tempo a observar a sua borboleta-azul. Não restava dúvida. Ela era a rosa dos insetos, pelo colorido azul intenso de suas asas, com reflexos furta-cores a finos bordos pretos, acetinados.

Maria deu asas à sua imaginação como se estivesse no mundo encantado das histórias infantis. Ela era uma fada e iria libertar todas aquelas borboletas, a começar pela azul, que tanto a fascinava. Retirou o alfinete que a imolava e, eis que a bailarina do céu, liberta de seus grilhões, se pôs a voar, a voar, sob a sua cabeça e, ao mesmo tempo, a beijar uma a uma, as irmazinhas mortas. Estava tão embevecida na sua fábula que se espantou ao ouvir uma voz de advertência:

— Senhora, é proibido tocar nas borboletas.

Maria Eugênia
Assu - 1991

A TERAPÊUTICA FLORAL

A Dra. Marlene Campos era muito versátil, de cultura eclética, muito comunicativa. Era solteira, simpática e atraente. Seu lema de vida era **Trabalho e Ação.** Formada em medicina, não estava satisfeita com a especialidade que escolhera: a pediatria. Não tinha paciência para lidar com crianças e procurava um ramo novo de vida em que pudesse se realizar.

Folheando os jornais, deparou com a manchete de uma ciência recém descoberta: a cura pela essência das flores que curava, principalmente, os males d'Álma. Escreveu para o laboratório credenciado e ficou tão entusiasmada, que resolveu fazer curso de especialização em São Paulo. O curso se denominava de TERAPÊUTICA FLORAL e tinha um vastíssimo campo de ação, pois tratava de todos os problemas do coração humano, como tristeza, saudade, solidão, amargura, amor, coragem etc. Para se obter o diagnóstico de um cliente, era necessário uma longa conversa preparatória, à semelhança de um exame homeopático.

Abriu o seu consultório e como a propaganda da TERAPÊUTICA FLORAL se fazia através da imprensa e da televisão, em breve se tornou famosa, e tinha uma espécie de consultório sentimental.

Certo dia, apareceu-lhe um cliente, de mais ou menos trinta anos, de boas maneira, simpático, que dizia sentir-se triste e amargurado e solitário. Estava à procura de uma mulher ideal para se casar, pois as que conhecia eram fúteis, vazias. Feito o diagnóstico e a psicologia do cliente, a dra. Marlene com sua jovialidade e comunicação, passou-lhe a receita:

PARA ACABAR COM A ANGÚSTIA E A SOLIDÃO:

1 vidro de Essência de Flor de Lotus-
15 gotas três vezes ao dia.

PARA ENCONTRAR A ESPOSA IDEAL:

1 vidro de Gerânio Silvestre
20 gotas três vezes ao dia

PARA QUE SEU FUTURO AMOR SEJA CORRESPONDIDO

1 vidro de Viola Tricolor (amor-perfeito)
25 gotas, duas vezes ao dia
Nota: voltar ao consultório, após 15 dias.

Impressionado com a receita e com a médica, cordialmente se despediu. À data marcada, voltou, Parecia eufórico, feliz.

— Então, tudo bem? — Perguntou curiosa, a sorrir, a dra. Marlene. Alguma novidade?

— Eureka, Doutora, eureka! Encontrei a mulher dos meus sonhos!

— Tão depressa assim? Que essências milagrosas!

— Verdade, Doutora. Estou apaixonado por você.

A ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DAS FLORES

Estava comprovado que as flores falavam, ouviam, sentiam. A sensibilidade delas era tanta que, às vezes, choravam. Isto podia se comprovar em certas flores e árvores como o chorão, salgueiros e outras variedades. As malissas e algumas leguminosas se fechavam em copas, ao serem tocadas. Notava-se também que as flores gostavam de música e cresciam de forma surpreendente, ao som de qualquer melodia.

Determinou-se que seria criada a ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DAS FLORES, cuja sede seria em HAYA, por ser a Holanda o país das maravilhosas tulipas.

Criada a ORGANIZAÇÃO, cuja sigla seria OMF, o primeiro ato da Comissão foi instituir um curso de Esperanto, para que as flores melhor se comunicassem com os seres de sua espécie e com os homens uma vez que cada flor tinha o seu próprio idioma.

Terminado o curso, convocou-se uma flor de cada espécie para as eleições que deveriam se realizar a fim de que se podesse escolher a representante das várias divisões que comporiam a entidade e que seriam feitas através do voto, com direito a vetos.

Plenário superlotado, foram apresentados os candidatos. Para:

1) ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA PAZ - O M P
Lírio Branco. (Palmas, muitas palmas)
2) ORGANIZAÇÃO MUNDIAL CONTRA A GUERRA - O M C G
Rosa PALMEIRON - (palmas)
3) ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE CULTURA - O M C
Tulipa (Muitas palmas)
4) ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA PRESERVAÇÃO DA ESPÉCIE - O M P E
Orquidéa Cypripedium (palmas)
5) ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE ECOLOGIA - O M E
Vitória - Régia - (Palmas)
6) ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE TELECOMUNICAÇÕES - O M T C
Flor de Laranjeira (fracas palmas)
7) ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE - O M S
Cravo de defunto (váias, muitas váias, apupos, assovios)

O plenário se transformou num verdadeiro inferno. Cada flor xingava na sua própria língua, criticando uma escolha tão deprimente de uma flor que representava a morte. Não, não e não. O pobrezinho do cravo de defunto, debulhado em lágrimas, todo trêmulo, procurava se defender, até que, as flores em fúria, o lincharam.

E foi assim que terminou a Primeira Assembléia da ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DAS FLORES.

Maria Eugênia
Assu - 91

Nota - Do livro "os mini contos de Maria", em preparo.

VII

POSSE DE ACADÊMICOS

DISCURSO DE POSSE DE SANDERSON NEGREIROS

Despem-se e despedem-se de mim, nesta hora, todos os títulos, honras, glórias e lauréis que porventura esta hora carregue consigo, emparedada de emoções. Chego na inatual condição de alguém que se espanta; e contrai a virtude de, em meio a tantos, tocados pelo emblema da amizade, encontrar-se desprovido dos méritos acadêmicos, senão consciente do significado de que muito vale a pena participar, compreender, reunir-se; conquistado pelo frêmito da condição humana, tantas vezes trágica, mas quase sempre banhada pela luz da ternura inesquecível de apoiarmos nosso destino no comum destino dos que são responsáveis pela criação modificadora do mundo.

Depois de quase doze anos de espera e chamados, estou entre vós, advindo pela conspiração da amizade, a única irreversível, feita de generosidade impaciente, doadora de riquezas interiores e voluntária qualificação que faz com que sejamos úteis no servir e disciplinados na escolha atingida.

Já se perde nas calendas de um maio distante, quando Veríssimo de Melo e Manuel Rodrigues davam-me conta de ter sido escolhido para a Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, na unanimidade da lembrança, que soou na humilde acústica de um jornalista provinciano, como as surpresas gratas da vida às vezes ingrata, mas fecunda em nos aproximar da certeza de que somos sempre responsáveis em fazer crescer, em torno de nós, o espaço interior, que nos move em busca do Bem atingível, da verdade simples das coisas e da visão magnífica que essas pequenas coisas — acidentes e incidentes milagrosos — sempre nos deixam, de um destino que nos leva e atrai continuamente para Deus.

E foi essa nutrida concepção finalística, existencial e propulsora, que fez com que nosso patrono, Afonso Ligório Bezerra, morto aos vinte e dois anos de idade, tivesse tido o presságio de que a vida não pode ser avivada e vivida sob o capricho de imediatos horizontes de sobrevivência, mas de singular e metódica exposição de motivos, que consagre no homem sua missão, simpática e empática de, entre atos e fatos quotidianos, respirar o sagrado dom de ter sido batizado com a face voltada para o Absoluto.

Em um dos seus melhores contos, em que ele busca chegar ao hectare onde, contido, o sertão repousa, Afonso fala na misteriosa noite sertaneja, de um sertão que não era físico, mas povoado de duendes e mistérios inquantificáveis — o sertão metafísico que todos carregamos dentro de nós —, e ouve o elementar

som da noite que respira e poreja um sertão interpenetrado da "voz medonhamente assustadora da suçuarana", voz invisível que se impregna definitivamente no homem, para sua condenação ou sua própria liberdade.

Afonso Bezerra foi daqueles que ansiaram por ultrapassar sempre, de constante, o legado do sobreviver diário, inquirindo sobre a finalidade do mundo e do homem, entranhado daquelas constantes que tornam os imponderáveis da vida como revelação da Fé e da Graça. Morrendo em prematuro desígnio, teve sempre a consciência de se afirmar dentro da disciplina quase ascética de buscar religiosamente o sentido afirmativo e antropológico de si mesmo, mas também saindo dele, integralmente, para o necessário encontro com Deus.

Se morreu cedo demais, seus olhos já tinham absorvido todas as distâncias aflitas; suas mãos tinham traçado, no ainda adolescente, os caminhos niveladores dessa incessante ida e vinda com a realidade maior que nos angustia e, por isso, nos liberta. Sua frágil figura, consumida pela tuberculose, ofereceu-se em holocausto — o êxtase terminal e místico, do espírito para sempre liberto da contingência da matéria.

E, nesta noite, muito menos nossa do que dele, sua lembrança o faz presente entre nós, vivo e modelado pela única definição que ilumina o homem: a de fazer de sua existência, não o figurino consagrado e aceito, mas o perfil de bondade reveladora para quem procurou plantar, na terra dos homens, a lição de gravar entre os de sua geração o sinal perfeito daquilo que é eterno. Tangível e eterno.

Vejo-o, sem tê-lo conhecido, através de depoimentos de Manuel Rodrigues de Melo e de Nilo Pereira, como o rapaz provinciano que foi além da expectativa de seu mundo pequeno e humilde. A esse chão riquíssimo de surpresas, foi dele um prisioneiro por necessidade de amá-lo, em tudo que escreveu, mostrando os ângulos do sertão imaginoso, fábula e poesia, como nos temas em que investia, de dentro de sua ótica de jovem católico, na dedicação virtuosa que o fazia insuperável.

Vejo-o na madrugada última de sua agonia — poucos amigos em volta, os pais, pobres, e sem recursos maiores para conduzí-lo a um tratamento clínico nos grandes centros; a vida física a se ir através dos olhos perturbadoramente interrogativos, solitários, banhados da visão espiritual de uma vida posterior: Natal dormindo no dia 8 de março de 1930 seu sono quieto — e ele, repassado pela hora absurda, consumada e consumida, revisitando seu sertão de Carapebas, a infância que lhe dissera de sua curta missão, mas prodigalizadora de incontidos instantes de participação de ser e fazer.

Ele, que há pouco não quisera acreditar na morte de Jackson de Figueiredo, e a quem consagrara comovedor artigo, deve ter sido o recomeço de tudo, o fim da faina humana através da luz da aurora que se anunciava por sobre os morros amanhecentes de Natal.

Em seus contos, onde o mistério se avizinha de uma certeza de união entre a simplicidade dos seres sertanejos e seu universo de caprichos e danações, conquistas e pobrezas, tinha olhos para ver e ouvidos para ouvir, com poesia de singela anotação, a presença dos vagalumes cortando o negrume de espaço e tempo na saga sertaneja, o canto polifônico dos tetéus, a aparição dos caborés e mães-da-lua, a figura quase invisível do corujão na cumieira de uma dessas casas perdidas nas veredas selvagens, casa solitária e única, habitada por um

silêncio ameaçador. Afonso Bezerra tinha essa faculdade, que nunca lhe foi gratuita, de ver o outro lado das coisas, o seu desdobrar, o seu deslocamento, a face voltada para o claro-escuro da apreensão mental, o lado noturno do homem e sua peregrinação exploratória. Descrevendo, por exemplo, os comboeiros que inventavam as pegadas ocultas do sertão, no comércio de troca entre regiões distantes, ele via nessas figuras andadeiras — os almocreves —, os tropeiros, os cargueiros e freteiros — raça hoje extinta —, como se fossem itinerantes em busca de um reino desconhecido. Neles se fixavam, além da idéia original da troca de mercadorias e o lucro de que disso pudesse resultar — uma fome de emoções singulares, estranha compulsão de descobrir e inaugurar caminhos, forçar o inabitável da terra indescoberta, centuriões de périplo desconhecido, em busca tanto dos cerros do Cariri como da feliz convivência com o perigo, o inóspito, o indesbravado, o que, em termos mais altos, é a luta do homem à procura de sua identidade, visão e antevisão de algum paraíso perdido.

Era também o sertão da simplicidade falante, comunicador de uma fauna e flora medidas por imemorial força poética, de contenção e magia, na gloriosa manhã dos açudes refletindo a pureza dos ares, a contemplação de uma noite que ele chamava de ininterrupta: propiciatória à repetida alegria de viver e conviver, vestida de sons e tons que só o sertanejo conhece e sabe nomear. E, principalmente, ele, filho de Carapebas, que Rodrigues de Melo descreve magistralmente como a terra "onde nasceram e viveram seus antepassados, antigos criadores de gado, curraleiros coloniais, sesmeiros indivisos, agricultores afamados, pegadores de ema, matadores de onça, batedores de estradas, cavando a terra, ferrando e derrubando gado, rezando na capela e nos santuários particulares, militando na política e nas festas do orago, como prova de boa cidadania e vera catolicidade. Ali se ergue, ostensivo e milenário, o Cabugi, cachimbando neve, nas manhãs friorentas; e azulando o espaço, ao cair das tardes, quando a chuva se aproxima".

Mas também o que Nilo Pereira definiu: "Afonso Bezerra não era apenas um escritor; era um apóstolo. Nos seus papéis íntimos, com os quais Rodrigues de Melo tanto acrescentou ao conhecimento psicológico de Afonso Bezerra, lá está o pedido feito a Deus para nunca fugir à verdade, para que não lhe faltem forças no combate aos males da época — o materialismo, o agnosticismo, o ceticismo, a disponibilidade espiritual, a indiferença".

Daí, o louvor incontido de quando escrevia sobre a figura de Frederico Ozanam, que se dispôs a viver um catolicismo, não apenas de conteúdo teologal, mas de caridade viva e militante. Congregado mariano, dentro dos limites ortodoxos que sua visão filosófica impunha, soube ver, sem ressentimentos, o espetáculo do mundo, pois, segundo os depoimentos que nos chegaram, possuia a afabilidade dos puros e a tentação do comedimento existencial.

Aos vinte e dois anos, lógico que a pouca idade não lhe tivesse dado mais ocasião e oportunidade de conhecer o verdadeiro Cabo das Tormentas, o indecifrável Cabo do Não, aquele que se atinge senão à força de muitas quedas e padecimentos. Dentro do significado do verso de Manuel Bandeira: "a vida é santa apesar de todas as quedas".

Morreu como terceiranista de Direito, fazendo o curso no Recife, convivendo com novos amigos e mestres. Principalmente, no momento em que o grande mundo se lhe descerrava a verdade do viver mais amplo, mais aberto e mais empolgante.

Rodrigues de Melo fez-lhe a justiça de publicar, em um só volume, todos os contos, crônicas e ensaios. Trabalho de perseverante boa-vontade, atingindo por esse admirável trabalhador intelectual, que tanto fez, material e espiritualmente, por esta Academia.

Senhor-Presidente. Senhores Acadêmicos. Não quero me colocar entre os que Padre Vieira chamava de não terem tido tempo de ser breves. Chego a esta Casa, na noite vivificada pelo apreço da amizade de tantos, amizade numerosa e populosa, sem precisar auto-definir-me numa como interiorização proclamada do que sou ou deixei de ser. Temos muito para realizar e trabalhar, o infindável para a criação, as horas multiplas para a escolha de se fazer e atingir. O Bem, que não seria agora, inteiramente recompensado por me saber um entre bilhões, e pela bondade com que me recebem, que eu iria entoar o canto da paixão íntima e narcisista. Tenho só duas mãos e o sentimento do mundo — está no verso de Carlos Drummond de Andrade.

E chego, sem me especializar em nenhuma matéria e em nenhuma virtude. Creio muito no mundo de hoje, apesar da constrangedora desunião das mentes e das intenções. O homem está numa procura saudável de encontrar-se com ele mesmo, revolver suas virtualidades, definir seu Eu superior e, ao mesmo tempo, há uma irresistível vocação de solidariedade, na preocupação do exercício da justiça. Nesse reencontro do homem com seu Eu, sabendo sua potencialidade instintiva e espiritual, nunca se pensou tanto no bem comum como nos dias atuais. E isso é exatamente o parto das idéias, a maiêutica de que falava Socrátes. Entre Tales de Mileto e a teoria da relatividade de Einstein, vinte e cinco séculos se passaram. A evolução não se faz aos saltos, o monismo evolucionista, que tanto impregna a obra de dois pensadores prediletos, Teilhard de Chardin e Pietro Ubaldi, é o grande sinal de paz para a mente inquieta de hoje. Não se precisará, no campo social e moral, para que o homem se tome feliz, dos vinte e cinco séculos que separaram as dúvidas cosmológicas de Tales de Mileto, da explicação de um universo, curvo e finito, de nebulosas ainda em expansão, que é a teoria do campo unificado de Einstein.

Um discípulo de Platao, nos "Diálogos, já perguntava: "Mestre, como vai o mundo?" Esta pergunta sempre será a nossa reflexão, mais do que espectadores que somos desta grande hora de gestações e finalidades. O mundo continua em "la santa continuidad", de que falava o pensador espanhol Eugênio D'Ors. Mas, de repente, ele se nos aparece áspero, irreflexivo; e, por isso, belo e auspicioso.

A esse instante definitivo, que para os babilônios e mesopotâmios seria um instante de fábula, constrói-se a hora anunciadora de promessas consentidas e fraternas realizações decifráveis. A esta hora, que ainda não é a undécima nem a vigésima quinta hora do Evangelho, deveria estar presente Afonso Ligório Bezerra: seu signo, sua luta, sua esperança sem desespero.

Minhas senhoras. Meus senhores.

Recebi a palavra de saudação de um amigo — quase presença paternal de amizade — fugindo a todos os cânones acadêmicos. Nós não sabemos o que um dirá do outro, como manda a praxe. Porque não era preciso. E isso eu lhe transmiti — as afinidades eletivas, a generosa amizade de que sou cativo,

naquilo que nos advinhamos mutuamente — eu com a idade de ser seu filho —, tudo isso explica a afeição agradecida que dedico a Nilo Pereira. Desde os dezesseis anos de idade, quando publiquei meu primeiro livro, que sua palavra tem sido a de quem, mais velho, mais experiente, e sábio, não quer me perder de vista, como se eu fosse um de sua família, um dos seus. E ele sabe que o sou. Não nascemos só na mesma terra, a do Ceará-Mirim, mas carregamos o mesmo sangue, daquilo que pelo menos pretendemos ser, e que Léon Bloy chamava de "peregrinos do Absoluto".

A Manuel Rodrigues de Melo e Onofre Lopes, ex-presidente e presidente atual da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, os responsáveis diretos por estarmos aqui no meio de todos vós, não poderia esquecer a palavra forte do agradecimento, não pela imortalidade — a mortalidade humana já me basta —, mas por que foram, ao longo de quase doze anos de espera, os articuladores pacientes que contiveram minha rebeldia.

Vejo-me e revejo-me no meio, no ambiente, na felicidade melhor que se aspira: o amparo da amizade, no apoio dessa amizade dos que têm sabido ver em mim a única virtude que auto-proclamo: sou fiel a esse querer bem, a essa circunstância única que faz com que chegue aqui, agora, para sempre, não só com duas mãos e o sentimento do mundo. Mas venha com as mãos também cheias, plenas, enriquecidas pelo dom de ser humano; e lutar para nunca deixar de sê-lo.

NOTA: A posse a Sanderson Negreiros ocorreu em 11-12-77.

Este discurso e a saudação de Nilo Pereira,apenas tinham sido publicados em Plagcete sob o título "A Humana Palavra Necessária".

DISCURSO DE NILO PEREIRA EM SAUDAÇÃO A SANDERSON NEGREIROS

Pela terceira vez, na história da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, dois Ceará-Mirinenses se defrontam num ato solene de recepção: a primeira vez quando de minha posse, ao ser recebido por Edgar Barbosa; a segunda, quando recebi nesta casa ao acadêmico-teatrólogo Meira Pires; a terceira, nesta noite, quando dou, em nome da ilustre Companhia, as boas vindas ao acadêmico Sanderson Negreiros.

Tudo isso é para mim uma evocação da terra, da sua paisagem sentimental, do mundo distante — e tão presente — que sempre revivi nestas horas em que nos encontramos e somos um só na mágica recordação das coisas que não passam.

Creio que o maior país que conhecemos é o da infância, que cresce à medida que crescemos e vemos a vida passar como num sonho. Tudo se alonga numa perspectiva lírica que é uma busca do tempo, uma ânsia do reencontro feliz.

Sanderson Negreiros, nascido no Ceará-Mirim, vindo de lá para as seduções da cidade maior, tem as suas raízes mergulhadas no chão sagrado. Aqui chega, nesta noite acadêmica, à imortalidade literária, que já havia conquistado antes de ingressar nesta Academia. Pois a imortalidade, com a qual muito nos iludimos, não é privativa das Acadêmias, mas de quem a conquista pelo talento criador e original.

O novo acadêmico traz consigo uma obra que é afirmação da sua inteligência à procura de coisas misteriosas, que são o reino fabuloso dos poetas.

Não se deu pressa em entrar; mas também não permitiu ao acadêmico que o recebe neste momento maior tempo para meditar bastante sobre a sua obra de poeta, de escritor, de jornalista e de filósofo. De modo que, chegando à Academia sem pressa, nem por isso chega com uma oração que o confrade, escolhido para saudá-lo, pudesse escrever em profundidade.

Singular circunstância nesta posse de Sanderson Negreiros — vindo devagar pela estrada, entra depressa. Coisas de um poeta, que não se mede pelo tempo, pelas medidas comuns dos homens. O tempo é uma categoria abstrata: marca as etapas da História, mas não é capaz de fixar profundamente a ansiedade das almas diante da vida e do mistério que nos envolve.

Uma visão global da obra literária de Sanderson Negreiros nos dá a perspectiva de um poeta diante do mundo moderno, agitado pela incerteza do nosso

destino. Se "escrever é uma maldição", como diz Thomas Mann, então essa maldição recai toda inteira naqueles que, como o nosso imortal de hoje, trouxeram a sina de sofrer as dores do homem e as ansiedades do universo.

Por isso, olhada a obra poética de Sanderson Negreiros por um ângulo mais amplo, temos de dizer que ele é um filósofo que fala uma linguagem poética, ao mesmo tempo que é um poeta que fala uma linguagem filosófica.

Penso traduzir bem o sentimento do mundo nessa integração entre o poeta, que o recria, e o filósofo que o explica. Entre Jó e Sócrates.

A poesia é a linguagem por excelência de Sanderson Negreiros. O cotidiano lhe desperta as grandes emoções, que suscitam na sua maioria os poemas do mistério e da solidão. A tendência do poeta é a paisagem moral do homem moderno, atormentado de problemas. Não que o cenário da natureza, que é fascinante, lhe cause menor interesse. É sobretudo o sertão — talvez mais do que o vale, deixai passar esta mágoa — que move a sua inspiração criadora. Nisso tanto se aproxima de Afonso Bezerra, patrono de sua cadeira e grande contista do sertão, como de João Guimarães Rosa, a quem dedica um belo poema. O sertão lírico e rupestre é um dos seus encantos. Note-se que os seus POEMAS RUPESTRES são escritos quase todos ou mesmo todos no Rio de Janeiro. De longe está vendo e revendo a sua paisagem. Mas, quando canta um rio provisório, que parece morrer em certa época, bem sabemos — ele e eu — que rio é esse, de onde vem e onde se espraia, alagando o vale primitivo e afogando as canas como um deus vingador, em contraste com a doçura da terra invadida.

Não vale a pena procurar na poesia de Sanderson Negreiros a superfície das coisas, o relevo do solo, o exterior do mundo, porque a sua profundidade é o próprio homem. Daí ser escatológico o seu verso. Tem o sentido de uma conquista do Espírito. É uma viagem subterrânea, da qual ficam na superfície das águas apenas estremecimentos líricos, que denotam lá em baixo um navegante solitário, que procura mundos não de todo descobertos e até mares nunca dantes navegados.

Eis o nauta perdido num mundo submerso. Realiza a sua vocação. A sua viagem pelo Absoluto. E diz o que faz no "Ritmo da Busca", que é a sua poesia toda:

Enriqueço de peixes o mar propiciatório
Para que as âncoras recolham o sujo do tempo
E as quilhas rasguem os pandos ventos.
De eternidade esplende o cáis
Para a partida
Sem cor
das náus

A imagem do navegante, como se vê, convém à interpretação dessa poesia, embora ela seja também muito da terra. O nauta tenta chegar a um porto além do mar. É quando diz:

Ah! vultos eólios, presos à roupagem do medo,
se formam dentro da neblina do mundo!
Anjos riscam com severos riscos de luz
as estradas e os rios ilibertáveis
— Estou sentindo o Poeta que me acompanha.

Que poeta será esse? Cuido que é ele mesmo, sois vós mesmo, Sr. Sanderson Negreiros, que não cessais de andar pelas profundidades abissais do mundo e do existir humano. Pois esse é o vosso destino de poeta do Absoluto, arrastado à especulação dos problemas pelos gênios do Mistério, que vos seguem. Se careceis de que vos acompanhe, tereis ao vosso lado o navegante, que enriquece de peixes o mar, que sente o quanto a inquietação das vossas ondas é a angústia do mundo, a incerteza da condição humana.

O caniço pensante — tão dramaticamente pascaliano — se dobra ante a convulsão das águas, e aí temos a tragédia do nosso tempo que só os poetas, os santos e os filósofos sabem interpretar e comunicar.

Três são os livros de poemas de Sanderson Negreiros — **Ritmo da Busca,** o que me tocou mais de perto pela abordagem filosófica, FÁBULA, FÁBULA e LANCES EXATOS. Há nesses livros, nessa poesia, uma unidade espiritual — todos são um ritmo de busca, todos procuram um abismo onde o homem não resvala, porque há na poesia de Sanderson Negreiros sempre um anjo que evita a queda. Se formos tentar uma definição do poeta, ou, melhor, uma fixação do poeta na sua geografia sentimental e estética, teremos de admitir a limitação de que ele nos dá conta nesses versos —

Ao norte, limito-me por arquipélagos.
Ao sul, fica a extensão invariável de minhalma.
Debruçado estou nos desequilíbrios dos polos
Com u'a queda. Oh meu abismo encontrado!
Ao leste, o desejo das viagens impossíveis,
a imensa estrela dos caminhos de Santiago.
Ao oeste, estou equiparado na desilusão.
Os limites têm por forma o horizonte.

Eis aí, uma vez mais, o abismo: mas o poeta equivoca-se: não há limitações para ele. E é por isso que os limites têm por forma o horizonte. E com ele se confunde, numa viagem infinita, da qual a Poesia é a forma, a expressão e o canto. O poeta é pobre como Jó e rico como Salomão, disse hoje Sanderson Negreiros em entrevista à imprensa.

O poeta, num poema dedicado a Manuel Bandeira, diz que espera a estrela da manhã para empreender a sua viagem a uma Pasárgada que é a utopia dos sonhadores e dos fingidores.

Na vossa poesia, Sr. Sanderson Negreiros, há palavras que estão sempre voltando, palavras mágicas, tais como solidão, horizonte, queda, abismo, absoluto, infinito, aurora, crepúsculo. O canto primitivo e telúrico do sertão. Palavras que marcam os caminhos do homem. Que vos cingem à terra, ao mar, às coisas visíveis e invisíveis, ao mundo criado e ao incriado.

Tudo isso é uma germinação de poesia. Como está no vosso belo poema a Jorge de Lima, poeta de minhas confidências noturnas:

Chegaste aos olhos do Senhor?
Dante te falou do Inferno?
Jorge já passaste
Por cima de mim?
Ainda estás viajando?
De teus dedos e pincéis e pistilos
ficou um resto de silêncio,
umas fímbrias de desterro,
germinando poesia
na nossa paisagem fluida.

Se a poesia é sobretudo noturna, como disse Jean-Cocteau numa carta a Jacques Maritain, esse poema, que é uma elegia a Jorge de Lima, que parece uma visão sobrenatural e encantatória da Arte, um anseio do homem pelo Mistério que o envolve e que é a atmosfera que ele respira.

Uma poesia que tem essa beleza singela e cotidiana:

Nas mãos, o acento suave de tua
desesperança, a imaginar no dorso
da noite, uma flauta desenhada
de lembranças. O silêncio de tão
branco cai ao canto de uma sala
escuras mas de lento branco consumida
Grave lamento dos instantes
que em ti vivi de vida humilde.

Estes versos de FÁBULA, FÁBULA dão a dimensão poética de qualquer grande poeta.

A visão senhorial e rural do Ceará-Mirim não podia deixar de estar no verso de Sanderson Negreiros. Não é uma "constante", mas inspira o poeta diante da terra irresistivel na sua maneira de ser Aristocracia e Plebe. Eis um poema escrito no Ceará-Mirim;

O cheiro das tranças espalhou de repente
melancolia. Na sala
cavalheiros e damas trocavam impressões
sobre o amor e morriam.
Roçagar de sedas. Arreios dourados, esporas
e esporas tinem pelo corredor.
Nos azulejos, gestos proibidos.
Um feudo
e a esperança de não findá-lo.

Esse poema, que vem em LANCES EXATOS, põe o poeta em contato com o cenário antigo de uma cidade cavalheiresca, que foi BRIOSA VILA, e com esse nome heráldico nasceu sob um signo medieval, que lhe coube para marcar bem o seu destino.

Sois um poeta, Sr. Sanderson Negreiros, em busca da vossa grandeza interior, do vosso universo humano, e não apenas das circunstâncias de que se entretece a vida.

Que é um poeta? Vós bem sabeis o quanto há de sofrimento no ato poético. É um ato supremo. Há mesmo um estado de graça para a gestação de um poema. É preciso que o poeta esteja predisposto à criação. E que haja nele uma imensa receptividade para a fecundação, que impõe o silêncio, a solidão, a recriação do universo, as mãos sangrentas como as chagas de Cristo, igual no belo poema de Jorge de Lima.

Esta é a vossa permanência poética. Por isso quem analisar a vossa obra literária terá de deixar a preocupação estética ou esteticista em benefício do abismo em que lançais, a cada passo, o vosso espírito inquieto, insatisfeito, pascaliano.

Insisto em dizer que a vossa poesia é uma atitude filosófica, é uma conduta especulativa, porque tendes o sentido da vida, que vos está sempre presente.

Ainda há pouco, em concurso que fizestes para a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, vossa tese, versando sobre "Sócrates, Patrono do Humanismo", deu a exata colocação da vossa Inteligência diante do mundo e do homem. Essa tese deve ser publicada como livro ao alcance de todos, porque é uma visão empática de um filósofo ajustada a uma contemporaneidade fiel, como gosta de dizer mestre Luís da Câmara Cascudo.

Sois um socrático, assim como sois também um maritaineano, um bloysiano, um agostiniano — em uma palavra, um homem voltado para os dois mundos, o que vemos. e o que não vemos, ou para as duas revoluções, a Visível e a Invisível, como diz Alceu Amoroso Lima, ou para as duas Cidades, a de Deus e a dos homens, na visão de Agostinho.

E é aqui que, segundo penso, atinjo nesta rápida análise, o vosso pensamento, a vossa reflexão, que também se estende, muitas vezes, à vossa atividade jornalística.

Atividade em que procurais não tanto o brilho eventual da crônica, mas a vida cotidiana, com o seu importante trivial. Com as coisas de cada dia. O mistério da vida comum.

O jornalismo tem sido para Sanderson Negreiros u'a maneira de ser escritor. Uma arte, como reclama Alceu Amoroso Lima, no seu ensaio **O Jornalismo como gênero literário.** Escreve Alceu Amoroso Lima: — "O jornalismo como gênero literário, deve antes de tudo ser uma arte, isto é, uma atividade livre do nosso espírito no sentido de **fazer bem alguma obra"** Acrescenta que "o jornalismo é uma arte da palavra, em que esta possui um valor próprio".

Um dos mestres desse jornalismo como arte e como estilo foi Carlos de Laet, que tanto condenou o que chamava o "jornalismo facilitário". O cotidiano, tal como acontece na poesia, é um condicionamento da arte de escrever em jornal: — arte do escritor em que se alonga o jornalista. O caso específico de Sanderson Negreiros, cujos artigos e crônicas são exemplares como expressão de estilo e de comunicação. E como valorização da palavra.

A notícia é o nervo do jornal. Daí parte o jornalista para o comentário, para a análise do fato, para a interpretação dos homens e das coisas. Anibal Fernandes, mestre do jornalismo pernambucano, costumava lembrar a regra básica do jornalismo francês: — os fatos são sagrados; o comentário é que é livre. Aí é que interfere o jornalista com o seu talento. A sua marca pessoal. A sua maneira de ser. Sem que vá nisso a facilidade de tirar ilações. Ou a irresponsabilidade de usar mal a liberdade de que dispõe, que é uma liberdade responsável.

Sanderson Negreiros se transporta para o jornalismo como quem se realiza numa arquitetura artística. pois escrever em jornal não é tarefa sumária; é missão de quem escreve. De quem, além de jornalista, é escritor. Isto é, artista.

Sois, sr. acadêmico Sanderson Negreiros, no jornalismo o mesmo artista da palavra. Pois o jornal, como a Poesia, se faz com palavra. E vós tendes esse dom: — o de saber dizer, que é o mésmo que saber traduzir os grandes sentimentos humanos, as dores do mundo.

O fato de ser Afonso Bezerra o patrono da Cadeira ocupada, de hoje por diante, por Sanderson Negreiros, e de ser a poesia do novo Acadêmico uma prospecção no mundo do absoluto, que lhe oferece uma busca incessante, me tenta a algumas considerações sobre a situação espiritual do escritor, do poeta, do artista, do filósofo, do pensador, do cientista, nesta hora de perplexidades, que é uma hora agônica.

Só de relance passarei por essa seara que tantas vezes tenho palmilhado com as sandálias do viandante do deserto, que procura a palmeira prometida. O passar dos anos só é importante porque é o repassar de gerações. São elas que podem dar a medida do tempo vivido. O tempo não existe senão como categoria abstrata para marcar as etapas da humanidade. A História não é feita pelo tempo, que passaria de qualquer maneira, mas pelo homem, que vai deixando pelos caminhos a sua vida, a sua glória, o seu fracasso, a sua fragilidade, o seu engano, a sua ânsia, que é a respiração do espírito.

Que diferença haverá entre os da geração de Afonso Bezerra, de quem fui amigo e companheiro, e a atual, sob o ponto de vista das nossas perguntas e das especulações da criação? Creio que poucas.

Tudo mudou, é certo. Ele não conheceu a televisão nem imaginou que, ainda neste século, o homem pudesse chegar à lua. Estávamos, então, na fase da imaginação e do devaneio. Os romances de Júlio Verne nos levavam a mundos maravilhosos. Mas aquilo era fantasia.

E, hoje, que vemos? O admirável mundo novo de Huxley, a imaginação precedendo à realidade, a fantasia à ciência.

O desenvolvimento é palavra-chave, como o átomo. Mas onde está o homem? Como vai ele? Onde viveu? Como se sente?

Eis a questão. O homem procura a si mesmo. E não poderá encontrar-se sem os poetas, sem os pintores, sem os trovadores, sem os seresteiros, sem os cantadores de feiras, analfabetos geniais, como diz Cascudo, sem os ficcionistas de cordel, sem os filósofos, sem os santos, sem os folcloristas, sem os sábios do povo, que não são doutores **P H D.**

É para esse humanismo global, cristocêntrico na sua maneira de ser uma busca de Deus, que me volto nesse momento, quando um poeta tanto tem o que dizer a todos nós — e esse poeta se chama Sanderson Negreiros, cuja inspiração filosófica me deixou quase assombrado, duma feita, quando fez de improviso

um discurso no terraço da casa de engenho de Ruy Pereira Júnior, no vale do Ceará-Mirim. Acredito que o vale edênico — espécie de paraiso perdido, que marca indelevelmente a infância de quem lá nasceu ou verde-nasceu, como eu, que nasci no Verde-Nasce — lhe tenha dado aquela força prodigiosa de Anteu místico. A verdade é que a sua oração foi de extraordinária beleza. Vi, então, que estava diante de um homem dotado de grande riqueza interior e de criadora energia espiritual.

O nome de Afonso Bezerra é uma legenda da Fé, uma herança da inteligência. Pertencemos ambos à Congregação Mariana de Moços, dirigida por um apóstolo, que tantos benefícios fez ao Rio Grande do Norte — o professor Ulysses de Goes. Ao tempo de Dom José Pereira Alves, Bispo de Natal, o movimento católico da juventude chegou a ser um dos mais citados como expressão de pugnacidade na luta pelos nossos princípios. No Colégio Santo Antônio, Afonso e eu estudamos horas inteiras não só as nossas lições como outras coisas — problemas que começavam a aflorar nos nossos espíritos. Datam daí os nossos primeiros contatos com os livros de Jackson de Figueiredo, de Joseph de Maistre, com o Horto de Auta de Souza. Escreviamos ambos, ainda quase adolescentes, no antigo DIÁRIO DE NATAL, órgão da Diocese, dirigido por Alberto Roselli. E juntos, a duas mãos, escrevemos uma peça teatral em um ato, que figura no livro de Afonso Bezerra — ENSAIOS, CONTOS E CRÔNICAS, Rio. Ed. Pogentti, 1967 — editado graças aos esforços e às pesquisas de Manuel Rodrigues de Melo, no governo do Monsenhor Walfredo Gurgel, que tinha por Afonso grande admiração.

Uma de minhas reminiscências mais vivas é a do Afonso como pessoa humana — sempre bondoso, acolhedor, de largo espírito sertanejo, refletindo na sua conversa e nos seus contos a linguagem telúrica da sua gleba, os hábitos, os costumes e tradições do sertão, que ele tanto amou.

Outra lembrança é a do nosso afinco em estudar um ponto difícil de História Natural — a célula. Não conseguimos entender facilmente o assunto. Fomos então ao padre Monte, que morava num quarto próximo, no Colégio Santo Antônio, ou ali assistia, como se costuma dizer.

O Padre Monte, de inteligência angélica, o nosso DOUTOR ANGÉLICO, foi ao quadro-negro, traçou a figura que vinha no livro e deu a explicação clara, comunicativa, convincente, que jamais esqueci. A verdade é que, examinado no velho Ateneu, ainda no prédio inexplicavelmente destruído, pelo Dr. Mário Lyra, saí-me tão bem na matéria (o ponto sorteado foi célula...) que ele me perguntou se eu ia estudar Medicina. Era a lição transparente de um gênio da nossa terra — o Padre Luiz Gonzaga do Monte, cuja obra dispersa está sendo reunida e publicada, em boa hora, pela Fundação "José Augusto", por iniciativa de Sanderson Negreiros.

Aos vinte e dois anos faleceu Afonso Bezerra, quando terminava o segundo ano da Faculdade de Direito do Recife, já próximo de se matricular no terceiro. Sua última frase foi esta: -TANTO QUE EU QUERIA SER UM ESCRITOR CATÓLICO.

Precisamente o que ele foi — um escritor católico. Um genuino líder católico, como disse Veríssimo de Melo, no seu livro PATRONOS E ACADÊMICOS, vol. I, pág. 245.

Peço a Sanderson Negreiros que me pedoe por essa talvez indevida incursão na biografia e na análise possivelmente interpretativa do seu Patrono. Não pude resistir. Ele também é meu Patrono, nesta noite. Como Sócrates, Patrono do Humanismo. Sede bem-vindo a esta Casa, que vos recebe jubilosa.

11-12-1977.

VIII

NECROLÓGIO E DECLARAÇÃO DE VAGA

DISCURSO DO ACADÊMICO GRÁCIO BARBALHO NECROLÓGIO DO ACADÊMICO ASCENDINO DE ALMEIDA

Quando, em alguns momentos, procuramos analisar a irreparável sequência do tempo poderemos assinalar instantes que se entrelaçam e que, às vezes, parecem simbolizar uma situação já definida. É o que no momento acontece quando vejo que, nesta mesma tribuna, onde trago palavras de evocação do saudoso acadêmico Ascendino Henriques de Almeida, estava ele, há bem poucos anos, a me dirigir a grata mensagem do meu acolhimento nesta Academia.

Nas palavras com que me saudou assinala o momento do nosso primeiro encontro. Foi no Colégio Pedro II, dirigido pelo professor Severino Bezerra onde, sentados lado a lado na mesma carteira escolar, ensaiamos o primeiro diálogo. Cursávamos então a 3ª série ginasial. Corria o ano de 1932 e aqui registro um detalhe que nunca esqueci: vejo o colega Ascendino a marchar na Praço Augusto Severo, compondo a turma que se exercitava para a luta contra a revolução constitucionalista de São Paulo. O combatente Ascendino, já elevado ao posto de sargento, não perdeu o ano letivo pois a rebelião teve encerramento prematuro. E assim terminamos juntos o ginasial, cursando os dois últimos anos no Ateneu.

Posso assegurar que foi Ascendino o colega de quem mais me aproximei. Era um convívio de adolescentes que, ao lado do interesse comum nas aulas que recebiam, procuravam juntos entender e analisar aspectos do resumido universo literário ao seu alcance.

Terminado o curso, houve a dispersão. Seguimos caminhos diferentes e só 15 anos depois tivemos um encontro casual no aeroporto do Rio de Janeiro e então pudemos reviver, na viagem que fizemos até esta cidade, a saudosa convivência dos velhos tempos de ginásio.

Devo encerrar a sequência dos momentos que permitiram a nossa aproximação assinalando o período final dos encontros quando, já aqui radicados, lembrávamos com insistência a nossa Natal de outra época.

Guardo, então, o caderno de reminiscências para delinear um resumo da multiforme atividade profissional do mestre Ascendino ao lado do indiscutível valor de sua produção literária. Traços essenciais de sua biografia já foram definidos pelo Acadêmico José Melquiades quando, nesta Casa, o saudou. E ainda as palavras de saudação que foram proferidas pelo odontólogo e acadêmico

Leão Pereira Pinto em reverência ao patrono de sua Cadeira na Academia Norte-Riograndense de Odontologia. Em síntese, alguns dados serão revividos e estarão presentes.

Nascido paraibano e potiguar por adoção, iniciou o curso secundário, após exame de admissão, no Ginásio Santa Luzia de Mossoró onde cursou os dois primeiro anos. Transferido para Natal, fez o 3° ano no Colégio Pedro II e os dois últimos no Ateneu, já lembrados como os anos da nossa distante convivência.

Ao terminar o curso ginasial começou então Ascendino a seguir a caminhada que o levaria ao êxito profissional enquanto revivia um sonho de adolescente ao penetrar no mundo da cultura.

Em 1936 ingressou na Faculdade de Odontologia do Ceará onde se tornou dentista em 1938 tendo sido o orador da turma. Recém-formado, passou a exercer a profissão de início em cidades do Rio Grande do Norte, seguindo depois para Belo Horizonte e São Paulo onde aperfeiçoou seus conhecimentos.

Ainda como odontólogo foi professor da Cadeira de Patologia e Terapêutica Aplicadas na Faculdade de Odontologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Fundador da Academia de Odontologia do Rio Grande do Norte, ocupou a Cadeira n° 4 que tem hoje o seu nome como patrono.

A sua dedicação ao estudo da nossa lingua, sua condição de irrecusável filólogo o conduziram, através da Secretaria de Educação do Estado, ao ensino do português no Ateneu Norte-Riograndense. Daí então passou a lecionar a matéria em outras instituições de ensino. A fidelidade ao estudo da língua portuguesa está presente nos livros que publicou. Com autoridade, lança a terceira edição de sua "Gramática de Lingua Portuguesa", já adaptada à reforma ortográfica criada na época pelo governo.

E a sua "Gramática Funcional", que contém uma original e preciosa interpretação ligada ao ensino da língua na escola primária. Já na maturidade veria consagrada a sua devoção ao estudo do nosso idioma com a publicação de um trabalho literário sobre o hifen. Entretanto, a imprevista adoção de uma nova sistemática no uso desse traço de união das palavras impediu a publicação, o que trouxe a Ascendino a desoladora certeza de que estaria perdido o coroamento de sua meritória escalada no universo estrutural da nossa língua.

Como escritor e poeta, além de membro desta Academia, que hoje lembra a sua presença, pertenceu Ascendino ao Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e à nossa Academia de Trovas. Devo ressaltar que Ascendino era membro do Instituto Histórico desde março de 1979 e que, por proposta do seu Presidente, o escritor e acadêmico Enélio Lima Petrovich, a mais antiga casa de cultura do nosso Estado se incorpora, em sentida homenagem, a esta noite de evocação e saudade.

Sua inclinação para as letras já se manifestara em nosso tempo de ginasianos para se firmar, logo em seguida, em 1935, como um dos fundadores do jornal "A Palavra". Anos depois, já no labor da vida profissional, chegou a vez de lançar, ao lado dos valiosos livros didáticos em português, o seu "Pensamento em Férias" Livro de crônicas, contém o prefácio de Edgard Barbosa, seu antigo professor nos tempos do Ateneu e de quem, no futuro, iria receber a Cadeira n° 5 desta Academia.

No prefácio diz Edgard Barbosa: "O antigo professor não foi o único a adivinhar, no pequeno estudante dos belos idos de 1933, o escritor, o pesquisador dos fatos da linguagem, tão bem revelado nos originais que tenho em mãos".

Direi agora que, em verdade, além da correção impecável no uso das palavras, analisa aspectos diversificados da conduta humana onde se pode até mesmo assinalar, em algumas de suas crônicas, um real sentido filosófico.

O poeta Ascendino Almeida participou com destaque da nossa Academia de Trovas. E certo que a sua inspiração criadora selecionava, de preferência, a quadrinha rimada e metrificada.

A trova seria então o alicerce fundamental de seu engenho poético. A coletânea POETAS DO BRASIL, organizada por Aparicio Fernandes, contém, em no seu terceiro volume, algumas trovas do poeta Ascendino. Cada trova tem o seu sentido próprio, discorrendo sobre incidências e motivações do cotidiano. Uma demonstração do seu afeto familiar poderia estar presente nesta que aqui transcreverei:

"Morremos juntos, querida
A Deus eu peço tal sorte
Unidos sempre na vida
Também unidos na morte"

Ascendino pertencia à Loja Maçônica como venerável além de Grão-Mestre Adjunto do Grande Oriente Independente do Rio Grande do Norte. Ao se despedir deste mundo onde deixou, para os amigos, a aura de um vazio espiritual, recebeu com carinho a justa homenagem de seus colegas maçons.

Podemos reviver nesta noite a emoção daquela homenagem no instante em que o acadêmico Ascendino Almeida entrega a sua Cadeira a um sucessor mas permanece imortal nesta Academia e sempre presente na saudade de seus amigos.

ASCENDINO, GRÁCIO E A ORAÇÃO FÚNEBRE

José Melquíades

Faz, hoje, exatamente, 14 anos, um mês e 16 dias, que Ascendino Henriques de Almeida Jr. recebia sua consagração acadêmica ou aquela glória efêmera que a condessa de Frondi adotou como divisa: **non moritura** - imortal. Foi uma noite festiva de 25 de fevereiro de 1977. A Academia manifestou-se em toda a sua plenitude: visívelmente cheia. Aqui, vieram seus amigos, seus irmãos, sua família, seus colegas de profissão e de magistério. Presidia à sessão o confrade Onofre Lopes, o grande incentivador de frequências às assembléias. Risos e palmas; alegria e satisfação. Coubera-me a incumbência de lhe dirigir a saudação de praxe, por convite e até imposição dele, Ascendino.

O tempo passa, tudo passa para a vida. O homem morre e da imortalidade acadêmica resta a ilusão de uma noite de glória. Ontem, um auditório repleto; hoje, três dezenas de pessoas. A desculpa do esquecimento. A imortalidade volta a se manifestar, algumas vezes, nas bibliotecas ao sabor dos escritos bem elaborados ou nas virtudes literárias dos bons autores. Ascendino foi um deles.

Sêneca, na sua Epístola 99, definiu a imortalidade com estas palavras de advertência: **hoc unum contigit immortale mortali** - a virtude é o único bem imortal que possuem os mortais.

Acabamos de ouvir a saudação póstuma proferida pelo confrade Grácio Barbalho, o panegírico merecido, em reconhecimento às virtudes do falecido. Elogio fúnebre tem o gosto amargo de sermão de exéquias. Cumprindo esse doloroso dever, Grácio, com muita propriedade e igual sobriedade, traçou o perfil pedagógico do nosso saudoso Ascendino: o filólogo, o literato, o mestre-escola, o poeta, o prosador de fôlego. Confrontou adequadamente aquele que ressuscita momentaneamente nas bibliotecas com o homem de qualidades morais que sobrevive nas virtudes e no exemplo deixados.

Pediu-me dona Maria do Carmo, Carminha, como a chamava o marido, na intimidade do lar, pediu-me ela que, em nome da família e em seu próprio, agradecesse as palavras carinhosas do panegirista. Aqui o faço, ainda que um tanto compungido pela nota tristonha do elogio póstumo. Ontem, naquela noite inesquecível de 25 de fevereiro, risos se abriam nos lábios, a vida se rebustecia

nos corpos, o sangue corria quente nas veias, as palavra coroavam a festa e a orquestra tocava dobrados. Hoje, dobram os sinos, os lábios se trancam, tremem as pálpebras e uma lágrima escorre pela face, no doloroso ofício dos mortos.

Ascendino foi meu amigo, meu irmão, meu colega, meu compadre. Frequentei a sua casa e ele constantemente frequentava a minha. Juntos participamos de reuniões formais e familiares, assembléias, e tertúlias, casamentos e sepultamentos. Com ele e em companhia de sua esposa e da minha andamos parte desse Brasil. Estivemos presentes ao casamento de Diógenes da Cunha Lima, aquela bonita cerimônia celebrada em João Pessoa, na Igreja da Samaritana, no dia 3 de janeiro de 1968. Celebração elegante e vibrante, na simplicidade litúrgica dos franciscanos. Ascendino estuava de vida; Diógenes iniciava vida nova.

Fomos juntos a Aracaju, numa viagem sentimental, recreativa e evocativa.

Rodamos, em missões maçônicas, quase todos os recantos desse nosso pequenino Rio Grande do Norte. Seca o meca, na expressão proverbial com qual os portugueses se vangloriavam de suas viagens e conquistas. Foram mais de trinta anos de sadia convivência e harmonioso entendimento.

Esforcei-me para trazê-lo para a nossa Academia. Saudei-o com um discurso descontraído e fraternal. Pelos seus conhecimentos vernaculares e sua habilidade de estilista, e também dispersa e sóbria qualidade trovadoresca, aproximei-o do cego Castilho e o distanciei do cego Aderaldo. Ascendino era mais fértil e mais espontâneo na elaboração da prosa do que nos versos improvisados em noites ou em cantarias de violas e salões. Em prosa, ele era preciso; em verso, um tanto limitado.

Hoje, em nome da família enlutada, cumpro o dever sombrio de agradecer as palavras respeitosas e ponderadas que Grácio Barbalho acaba de dirigir ao pranteado. A vida é um complexo de fatos e fados, o destino traiçoeiro com suas causas e efeitos: o que passou e o que restou no confronto dos acontecimentos; nem chega a ser causa eficiente. O tempo é ingrato, mas é preciso que tiremos dele algum proveito ou como discursava Cícero - **tempori serviendum est** - é necessário que nos acomodemos às circuntâncias do tempo. Prevalece o fato e os fatos carregam a força do destino.

Os jurisconsultos romanos costumavam ilustrar seus arrazodados com esse belo aforismo jurídico: **facta potenciora sunt verbis** - os fatos têm mais força do que as palavras. Pois bem, meu caro Grácio Barbalho, suas palavras pesaram, na balança do tempo, os fatos elogiáveis sobre a vida de Ascendino o trouxeram a força do convencimento. Se é dado aos mortos a faculdade de ouvir as orações dos vivos em sufrágios das almas, certamente Ascendino, no além, deve está, lá na alturas, duplamente feliz por este sóbrio ato de solidariedade cristã. Em nome, pois, de dona Maria do Carmo, de seus filhos e netos e de toda família que ainda lhe resta, eu respeitosamente agradeço o discurso proferido. **Requiescant in pace, et non moritura** - descansemos todos em paz à sombra de nossa ilusória imortalidade acadêmica.

(=) Discurso pronunciado, no dia 11.04.1991, na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras.

IX

ENSAIO

"MÚSICA, DIVINA MÚSICA"

Pe. Jorge O'Grady de Paiva

De S. João, o 4° Evangelista, são estas palavras iniciais do prólogo de seu Evangelho: "No princípio era o Verbo e o Verbo estava em Deus e o Verbo era Deus".

Parodiando essas transcedentes palavras podemos repetir, com o compositor e maestro alemão Hans Guido Von Bülow que "No princípio era o Ritmo" e, à maneira do Evangelista, complementar: e o Ritmo estava em Deus e o Ritmo era Divino! Sim, porque sem ritmo não há música e a música é divina, pois remonta às Três Pessoas da SS. Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo.

Procedem os elementos fundamentais da Música - Ritmo, Melodia e Harmonia — de cada uma das respectivas Pessoas Divinas.

Ritmo é duração, a qual supõe o tempo; Melodia é movimentação, a qual requer o espaço; e harmonia é união qual, na música, a do conjunto de tonalidades diversas.

Criou Deus-Pai o mundo nos 6 dias bíblicos que abrangem períodos de longa duração, avaliados em milhões de anos. E o ritmo desses Dias, que compreendem as Eras geológicas, foi o binário, pois, ao fim de cada um deles houve, segundo o Gênese, **tarde** e **manhã**, o que configura a binário, o qual corresponde, na cronologia científica, às partes **inferior** e **superior de cada período. O ano reduz-se a meses, o mês a dias, o dia a horas, a hora a minutos e, o minuto, a segundos. Já que o tic-tac** do relógio marca os segundos a cada **dois tempos,** indica, assim, o ritmo binário, ritmo que também é o do movimento pendular, de **ida-e-volto** e que gasta 1 segundo para cada oscilação simples e 2 para uma oscilação completa. De acordo com a Moderna Cosmologia ou seja, pela atual "Teoria da Expansão do Universo" este, alcançado o limite máximo expansionista dá início à fase de contração. Tem, destarte, o Universo caráter **pulsante**, por estar em perpétuo movimento de contração expansão. Daí ser o Universo chamado, também, de Pêndulo Cósmico ou Universo Oscilatório. É, pois, binário, o Universo ou, o que dá no mesmo, é universal o ritmo binário. E esse ritmo da Criação mantém-se no pulsar cardíaco (sístole e diástole) e, entre outros atos orgânicos, no de respirar (inspiração e expiração) e, ainda, na marcha ou andar cadenciado ou compassado (2 tempos).

O próprio dia de 24 horas, constante de dois períodos de 12 horas, assim fazendo alternar o claro do dia com o escuro da noite, apresenta *binarismo rítmico*, ainda presente, de certo modo, tanto na simetria bilateral da maioria dos seres vivos como na dupla modalidade existencial da matéria e anti-matéria, desde que, para cada partícula subatômica há, em contra-partida, uma anti-partícula ou sua imagem espelhada (simetria de reflexão ou paridade). Nem se pode descartar da ritmia binária o próprio sexo, por sua natureza formadora do par. E abrange a binaridade rítmica, ainda, a área do pensamento puro. Foi esse o campo de ação de Planck e Eisntein, que apreciavam a música e, nela se exercitavam. E o faziam pela **musicalidade** do pensamento! Fosse o ato de pensar árido, arritmado e não traria maior compensação, pois causaria demasiado esforço cogitar (pensar tem métrica, é poético). Foi, por certo, o ritmo do pensamento ou sua "musicalidade em princípio" ou "estado musical" que levou Planck a idealizar a Teoria dos "quanta", já que estes, por assim dizer, **quantificavam** a própria música pelo ritmo-binário (o **quantum** de Planck é número inteiro, qual o binário). E o mesmo diga-se de Einstein - no ritmo binário (dois tempos) um tempo é relativo ao outro e nenhum dos dois se concebe de maneira absoluta ou independente. Assim, também, não há tempo absoluto nem espaço absoluto. Desse modo uniu Einstein espaço e tempo, de ambos fazendo um binarismo solidário, já que o **espaço-tempo-contínuo** é o espaço continuado pelo tempo, valendo o tempo pela 4ª dimissão do espaço. Criou Deus-Pai o mundo com o tempo, na duração do tempo, imprimindo-lhe o ritmo que, até hoje, perdura. Bem dizia Bülow: "No princício era o Ritmo"...

Passemos à Melodia ou 2° elemento fundamental da Música.

Requer a melodia a ação, assim como exige esta a extensão, tendendo todo movimento vibratório produtivo do som a traçar ou engendrar linha melódica. E da própria dissonância pode advir consonância, a exemplo do que fez Haydn com a "Sinfonia da Criança" (inspirado no bater infantil, desordenado, das teclas de um piano) e o exemplo, ainda, da atual Anti-música, dita eletrônica. Assim, de todo o ruidoso excesso de decibéis do meio ambiental hodierno, se pode extrair melodia. Disse, com muito acerto, um pensador: "A música absorve o cáos e o ordena". Foi de ordem musical, por certo, o processo que fez passar a Terra do primitivo estado caótico para o ulterior estado ordenado.

Tendo Deus-Pai criado a Terra nela pôs o Homem para a guardar e dominar. Mas havendo a criatura humana delinquido, desobedecendo à ordem que punha à prova sua fidelidade ao Criador, reentrou a desordem no mundo... Era preciso restaurá-lo e resgatá-lo ou seja, extrair da desordem nova ordem. E' a missão de Deus-Filho. Reunidas, em Grande Conselho, deliberaram as 3 Pessoas Divinas, que a 2ª ou seja, o Verbo de Deus, descesse do céu à terra a fim de assumir a natureza humana, uma vez que foi o homem criado à imagem e semelhança de Deus e essa imagem e semelhança eram as de Deus-Filho relativamente ao Pai. E foi assim que o Verbo de Deus humanado entrou na História dos homens, dividindo-a em duas partes: Antes e Depois de Cristo (qual nova influência do ritmo binário). Fez soar Jesus sua divina palavra, de eterna sabedoria, ensinando o caminho de volta para o Pai e, com ela, operando os maiores prodígios. É o caminho da Fé (que vinda pelo ouvido vem pelo órgão do som e da música) e é a estrada dos Mandamentos e a via, mais alta ainda, dos Conselhos Evangélicos. E resgatou Cristo o homem decaido por sua Sagrada Paixão e Morte.

Fez da Redenção, pela Cruz, a Divina Melodia do Drama do Calvário. Todo compositor tem sua melodia preferida ou favorita. Qual a de Cristo, Compositor Supremo? Era a da sua Paixão e Morte, sobre as quais falava, sempre, com os discípulos e quando, um dia, lhe disse Simão que isso não iria lhe acontecer, ele ponderou: "não tens o **gosto** das coisas de Deus, mas das dos homens..." (Mc. 8,33). Era, pois, a sua melodia predileta. Mas como encontrar melodia na dor, no sofrimento e na morte? Revestindo esses aspectos negativos da vida de superior significado, como o fez S. Agostinho ao dizer: "O' feliz culpa, que mereceu tão grande redentor!" Preciso era, também, traduzir, em tom musical, esse transcedente sentido da vida. A poesia religiosa, os hinos, o salmodio (que remonta ao Rei-profeta e sua Cítara), o conto litúrgico se incumbiram, desde o princípio, desse mister, tendo sido decisiva, no séc. VI, a atuação do Papa Gregório Magno com o canto-chão (melodia plana ou linear), que aprimorou e a fundação de uma "Schola Cantorum". Logo o canto-chão tomava o nome de canto gregoriano ou canto coral, o qual culminaria, no inicio do séc. XX, com o **"Motu proprio"** de Pio X, que que nos deu a "Carta Magna" da música sacra (pouco tiveram Pio XI e Pio XII, depois, a acrescentar). Tudo, na religião cristã, estava fadado a passar pela transfomação da música. Era a túnica nupcial da Graça, revestida das galas da arte sacra. Nem podia ser de outro modo, já que religião é vida e viver implica em sentimento e emoção e o canto e a música dão estímulo à vida e a nutrem (donde o grande e atual uso, popular, do cântico sacro litúrgico, ordenado, pelo Concílio Vaticano II).

Como bem cantou o jovem poeta Ivanilton Galhardo:
"A música embala a vida
E lhe dá sentido eterno"

Assistimos, nos últimos séculos, a uma magnítica floração da Música com motivação religiosa. "A Paixão, segundo S. João" e "A Paixão, segundo S. Mateus", de Bach; "A Paixão segundo S. Lucas", de Penderecki;"As 7 palavras na Cruz", de Haydn; "A Ceia dos Apóstolos", de Wagner; "As bemaventuranças" de Frank; "A Negação de S. Pedro", de Charpentier; "O Te-Deum", de Bruckner; e "A Ressurreição", de Mahler são, entre outras, obras-primas, magistrais. E que dizer do gênero "Oratório", com Haendel à frente, inspirado no Natal e na Páscoa? E das solenes e monumentais "Missas", tanto festivas como "de réquiem"? E dos louvores à Virgem Mãe de Deus, do "Stobat Mater", às Ave-Marias, dentre as quais a de Schubert e a de Gounod? E da incomparável suavidade de Palestrina, que a todos extasia? "Como a alma sobe a Deus nas fugas de Lalande"! Assim o expressou o Cardeal português na "Ceia dos Cardeias", de Júlio Dantas, havendo, pouco antes, na mesma obra, afirmado o Purpurado espanhol, referindo-se aos concertos sacros no Vaticano: "Música de uma unção espiritural tão grande!" Impossível concluir esta parte sem alusão à "Marcha Fúnebre" de Chopin, composta dez anos antes de sua morte e que nos toma, intimamente, tão compungidos como se estivessemos com saudades do estado de graça, perdido com o 1° pecado. Deixou de ser a morte, com o advento cristianismo, aquela Parca inexorável, simbolizada em caveiro de riso alvar ou naquele esqueleto descamado empunhando implacável foice. Porta de entrada na outra vida, temos que ver a Morte à maneira de Francisco de Assis, como irmã a Irmã Morte que entra, sutil, no quarto do enfermo e, delicadamente, fecha as pálpebras ao moribundo. Como diferem, da vida e da morte pagãs,

a vida e a morte cristãs! O dia da morte não é só o das lágrimas dos que ficaram ou o da saudade de quem se foi; é, também, o dia da esperança de que se voltará à vida, na Ressurreição final. E, assim, a árvore em que Jesus morreu, passou de árvore da morte a árvore da vida, porque Aquele que nela morreu venceu a morte.
Os santos não a temem e S. Teresa de Jesus desafiou-a em quadra de fina ironia:

"Vem, Morte, não escondida
Para que eu te chegue a ver;
Pois o **gosto** de morrer
Não o torna a dar a vida".

Passemos, agora, ao 3° elemento fundamental da Música, que é a Harmonia. Harmonia é união. No caso da Música é variada combinação de tons. E representa a 3ª Pessoa Divina, por ser o Espírito Santo que une o Pai ao Filho e o Filho ao Pai. Faz-se essa união pelo AMOR, cabendo ao Espírito Santo a missão de unir e harmonizar. E enquanto os bemaventurados, na mansão celestial, entoam loas ao Senhor cantam ao céus, segundo Daví, a glória de Deus (Sl 18,2) e faz-se presente, no espaço sideral, segundo Pitágoras, a música dos astros, por ele chamada de Harmonia das Esferas. Kepler pautou-a e tendo formulado a Lei harmônica do sistema planetário mereceu, de Paul Hindemith, ter sua vida transformada em ópera, "A Harmonia do mundo" (de 1957). Muita razão teve Dante de dizer (Paraíso, canto 33) que "o amor move o Sol e as estrelas"... E é assim que o Ritmo e a Melodia culminam na Suprema Harmonia do Universo, chamado **Cosmos** precisamente por ser harmonioso.

E a quem achar, agora, que aos 3 elementos fundamentais da Música falta um 4° — o Timbre — pelo qual se destingue o som de cada instrumento e de cada voz, saiba que a obra das 3 Pessoas Divinas tem característica distintiva, o **timbre** pelo qual se dá a conhecer cada uma. Deus-Pai é o Criador; Deus-Filho, o Redentor; Deus-Espírito Santo, o Santificador.

Tempo é, já, de considerarmos os instrumentos musicais. Dividem-se em 3 grandes categorias: os de corda, os de percussão e os de sôpro. Os de corda representam Deus-Pai. A corda tensa e firme tem a solidez que é próprio do Criador. A Moderna Cosmologia vê a estrutura do Universo como um conjunto de **super-cordas** ou **tiras cósmicas,** ultra-delgadas e super-tensas, mas tão resistentes quais as das teia no mundo da aranha. "Dai-me uma alavanca e um ponto de apoio e eu levantarei o mundo", afirmou Arquimedes. O ponto de apoio e a potência da Alavanca Universal que move e sustêm o Universo inteiro é Deus-Pai. E tange sua mão divina as cordas da Harpa ou Lira Cósmica, enquanto preside ao harmonioso concerto do conjunto de todos os seres criados. Já os instrumentos de percussão representam, Deus-Filho, como Redentor do mundo. Nele vibraram os látegos da Flagelação e teve perfurados as mãos e os pés pelas batidas dos cravos na Cruz. Tambor algum jamais retumbou tão alto! Como teria dito Dionísio, o Areopagita, em Atenas, no dia em que Cristo morreu na cruz: "Ou a máquina do mundo se dissolve ou padece o autor da natureza". O rumor desses fatos repercute, até hoje, no mundo! Segundo nosso eminente Patrício Olavo Dantas, "o martelar dos cravos que fixaram Cristo na cruz ressôou mais na História, do que o estrépito de cem batalhas". Quanto

aos instrumentos de sopro, representam o Espírito Santo, **Divino Sopro** que deu vida ao corpo do homem, formado do limo da terra, bem como lhe vivifica a alma comunicando-lhe os dons inefáveis da graça. E atua como sutileza e suavidade, trazendo refrigério e conforto aos que o invocam.

Sete são as notas musicais, oriundas de cada sílaba dos primeiros versos da 1ª estrofe do Hino de Vésperas de S. João Batista (hino do séc. IX e e da autoria de Paulo Diácono) e assim propostas, no séc. XIII, por Guido D'Arezzo, monge beneditino. Só essa contribuição da Igreja, dada à Música, bastaria por no devido relevo a influência da religião cristã na arte musical. E como é Roma a sede do catolicismo exerceu a língua italiana onimoda influência na nomenclatura musical.

Mas, por que 7 as notas? Que representa esse número?

É o resultado da soma de 3 mais 4, sendo 3 nº celeste (3 Pessoas Divinas) e 4 nº terrestre (4 pontos cardeais). Esses mesmos números, multiplicados, dão 12 e lembremos que são 12 os sons da escala cromática (dadecafonismo). Bem se vê que resulta a música da união do céu e da terra, união que se manifestou no Cântico dos Anjos, por ocasião do nascimento de Cristo, quando entoaram o "Glória a Deus nas alturas e Paz, na terra, aos homens por Ele amados". E remonta tal união à Escada de Jacó (AT), escada posta entre a terra e o céu e, pela qual, subiam e desciam os anjos de Deus. Bela imagem da música, cujas notas sobem — escala ascendente — e descem — escala descendente. E que dizer da Pauta, conjunto de 5 linhas que formam o Pentagrama, contadas de baixo para cima, senão que nossa vida deve ser **pautada**, desde baixo (da infância), pelos Mandamentos da Lei de Deus? Sem pauta não pode ser escrito música na terra, como sem a observância dos Preceitos Divinos não pode escrever o homem seu nome no Livro da Vida. A grandeza das 7 notas (pautadas, infra-pautadas ou sobre-pautadas) não pode ser mais eloquentemente expressa do que por este 14 decassílabos, de alta inspiração e sabor clássico e da autoria do acadêmico Antônio Justa. Versos que soam qual sequência vibrante de uma partitura de solfejo. Ei-los:

"Música"

"E's tu quem me fascina, que me encanta,
Quem das dores do mundo me arrebata,
Quer nos templos de Deus, onde és tão santa,
Quer no enlevo imortal de uma sonata!

Vibras na onda febril que se alevanta,
No seio do tufão que se desata,
E acendes os gorjeios na garganta
Do harmonioso pássaro da mata.

E porque dás assim consolo aos tristes,
E estás em toda parte, e em tudo existes,
Nas fontes... nos covis... nas catedrais...

Amo-te em qualquer parte onde tu brilhas,
Porque na terra as sete maravilhas
São hoje as sete notas musicais!..."

Dentre os instrumentos da música cabe referência especial ao Cravo, do qual se originou o piano. A asa do formato daquele instrumento já lembra a dos seres angélicos... Duas alusões ao Cravo se encontram na "Ceia dos Cardeais", de Júlio Dantas. Na 1ª assim fala o Cardeal francês:

".....Um dia, o velho Philidor
Dedilhava no cravo um certo minuete
Um mimo, o que há de mais século XVII"

E, na 2ª, mais adeante, diz o mesmo membro do Sacro Colégio:

".....Junto ao cravo, o velho Philidor
Tocava o seu minuete ingênuo e palaciano".

Outra referência especial merece o Órgão, antigo instrumento (séc. II A.C.) e, do qual, é o harmônio variedade. É oriundo da flauta dos pastores. Seu son é grave, austero, terno e empolgante. Nenhum melhor para acompanhar o canto-chão. Do ilustre norte-riograndense Gil Soares, é este expressivo soneto, intitulado:

A UM ÓRGÃO

Bendito o que inventou tuas escalas
De longas e sagradas harmonias,
Órgão, que os cantos místicos desfias
Nos templos cheios de oiro, incenso e galas.

Quantas tristezas, quantas nostalgias,
Em ânsias lentas oh! tu não exalas,
Sempre que dos cristãos e Deus embalas
As preces vesperais e as agonias.

Tu, que da eterna dor da humanidade
e's arauto no som e na bonança,
O' órgão de infinita suavidade!

Manda, nos divinais acentos teus,
Dos que vivem — ao céu toda esperança,
Dos que morrem — à terra o último adeus.

Crê-se que foi no órgão que S. Cecília, da nobreza romana do séc. III, elevava a Deus o coração puro e virginal. Mereceu, depois de martirizada ser a Santa Padroeira da Música. E Rafael a imortalizou numa obra-prima de sua arte pictórica.

No rol dos instrumentos musicais há que incluir o sino, bronze temperado para produzir sonoridade forte e percutido, na face interna, por um badalo. Do triste dobre de finados ao repique festivo e alegre emitem os sinos sua voz possante para chamar os fiéis a igreja e acompanhá-lo em todos os grandes momentos. Na "Ceia dos Cardeais", por nós já citado, há uma referência aos sinos feita pelo Cardeal português, em resposta ao seu colega da França, quando o interpelou:

"Eminência, que diz? Em que pensa, Cardeal?"
E ele:

"Em como é diferente o amor em Portugal!
Nem a frase sutil nem o duelo sangrento...
E' o amor do coração, é o amor sentimento,
Uma lágrima... um beijo... uns sinos a tocar...
Um parzinho se ajoelha e que se vai casar..."

Uma trova lusa, atribuida a Augusto Gil, reza assim:

"Sino, coração da aldeia,
Coração, sino da gente.
Um a sentir quando bate,
Outro a bater quando sente".

Perguntamos, agora: de todos os instrumentos musicais, qual o maior e o que mais tem contribuido para o cultivo e desenvolvimento da Música? Cremos que o Piano, cujo repertório musical é o maior que se conhece sendo, como é, em extremo versátil. Atribui-se sua invenção ao Florentino Bartolomeo Cristofori, no séc. XVIII. E' o mais completo instrumento de cordas e percussão, assim reunindo os dois primeiros tipos instrumentais. Quanto ao 3° — de sopro — este se manifesta na inspiração do pianista-compositor ou na execução de quem o interpreta com maior ou menor sensibilidade. Diz o Livro da Sabedoria (8,1) que "Deus age de um extremo a outro da terra com força e suavidade". Não é assim no piano contendo, de uma a outa extremidade das teclas, todos os sons, dos mais graves aos mais agudos? E sua suavidade é tal que o próprio nome a revela (piano, em italiano, significa suave). E já se chegou à perfeição de reduzir o piano a simples teclado eletrônico, o mesmo ocorrendo com o órgão.

Acentuemos, a esta altura, que a santa missa serviu de modelo à composição das óperas. Na estrutura do santo sacrificio há preparação, intervalos (durante o qual é proferida a homilia), pontos alto (Ofertório e Consagração) e despedida final. Ora, há, na ópera, prelúdio, intermezzo, momentos supremos e a parte final. Recorda a santa missa a vida, paixão, morte e ressurreição de Cristo que se entregou, heroíca e dramaticamente, pelo amor de todos os homens. Não é semelhante a temática da ópera, com o libreto que lhe narra o enredo também dramático, heróico e cheio de memoráveis lances de amor?

Fez a Música, sobretudo clássica, sentir ao cristianismo seu destino triunfal, destino que o aguarda no Porvir, dada a invencibilidade da Igreja de Cristo. Mas esse triunfalismo não é servil imitação do triunfo dos reis e imperadores

romanos, já que a Roma dos Césares se tornou a Roma dos Papas. Baseia-se em que Cristo é, de fato, Rei dos reis, como se vê das revelações do Apocalipse e, bem assim, do Salmo 109, todo ele visando ao Futuro distante mas fazendo vislumbrar, há milênios, o triunfo final de Cristo, Rei eterno e imortal dos séculos.

Em conclusão a este nosso estudo deixemo-nos defilhar, percutir e soprar pelo mavioso Deus Uno e Trino, comportando-nos quais dóceis e afinados instrumentos, seja de cordas, percussão ou sopro.

Deus nos golpeia, fere, flagela e bafeja à espera de que produzamos sons que lhe soem como agradáveis acordes. Saberá Ele tirar, da tensão de nossas dores, dos castigos que nos inflige (Deus prova os que ama) e dos ais e gemidos, choros e lágrimas desta "Vida em clave de dó" (como disse, em livro, assim intitulado, Zenaide Costa) as harmonias que nos integram, de corpo e alma, na Orquestração Universal por Ele dirigido como SUPREMO REGENTE e que transforma a grandiosa OBRA da Criação na majestosa ÓPERA da Glorificação que O exaltará para todo o sempre!

Rio de Janeiro, 1990

X

O PENSAMENTO DE AMIGOS DA ACADEMIA

PRODUÇÕES LITERÁRIAS DE ESCRITORES POTIGUARES

José Nazareno Moreira de Aguiar (")

A Fundação José Augusto, instituição incentivadora das atividades culturais do governo do Rio Grande do Norte, fez o lançamento dos seguintes livros de escritores norte-riograndenses:

I - "O Comércio das Palavras", de Américo de Oliveira Costa, (natural de Macau), II - "Velhas Oiticicas", de Pery Lamartine, de Caicó, III - "Terra Natalense", de Olavo de Medeiros Filho, de Caicó, IV - "Além das Salinas", de Gilberto Avelino, de Macau.

Convidado pelo diretor desta revista, acadêmico João Wilson Mendes Melo, para sermos um dos colaboradores da mesma, com liberdade de escolher o tema a ser abordado, deferência que muito nos honra, aproveitamos aquele evento, de cunho eminentemente intelectual, para escrever estas despretenciosas apreciações. O assunto bem se ajusta à finalidade e orientação deste órgão, porta-voz da instituição que representa — Academia norte-rio-grandense de Letras — centro congregador e divulgador das produções literárias e científicas dos conterrâneos do grande Luis da Câmara Cascudo.

Evidentemente, a nossa opção foi gratificante não apenas por tratar-se de tema ligado à vida literária de ilustres amigos, mas igualmente inerente à nossa vocação intelectual, no exercício de ler e escrever, fascinante entretenimento que já nos fez editar livros. Não fôra a nossa formação cultural, adquirida desde a meninice e adolescência, com o agradável hábito de leituras, não nos colocaria dentro do velho e sábio axioma: quem disso usa, disso cuida. Então, sintimos prazer em nos dedicar a leituras selecionadas, de obras de autoria de escritores brasileiros e portugueses, em verso ou em prosa, no gênero diversificado de que é rica a literatura do Brasil e Portugal.

Fiel à nossa condição de memorialista, impossível esquecer, nesta oportunidade, os longínquos tempos vividos nestes nossos setenta anos, ao relembrar os belos decênios de estudante, sempre preso ao passa-tempo de leituras, fossem obras de ficção, história, ciência, aventuras policiais, romanescas, intercaladas com os deveres escolares, sob a advertência de nossos pais para não nos descuidar das lições e deveres do colégio Santo Antônio, Escola Técnica de Comércio e cursos dos professores Clementino Câmara, Fontes Galvão e Pedro Alcântara.

A convivência com colegas e amigos mais velhos, levou-nos a frequentar salões de leituras, dos quais nos recordamos as bibliotecas públicas e escolares, do Centro Estudantal Potiguar e Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. Ao atingirmos o estágio de nossa formação religiosa, na qualidade de Congregado Mariano e militante da Ação Católica, não esquecemos de procurar aprofundamentos nos conhecimentos da Bíblia, na história da Igreja e vida dos santos, através de leituras, palestras e conferências de doutos pregadores. Foi outra fase marcante de nossa existência, que confiamos em Deus assim permaneça até os nossos últimos dias, trazendo alegria para nossa família, garantindo-nos, certamente, segura passagem desta para a vida eterna.

Não poderiamos esquecer e exaltar o valor que o jornalismo exerceu sobre nossa formação profissional, vez que ainda muito jovem fomos conduzido pelo mestre Ulisses Celestino de Gois para trabalhar na redação do diário "A Ordem, sob a direção de experientes jornalistas, a começar por Oto de Brito Guerra, Francisco Veras Bezerra e Joaquim Gomes Meira Lima, às vésperas do lançamento do primeiro número daquele matutino, a 14 de julho de 1935. Com o decorrer do tempo, teriamos de confirmar a opinião de grandes brasileiros, de que a redação de jornal é a mais importante fonte descobridora de escritores.

Deixando de lado nossas reminiscências, analisaremos os trabalhos daqueles escritores, já conhecidos pelo público e aplaudidos pela crítica.

I — "O Comércio das Palavras", de Américo de Oliveira Costa (II volume), é uma continuação de seu magnífico livro de pesquisa "A Biblioteca e seus habitantes", que proporciona ao leitor erudito manancial de conhecimentos literários, selecionados pelo bom gosto e cultura de um estudioso e amante das letras, tornando-se sempre repositório a nos seduzir quando desejamos abrilhantar nossas produções literárias ou demonstrar aos amigos um pouco de nossa cultura.

Embora o comércio nos faça entender que seja o intercâmbio mercantil entre vendedor e comprador, sob o ponto de vista intelectual, lembra Shakespeare que é o colóquio entre o Autor e o Leitor, pensamento este inteligentemente traduzido por Américo de Oliveira Costa, para designar o seu livro. Teriamos muito a mencionar, a propósito dessa linha de pensamento filosófico, a respeito do relacionamento entre escritores e leitores, guardados o valor intelectual dos primeiros e a sensata interpretação destes últimos.

As belezas de uma obra aparecem sempre mal na primeira leitura. É preciso, na mocidade, ir entre os livros como se vai pelo mundo, para aí procurar amigos, mas esses amigos encontrados, escolhidos, adotados, é preciso isolar-se com eles. Ser o familiar de Montaigne, de Saint-Simon, de Ritz, de Balzac ou de Proust, basta pra enriquecer uma vida "Vale melhor conhecer perfeitamente alguns escritores e alguns temas do que superficialmente um grande número de autores". E para concluir essa orientação, o próprio Américo lembra Montaigne: "a melhor maneira de polir o próprio cérebro é esfregá-lo nos dos outros". Muita razão têm inúmeros autores quando afirmam: "sou eu mesmo a matéria do meu livro".

As citações selecionadas e incluídas no "Comércio das Palavras" proporcionam satisfações aos leitores, como estas que destacamos. "A França é velha, tem perfume, sabor, "bouquel", a pátina das coisas antigas. Ela tem humanidade, o que New York não tem. Paris era construída para a eternidade e New York apenas para o presente". Numa comparação entre Roma e Stámbul, alguém

disse ser santa Sofia a mãe de todas as igrejas e mesquitas, mas a réplica escolheu Roma por ter ela a luz de beleza absoluta. A chegada do monsenhor Joaquim Honório no céu foi uma festa. Ele faleceu a 1° de novembro 1966 (festa de Todos os Santos) e São Pedro ao reconhecê-lo, dize-lhe com especial ternura: "entra, Honório. Você não precisa pedir licença".

Candido Portinari quando trabalhava na sua famosa capela de Bodosqui recebeu a visita de um bispo da região, que depois de olhar demoradamente as pinturas das imagens não gostou e fez alguns reparos sobre o desenho das imagens. Portinari ouviu calado e respondeu apenas: "o senhor na sua profissão é bispo. Eu, na minha, sou papa".

II — "Velhas Oiticicas", de Pery Lamartine, título muito apropriado para este livro de memórias, que recorda com emotiva exatidão os idos tempos do menino seridoense.

É de uma oportunidade patente o trabalho desse veterano escritor de coisas sertanejas, agora que muito se estuda e fala em assuntos ligados à ecologia, principalmente valorizando-se a fauna e flora nordestina. O autor empresta sua valiosa colaboração à campanha educativa em prol de tudo que a natureza produz em benefício do homem e da riqueza do Brasil, colaboração essa que tem valor inestimável, porque firmada por um filho de sertanejo, criado e educado nos sertões.

Na afirmação do próprio Pery, trata-se de um trabalho inspirado naquelas imensas árvores dos aluviões do Seridó, sempre verdes e acolhedoras mesmo nos períodos de seca. As oiticicas simbolizam o "seridoense, com seu espirito acolhedor, generoso, firme de caráter e acima de tudo telúrico", motivo pelo qual o autor presta-lhes uma justa homenagem. Os personagens são verdadeiros, inclusive os animais, com os quais o escritor conviveu, embora ninguém podesse precisar a idade das gigantescas árvores, de troncos retorcidos pela ação do tempo e de grossura descomunal, mas cobrindo-se de flores e frutos. O amor pelas velhas oticicas fez com que Pery Lamartine escrevesse um poema, que foi musicado por Roberto Lima e gravado em disco pelo projeto Memória n° 3, da UFRN, na administração do Reitor Diógenes Cunha Lima, interpretado pela cantora Lucinha Lira.

O livro recorda a vida de seus pais, irmãos, tios e outros parentes, sem esquecer que o seu pai, Clovis Lamartine, ensinava-lhe tratar bem os animais e árvores, sem contudo falar que aquilo era a verdadeira ecologia. Muitas outras coisas ligadas à vida do campo era ensinada ao garoto, quando ele acompanhava-o em suas longas caminhadas, a cavalo ou a pé, examinando os serviços da lavoura, o capinsal e barreiros dágua, destinados ao gado. Sem esquecer, é lógico, o tratamento do gado leiteiro, tirar leite no curral, aplicação de remédios, os cuidados com as vacas amojadas e paridas.

Não fôra a dedicação ao trabalho, a fazenda do velho Clovis não seria auto-suficiente. Afirma que o pai era brigão e generoso, não cultivando, entretanto, inimizades, gostando de ajudar aos necessitados, de modo especial aos flagelados das secas. Lembra as duas grandes secas de resultados funestos no Rio Grande do Norte, de 1877 e 1932.

Há capítulo interessantes que nos fazem conhecer acontecimentos da vida sertaneja. Registremos este, embora sem envolvimento de pessoas, com excessão do Pery, que foi testemunha do mesmo. Numa manhã ensolarada, caminhava

ele por uma trilha de gado, quando teve a atenção desviada por um bando de cancão (pássaro grande e agressivo) que voavam da cerca para o chão. De um espaço livre, Pery observa que os pássaros estavam atacando uma grande cobra cascavel, a mais terrível das serpentes do Seridó. Pára e presencia uma cena de rara e selvagem beleza, pois os cancãs atacavam a cobra como se fôra uma esquadrilha de aviões de guerra, voando em círculos em cima da vítima, rentes ao chão. A serpente revidava, disparando para o ar botes rápidos e fatais, estalando seu maracá. Findou, entretanto, abatida, de papo para o ar, enquanto as aves sobrevoavam, soltando estridentes açoites, o seu canto de vitória.

III — "Terra Natalense", de autoria do mais novo historiador deste Estado, Olavo de Medeiros Filho, que vem se firmando, igualmente, como um dos nossos competentes pesquisadores. É funcionário aposentadado do Banco do Brasil, não tendo seguido, entretanto, a vocação científica do genitor, dr. Olavo Medeiros, que foi um grande médico, com vasta folha de serviços prestados à comunidade, deste e de outros municípios.

Sempre intercalando as ciências contábil e dos números, matéria exata por excelência, com a filosofia de pensadores e escritores, era natural que o autor tivesse vasto campo à sua curiosidade de jovem amante das letras, embora sem prejudicar sua carreira profissional, como bancário. Então, inteligentemente soube conciliar as preferências, conquistando vitoriosa carreira, até aposentar-se como chefe de serviço no principal estabelecimento de crédito do Brasil, firmando-se, igualmente, como um dos nossos seguros historiadores e pesquisadores, já com vários livros publicados.

Como pesquisador, enriquece a pequena lista de escritores potiguares que se dedicaram ao trabalho de colher informações em nossos arquivos e outras fontes históricas, dos quais se destacaram Luis da Câmara Cascudo, Hélio Galvão, Gumercindo Saraiva, Romulo Wanderlei, Manoel Rodrigues de Melo, Raimundo Nonato da Silva e Verissimo de Melo, Tarcisio Medeiros, Marlene Mariz e Claudio Augusto Pinto Galvão.

O livro "Terrra Natalense", na afirmativa do autor, é um passeio histórico pela cidade do Natal, que começa no ano de 1597, quando chegou às aguas do Potengi a armada trazida pelo capitão-mor Manuel Mascarenhas Homem, que pretendia a reconquista da Capitania do Rio Grande, da qual há anos tinham se apropriado os franceses. Todos os capítulos relembram a nossa história, destacando a construção da Fortaleza dos Reis Magos e os diversos nomes dados à atual cidade do Natal. Algumas fotos ilustram o interessante livro, que também destaca o progresso urbano de Natal, de 1614 a 1837 e aspectos rurais natalenses, naqueles recuados tempos.

Os capítulos Quinze e Dezesseis enfocam algumas informações sobre os escravos do Rio Grande do Norte, bem assim a botica do presídio, com a relação dos medicamentos usados.

Confirmando a extensão desse profícuo trabalho, o pesquisador consultou vinte duas fontes primárias de documentos arquivados no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, além de dezoito periódicos e vinte e cinco bibliografias, todos devidamente relacionados na parte final do mencionado livro.

Trata-se, portanto, de um trabalho de elevado valor para a história norte-rio-grandense, indispensável para uso e consultas de todos os estudiosos.

IV — "Além das Salinas", de Gilberto Avelino, que, como não poderia deixar de ser, é um excelente livro de poesia, para dar continuidade à sua produção poética, perfazendo com este seis volumes.

Não é de admirar, pois, que em todas as atividades intelectuais de Gilberto Avelino a poesia esteja presente, como reflexo de sua inteligência, bondade de coração e profundo humanismo, virtudes que o fazem um homem de carater retilíneo e amigo leal. Quem o conhece como cidadão, chefe de família, jurista e notável orador, sabe ser Gilberto merecedor de outros elogios, independentemente de sua inspiração artística.

Conciliando emoção e técnica na temática da poesia, prende-se fortemente aos motivos que a imensidão oceânica oferece, inspiradora da quase totalidade de sua obra, numa afirmação patente daquele que nasceu e conviveu sob os impulsos do mar de Macau, com "angulações da sua vida marinheira e apaixonada". A poesia de Gilberto Avelino é "pura e limpa como água da fonte, densa, compacta e sobretudo livre, amena, suave, penetrante, lírica", na afirmativa do escritor Manoel Rodrigues de Melo.

No prefácio que escreveu para "Além das Salinas", Nilo Pereira diz: "eu não pergunto a que escola, a que estética se filia Gilberto Avelino. Pergunto apenas: é poeta? Sim, substancialmente um poeta o nosso Gilberto Avelino. Poeta das salinas de Macau e de Areia Branca. Poeta do cotidiano em qualquer parte - além das salinas - se bem que o sal seja para ele um universo ecológico, assim como o açúcar é para mim a instigação de uma estesia que é o mundo todo da infância" Mais adiante, o prefaciador adianta: de qualquer maneira a água, salgada ou doce, está na sua poética. É uma constante. Vê o Nordeste ressequido": Afirma Nilo que Gilberto é um poeta moderno, sem peias na sua versificação, livre como um pássaro. Poeta dos melhores.

Os poemas do novo livro de Gilberto Avelino confirmam os seus méritos e comprovam a beleza de sua poesia.

Portanto, podemos subscrever a afirmativa de Joanilo Paula Rego —: "o seu canto é forte e eterno, é claro e belo. Se os tempos são breves e nebulosos, a poesia de Gilberto vence o calendário e as trevas".

(") Membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. Da União Brasileira de Escritores.

7.maio.91

RELEMBRANDO JOÃO MEDEIROS FILHO

Jomar Medeiros

Mais uma vez esta Casa, guardiã da história intelectual do Rio Grande do Norte, reverencia a memória de João Medeiros Filho. E a sua família, que cultua a sua imagem com fervor e muito orgulho, e um carinho imensurável, entemecidamente agradece. E de modo mais especial manifesta sua gratidão ao dr. João Batista Pinheiro Cabral, este seu amigo incomum que não tem poupado esforços no sentido de arrebanhar conceitos, impressões, passagens enfim, inéditas ou não, de sua vida tão fecunda. Chega a ser comovente o seu empenho. Também no meu próprio nome quero manifestar o meu reconhecimento e, em troca, lhe oferecer a minha afeição, eu que não o conheci pessoalmente ao tempo do seu relacionamento mais próximo com o meu pai, pois, possivelmente, terá ocorrido quando estive ausente do Estado. Sei que estou oferecendo muito pouco, mas é o que tenho para dar.

Já se disse antes que dissociar a pessoa de João Medeiros Filho do advogado é tarefa ingente, para não dizer impossível. Relembrar um é reviver o outro. O causídico mais denodado que conheci. Além de um dos mais brilhantes. Modéstia à parte. E nas minhas divagações sobre a sua trajetória chego a vizualizá-lo, uns vinte anos mais moço, fazendo uso de um computador para redigir suas petições, ele que entendia dever sempre demonstrar, ao Juiz da causa que defendia, o interesse filosófico, jurídico ou social do litígio; ele que por possuir uma sólida instrução básica jamais se descuidava da correção na linguagem; que se esmerava na escolha das palavras e dos epítetos; que nunca perdeu a elegância de estilo no escrever ou falar. Inclusive no Jurí, onde mais pontificou. É antológica, por exemplo, a sua tirada com um advogado, grande em preparo intelectual e também de corpo, e que por esta última grandeza tinha um apelido que muito lhe incomodava. Pois bem. Um dia eles se enfrentavam e papai desenvolvia sua tese de defesa em torno do mau uso de uma arma de fogo — tinha, inclusive, obtido de um renomado perito de São Paulo, um laudo sobre balística. O seu oponente querendo perturbá-lo perguntou, se ele, papai, entendia de calibre de arma. Serenamente disse que sim. O seu adversário, embora culto, insistiu e fez a pergunta que lhe seria fatal: qual o critério que ele usaria na escolha do calibre? A resposta veio fulminante e aparentemente inofensiva: "Depende,

se for animal de grande porte, e abriu os braços como se estivesse dando a idéia de uma dimensão, uso calibre 12. Foi uma hilaridade e uma dificuldade a recuperação do seu ativo opositor.

Decididamente não posso conceber o meu velho pai utilizando-se da informática para redigir suas petições, ele que costumava dá-las à publicação, via de regra, tal qual eram escritas, o que não é o comum, tanto que várias, assim no cível como no crime, se transformaram em livros. E não é que eu tenha ojeriza ao desenvolvimento tecnológico, que dele ninguém pode prescindir, mas me permito fazer a seguinte reflexão: seria possível, para Newton Navarro, ao escrever a condição humana de João Medeiros Filho, recorrer ao computador? A cultura pode, de alguma forma, se socorrer da tecnologia? Algo, além de uma mente lúcida, erudita, e infinitamente bondosa, poderia produzir páginas tão lindas? Que não devem ser apenas ouvidas, mormente quando não se tem boa memória auditiva, mas lidas e relidas em completa paz de espírito? E Veríssimo de Melo, valendo-se da informática, conseguiria comemorar os 80 anos de vida de papai simplesmente repetindo os 40 anos?

Ah meu velho pai de saudosa memória. Ele que quando completou a sua primeira série de 40 anos de vida estava em pleno apogeu de sua atividade intelectual. Que fazia festas memoráveis em seu aniversário natalício. Não me lembro se foi quando completou realmente a marca, ele que tanto dizia que a vida começava aos 40, que fez uma comemoração lá em casa que marcou época. Estava na cidade uma famosa artista de teatro, com a sua companhia, chamada Alma Flora, era linda, alta, morena, e tinha as pernas mais bonita já aparecidas nestas terras. Papai convidou-a e ela foi e gostou. Gostou ao ponto de ocasionar o retardamento da partida do navio no qual a companhia ia viajar. A nossa casa, na ocasião, ficava na Av. Rodrigues Alves. Além de espaçosa, tinha um terreno muito grande com frondosas mangueiras.

E foi em ambiente assim parecido que, ainda agora neste mês de maio, na casa do meu filho, à sombra de exuberantes cajueiros, que fiz uma comemoração com uns poucos amigos. É como dizem: a história sempre se repete. No caso, a repetição restringe-se à comemoração propriamente dita.

Mais se papai como quarentão gostava tanto de comemorar seu aniversário, com o passar dos anos, começou a mudar seus hábitos. Na véspera arranjava uma viagem dizendo que era para evitar homenagens. Sei não. Particularmente acho que era pelo horror que tinha da velhice, e não comemorando a passagem dos anos como que não tomava conhecimento da sua aproximação. E para termos uma pálida idéia de como ele só agia segundo os seus impulsos, narrarei o seguinte fato, aproveitando que ainda estou falando sobre aniversários. Um dia, já próximo dos seus 80 anos, lhe avisei que pretendia lhe dar de presente uma viagem de automóvel, durante 3 dias, para onde ele quisesse. Ele aceitou e não me transmitiu nenhum programa. Em um dia 29 de julho bem cedo fui apanhá-lo na Redinha. Ele então disse que queria ir a Jardim do Seridó fazer uma caçada, o que muito fizera entre os anos de 1927 e 1933. Lá chegando, por volta das 9 horas, procurei um amigo que possuia uma portentosa espingarda e fomos para o açude da Fazenda Sombrio, de Alínio Azevedo. O amigo foi para o outro lado do açude, de difícil acesso, e papai ficou do lado mais próximo,

na expectativa. Eu fiquei no alpendre de uma casa, vendo a cena. O amigo quando chegou à distância de tiro, fez fogo. Matou várias marrecas e o bando levantou vôo. Era a senha. Papai, na sua espera, no momento propício, deu o seu tiro. Em pleno vôo. Como fora sua especialidade. Não acertou em nenhuma. Estava encerrada a caçada. Disse na hora: Vamos a Campina Grande. Ponderei e ele ainda aceitou almoçar em Jardim. Em Campina ele me mostrou a rua onde nasceu e fomos para a Livraria Pedrosa, onde foi reconhecido e comprou alguns livros. Resolveu ir dormir em João Pessoa para em seguida ir a Recife. Foi o primeiro passo mediato que eu sabia iria tomar. Na Capital pessoense a primeira coisa a fazer, já no dia 30 bem cedo, talvez cedo demais, foi uma visita a Ozias Gomes, um seu colega de Faculdade. Depois fomos a uma livraria que ficava no térreo do Hotel Pálace, situado na Ponto Cem Réis, anexo a um grande bar. Na livraria encontrou Silvio Porto, um velho amigo, não sei se seu contemporâneo de Faculdade. Fomos para o bar, onde demoramos muito, não sei ao certo quanto tempo. Não tive tédio em ficar apenas como um expectador privilegiado ouvindo a conversa de dois homens inteligentes. Aliás, momentos assim em que ele ficava tranquilo e prazeirosamente conversando por um bom lapso de tempo, pelo menos nos últimos anos de sua vida, eram raros. José Valdenicio de Sá Leitão, por exemplo, foi um desses felizes interlocutores, eis que, um dia, quando ainda era do DNER, talvez no ano de 1974, quando ingressei na Magistratura, vim a Natal tratar de um assunto com ele e o convidei para irmos, à noite, visitar papai na Redinha ocasião em que tomariamos um bom Wiski do qual eu era o portador. José foi, não pelo wiski, é claro, embora ajudasse, mas como um velho amigo. Foram momentos agradabilíssimos. No dia seguinte, ao voltar para encerrar o assunto funcional, José fez questão de ressaltar os momentos maravilhosos passados com papai, frisando que fazia muito tempo que não o via tão ameno. Assim foi papai também com Silvio Porto, tanto que ele se deu por satisfeito com a viagem, desistindo de ir a Recife. Era desta forma que ele vivia. E era sob esta feição que nós o amávamos.

Cada povo tem seu costume de reverenciar seus mortos. Li certa feita que no México, por exemplo, no dia de finados, a família se reúne sobre o túmulo do pranteado e faz como que um picnic. Entre nós costumamos fazer uma visita na véspera a fim de aproveitar melhor o feriado, não sem antes mandar dar um polimento nos bronzes. A Academia Norte-Riograndense de Letras difere e opta por esta relembrança que mesmo homenageando um morto cuida de manter viva a obra do seu espírito. O que é muito mais valioso e agradável. Para mim então será sempre um prazer ouvir e falar sobre o legado do meu pai. É só começar. Tanto que quando Veríssimo de Melo me telefonou avisando desta seção e segeriu que preparasse um agradecimento de umas duas laudas, e sem que isto significasse uma limitação, pelo menos formal, cuidei de me prevenir selecionando folhas de um maior tamanho na tentativa de burlar a indicação, não afastada a hipótese de um eventual excesso no mínimo que me propunha a falar sobre a grande figura humana que em verdade foi João Medeiros Filho. Pelo visto, excedi-me, pelo que peço desculpas, contando, evidentemente, não ter causado enfado a VV.EE.

Concluo este meu agradecimento dizendo que a após a morte de meu pai fui até sua casa e me apropriei de alguns livros seus. Não muitos, talvez uns 30. Quase todos antigos. Aqui e ali, às vezes em uma bendita insônia, procuro lê-los. E tenho encontrado partes grifadas com veemência, até em vermelho, acrescentado de uma observação. E em uma dessas passagens encontrei o que só então me fez entender a ênfase por ele adotada em certos recursos formulados em sentenças que lhe foram adversas — No livro O ADVOGADO, de G. de Souza, que outro não é senão Mário Guimarães de Souza, ex-Ministro do Supremo, encontro às paginas 261, referindo-se a Rafhael Magalhães: "O Juiz deve ter a longaminidade necessária para ouvir com paciência as queixas, reclamações e réplicas, que a parte oponha aos seus despachos e sentenças. Apontar os erros do julgador, profligar-lhe os deslises, os abusos, as injustiças em linguagem veemente, é direito sagrado do pleiteante. O calor da expressão há de ser proporcionado à injustiça que a parte julgue ter sofrido.

Nada mais humano do que a revolta do litigante derrotado. Seria uma tirania exigir que o vencido se referisse com meiguice e doçura ao ato judiciário e à pessoa do julgador que lhe desconheceu o direito.

O protesto há de ser, por força em temperatura, alta.

O Juiz é que tem de se revestir da couraça e da insensibilidade profissional necessária para não perder a calma e não cometer excessos".

Muito obrigado.

(*) — Discurso pronunciado na Academia, no dia 16 de maio de 1991, por ocasião do lançamento do livro "Relembrando João Medeiros Filho", coletânea de artigos, organizados pelo professor da Universidade de Brasília, o norte-rio-grandense João Batista Pinheiro Cabral.

PENSAMENTOS EVADIDOS DE JORGE FERNANDES

Marcos Antônio de Moraes (*)

(AO MESTRE VERÍSSIMO DE MELO)

O que veio a se tornar, em 1927, o **Livro de Poemas**, brochura tosca de papel cinzento, impresso na Tipografia d'A Imprensa de Natal, fora antes concebido pelo poeta Jorge Fernandes com o nome de "Pensamento Evadido da Cella n.° 14 (Soneto)". "Evadido" foi ainda o substituto de "Liberto" que, rasurado pelo próprio poeta, pode ser entrevisto. Ao lado desta indicação na folha contendo datilografado o poema "Relógio", Jorge anota "nome do livro". Este poema, datado de março de 1926, em cuja folha aparece a intenção primeira do poeta natalense, e outros sete, entre os quais, quatro deles inéditos em livros, foram enviados ao escritor paulista Mário de Andrade, um dos idealizadores da Semana de Arte Moderna de 1922. O arquivo de Mário, bem como sua biblioteca fazem parte hoje do acervo do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, onde estão guardadas preciosidades literárias de todos os cantos do Brasil. Do Rio Grande do Norte, o autor de **Macunaíma** conservou em seu arquivo escritos de Luís da Câmara Cascudo e estes poemas de Jorge Fernandes.

O poeta de São Paulo, cidade das "dez mil milhões de rosas" e "das neblinas finas", epicentro cosmopolita porque mantida pelo poder econômico do café, num afã de "desgeograficar", busca subsídios culturais de toda sorte no imenso território brasileiro. Primeiro são suas cartas. Epistológrafo pontual, com seu jeito camarada e sincero de ser, vai fazendo amigos e obtendo informações sobre motivos musicais e manifestações folclóricas. Em Natal, corresponde-se com Cascudo que, conforme escreve a Manuel Bandeira em maio de 1926, era "um amigo do coração que no entanto nunca (vira) pessoalmente". Manifesta, na mesma carta, o desejo de visitar a Bahia, o Recife e o Rio Grande do Norte, viagem que, entretanto, não se realiza nesse ano.

É conhecida a relutância com que Mário deixava sua casa na Rua Lopes Chaves. Sempre avesso às viagens e sempre às voltas com dificuldades financeiras, só foi conhecer Natal nos anos seguintes. Na primeira vez, em agosto de 1927, de volta do Amazonas, numa parada de um só dia, Mário percorreu a cidade, abraçou Cascudo e não deixou de ver o poeta que no ano anterior lhe mandara alguns poemas. Escreve, então, no seu diário d' **O Turista Aprendiz**: "encontro com o poeta Jorge Fernandes na casa dele, encorujado".

Esta personalidade fugidia e humilde, conversadeira e boa, tão bem delineada em estudos de Veríssimo de Melo, atesta a primeira impressão do viajante paulista. Depois, Jorge, com sua originalidade nada procurada "(1) em poesia, passou a ser admirado pelo autor de **Paulicéia Desvairada**, que anunciava em carta que guardava os poemas dele "como dos mais interessantes dentre os de nosso Brasil de hoje(2)". A amizade fica selada quando o **Livro de Poemas** é enviado a Mário. Além da dedicatória já impressa, sinal de gratidão e respeito, Jorge escreve também: "Ao meu grande Mário o meu livro todo errado. 14.mar.1928. Jorge". O que estaria errado, o que teria dito o leitor atualizado das vanguardas européias ao espontâneo potiguar, para que este visse o próprio livro todo "errado"? Seria reminiscência de alguma conversa ou carta, ou apenas a modéstia deste homem encantado com o seu mundo pleno de sol e de aves canoras? "Errado" talvez, fosse o livro que se parecia com um caderno e que causou escândalo na provinciana Natal dos anos 20, como nos relata Veríssimo de Melo, livro diferente até no formato.

A leitura interessada de Mário deixou alguns apontamentos marginais no seu exemplar do **Livro de Poemas**. Já em "Remanescente", o primeiro poema, sublinhou a lápis preto o último verso da estrofe:

"Ah! Eu sou a remanescença dos poetas
Que morreram cantando...
Que morreram lutando...
Talvez na guerra contra o Paraguai!"

Logo abaixo, rabiscou as considerações: "Uma força ingênua que descobre traços como este, ridículos na aparência, porém nada ridículos na verdade. Simplesmente porque provém duma necessidade profunda do ser, duma lógica de pensamento tradicionalizado por certa forma na complexidade nacional. Traços assim já são um esboço de cultura nacional. Coisa que não são as evocações líricas propositadas do passado onde este age tematicamente por anteposição e não virtualmente por simultaneidade que nem aqui."

O "pensamento tradicionalizado" de uma cultura que ia custosamente se formando (representado no poema pela Guerra do Paraguai) contrapõe-se às visões exótico-históricas e idealizadas que principalmente os românticos cristalizaram. É, na verdade, o passado fazendo parte do hoje, e agindo no inconsciente dos Homens que os modernistas entendiam como premissa fundamental para a plena realização estético-cultural de uma nação que ainda não se conhecia nem ao menos geograficamente.

Páginas adiante, abaixo do ("Meu Poema Parnasiano",) novas reflexões: "Afinal das contas estes poemas "Parnasianos" não provam nada teoricamente contra o verso medido e nem mesmo contra o Parnasianismo. Mas provam tudo. Porque provam simplesmente que o Parnasianismo passou. Ficou mas foi o cacoete de caçoarem dele e isso me parece que precisa passar também". Uma leitura atenta desta série de seis poemas, a que Jorge Fernandes chamou de "Meu Poema Parnasiano nº", evidenciará que o "verso passadista", simbolizado pelo soneto, expressa a ordem e o equilíbrio. Se, por um lado, o soneto é fator de limitação ("cela"), por outro é signo de harmonia. Olhando ao seu redor, como se lê no "meu Poema Parnasiano sem número", o poeta se deixa envolver pelas sensa-

ções: "ligo a chave propulsora dos meus nervos pra melhor sentir toda a emoção que me rodeia..." e se espanta: tudo é desarmonia. O som ensurdecedor emudece Casimiro de Abreu:

"Ah! que saudade eu tenho (sic)
Da aurora da minha vida
Da minha infância querida...

Zim... (ligaram um dínamo de milhares de cavalos
e as polias giram e as máquinas abafam o último
verso da quadrinha....)"

O verso moderno, sem rima e sem metro, torna-se o porta-voz desse mundo pleno de contrastes que o poeta estupefacto apreende. Jorge lamenta a impossibilidade de fazer versos "passadistas" ao perceber o anacronismo das musas do Parnaso na era dos aeroplanos que ultrapassavam o próprio Olimpo. Lastina também sua impotência:

"Que vontade de produzir sonetos...
Trancar-me nos quatorze versos."

Diante do moderno e da temática da qual ele é força motriz, o poeta espelha as contradições e acaba reconquistando o equilíbrio perdido. Inconscientemente, Jorge Fernandes é o Gedeão nordestino que nasceu sob o signo do mundo tecnizado (!), concebido por Marinetti, mas que apregoa as diferenças. O mesmo eu-lírico que louva a tarde potiguar "cheia de fogo, Tarde cheia de núvens vermelhas no poente...",observa intrigado o "vai-e-vem de overlands, buiques e chevrolés...". Ao que tudo indica, Mário capta a razão do título ", "Parnasianos" , isto é, a atitude de Jorge Fernandes como um denunciador do anacronismo e que não desdenha o verso metrificado. O poeta dos aviões e das paisagens nordestinas encontrou, no verso livre, a expressão da modernidade, uma nova harmonia. Tudo intuitivamente, espectador sempre, sem o cabedal de leituras de Mário. Este, ao repreender a geração modernista por utilizar o "cacoete" parnasiano, está sendo coerente com a postura poética tomada já no "Prefácio Interessantíssimo" do **Paulicéia Desvairada** de 1922.

Não menospreza os "bailoiços dançarinos de redondilhas e decassílabos. "Explica: "Acontece a comoção caber neles". Percebe-se que também Jorge Fernandes não emprega o termo "Parnasiano" como "cacoete", que é sinal de um passado lírico-formal a ser repudiado, mas como o símbolo da perfeição a ser reconquistada numa outra ordem de valores.

Sobre o poema "Mão Nordestina", aparece a marca incisiva de Mário: "Duma pureza e simplicidade impressionantes", frase que, reformulada, servirá de comentário para o mesmo poema em artigo do **Diário Nacional** de 15 de abril de 1928, dedicado, em parte, ao **Livro de Poemas.**Outros apontamentos destacam-se, Em "Tetéu", o poeta paulista anota "Zoof.", indicando a intenção de aproveitar a seqüência de onomatopéias para o estudo das vozes dos animais que acabou não concluindo. "Meu Poema Parnasiano nº 4" traz manuscrito "violão", destinado ao **Dicionário Musical Brasileiro,**de publicação póstuma. Traços e cruzes espalham-se pelo livro de folhas cinzentas, revelando pontos de interesse ou de importância.

No artigo do **Diário Nacional** citado, a percepção crítica arguta acusa irregularidades no livro, mas o tom elogioso sobressai: "(...) absolutamente notá-

vel. Ninguém jamais não surpreendeu feito ele, com tanta simplicidade a vida de animal brasileiro". E mais adiante: "O **Livro de Poemas (...) traz coisas** admiráveis (...); cristalizações, essências duma precisão que só Manuel Bandeira consegue às vezes".

À ensolarada Natal, Mário de Andrade retornou naquele mesmo ano de 1928, em dezembro. Vinha recolher temas **de Cocos e** Bois, estudar as configurações dos Catimbós e a coreografia de manifestações folclóricas. Apaixonou-se pela cidade "com seus 35 mil habitantes", **que conseguia manter um "ar** de chacra" e "dar conforto praceano". Admirou-se dessa gente que, como as aves inspiradoras de Jorge Fernandes, cantava sempre e muito, num prazer langoroso da vida "dorminhoquenta". Chupou uma enormidade de cajus e fez apologia deles para os leitores do **Diário Nacional.** Do bairro alto do Tirol onde esteve hospedado, deslocou-se no dia 28 de dezembro até o Catimbó de Dona Plastina, no Alecrim. Lá, mestre Carlos fechou seu corpo. Neste período que foi de 14 de dezembro a 27 de janeiro de 1929, o "dotô de São Paulo que veio studá Boi", como dizia a gente do povo respeitosa, reviu amigos e fez outros: Cascudo, Antônio Bento, Barôncio Guerra, Edgard Dantas **Nunes** Pereira, Cristóvan Dantas, além de inúmeros cantadores. Inquieto, foi ver de perto o interior do estado: Bom Jardim. Cunhaú, Arez, Macau, Augusto Severo, Martins... Desta visita nasce a crítica a Euclides da Cunha: "Pois eu garanto que **Os Sertões** são um livro falso. A desgraça climática do Nordeste não se descreve. (...) Euclides da Cunha transformou em brilho de frase sonora e imagens chiques o que é cegueira insuportável deste solão; transformou em heroísmo o que é miséria pura, em epopéia (...). Deus me livre de negar resistência a este nordestino resistente. Mas chamar isso de heroísmo é desconhecer um simples fenômeno de adaptação. Os mais fortes vão se embora." (1).

Foi exatamente um dos poemas de Jorge Fernandes que Mário utilizou para ilustrar a fuga do nordestino para o eldorado "sul", na crônica datada de "Natal, 19 de dezembro, 19 horas". O **Turista Aprendiz** retorna ainda uma vez a seu amigo nas páginas do **Diário Nacional**: "é homem feito e vivido. (...) Viveu tudo isto por aqui e viveu de verdade, ficou tudo impresso na carne dele que é memória mais viva e menos literária". (2) Mário trabalha incansavelmente anotando músicas e melodias. A paixão pelo Rio Grande do Norte impregnará a obra marioandradiana. Chico Antonio, o cantador de Cocos, por exemplo, será a personagem principal do romance **Café** e das "lições" da **Vida do Cantador.** Ambos ainda inéditos em livro.

Pouco antes de partir, o presidente do Estado, Juvenal Lamartine doa-lhe, reconhecido, um terreno com uma casinha em Areia Preta. Parte pesaroso: "vou comprido, com esse desaponto vasto de quem deixa o que quer bem, me prolongando pelas quietudes de Natal". (3) Anos mais tardes, pelo menos por duas vezes, planejou voltar ao nordeste. Em 1930, confidencia a Manuel Bandeira: "Meu sonho agora é a minha casinha pequenina de Natal. Este ano ajunto dinheiro e faço um tapiri de cinco contos e uma rede" (1). Em 1933 (?) antecipa no inquérito à editora norte-americana Macaulay que fará "uma viagem bastante curiosa pelo sertão de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte, estudando o fenômeno das secas e do banditismo (...) (2)". Contudo, o amigo de Cascudo e Jorge Fernandes nunca mais aí retornou.

A revelação, agora, destes "pensamentos evadidos" (3) reaviva um pouco o bem querer deste paulista "cabotino" pela terra e pela gente do Rio Grande do Norte.

São Paulo/Porto Feliz, em dias ensolarados à semelhança de Natal. Dez/90 e Jan/91

(x) - Pesquisador estagiário do Instituto de Estudos Brasileiros da USP, sob orientação de Telê P. Ancona Lopez.

1 - ANDRADE, Mário de - Cartas a Manuel Bandeira, RJ, Simões.
2 - ANDRADE, Mário de - Entrevistas e Depoimentos. Ed. Org. por Telê Porto Ancona Lopez, S.P., T. A. Queiroz, Editor, 1983.
3 - Dos quatro poemas inéditos em livro, "Canção ao Sol" aparece na revista **Verde** de Cataguases n° 5.

Capa: Dorian Gray

Programação Visual: Juliel Péres Galvão

Impresso no CEFN - Fone: (0xx)224-2200